



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NÚCLEO LOCAL- UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (PROF-FILO)
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência no Centro de
Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o *WhatsApp*

São Luís
2021

EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência no Centro de
Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o *WhatsApp*

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PROF-FILO) como requisito para obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientadora: Dr^a. Franciele Monique Scopeto dos Santos

São Luís
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Teixeira, Edna Cristina Leite.

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência
no Centro de Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o
WhatsApp / Edna Cristina Leite Teixeira. - 2021.

162 p.

Orientador(a): Franciele Monique Scopetc dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Rede - Mestrado Profissional em Filosofia/cch,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Ensino de Filosofia. 2. Inteligência Coletiva. 3.

WhatsApp. I. dos Santos, Franciele Monique Scopetc. II.

Título.

EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência no Centro de
Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o *WhatsApp*

Dissertação apresentada como requisito para o título de mestrado profissional no Curso de Pós-Graduação em Filosofia no Programa PROF-FILO da Universidade Federal do Paraná/Universidade Federal do Maranhão, pela seguinte banca examinadora.

Orientadora: Dr^a. Franciele Monique Scopetc dos Santos

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Dra. Franciele Monique Scopetc dos Santos
(Orientadora PROF-FILO, UFMA)

Dr. Acildo Leite da Silva
(Titular-membro do PROF-FILO, UFMA)

Dr. Domingos Mendes Ribeiro Junior
(Titular-membro do PROF-FILO, UFMA)

São Luís
2021

*Dedico este trabalho a minha mãe, Elza,
amor da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

Aos meus pais, minha irmã, irmão e meus sobrinhos, pela compreensão e apoio em todos os momentos da minha vida. A Isabel, Raquel, Tereza, Andrea e Lidiane por serem os anjos da minha vida.

A minha amiga Cecília, pelas conversas filosóficas, me incentivando cheia de entusiasmo e luz nas horas que eu mais precisava, sempre pronta em ajudar.

A minha professora orientadora Franciele Monique Scopetc dos Santos pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

A todos os meus amigos do curso de pós-graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo. Em especial a Débora, Eline, Hélison e Zeabel. Também quero agradecer aos professores do PROF-FILO pertencentes ao núcleo da Universidade Federal do Maranhão, que demonstraram estar comprometidos com a qualidade e excelência do ensino.

[...] se nos engajássemos na via da inteligência coletiva, progressivamente inventaríamos as técnicas, os sistemas de signos, as formas de organização social e de regulação que nos permitiriam pensar em conjunto, concentrar nossas forças intelectuais e espirituais, multiplicar nossas imaginações e experiências, negociar em tempo real e em todas as escalas as soluções práticas aos complexos problemas que estão diante de nós (LÉVY, 2015, p.17).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de análise uma investigação acerca do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC como recurso didático para o ensino de Filosofia por meio do *WhatsApp* numa perspectiva sobre o desenvolvimento da inteligência coletiva. E, como objetivo geral: analisar o uso do *WhatsApp* como recurso didático nas aulas de Filosofia na escola pública estadual C.E. Vicente Maia como mediação para aprendizagem filosófica. Quanto à metodologia esta pesquisa é de natureza explicativa e qualitativa, fundamentada em estudos bibliográficos, documentais e pesquisa de campo realizada com alunos de duas turmas do Ensino Médio do Centro de Ensino Vicente Maia em São Luís- MA. Os instrumentos utilizados foram questionários abertos e fechados direcionados aos alunos a fim de investigar o uso das TDIC na escola e, mais especificamente, na disciplina de Filosofia, assim como, as questões referentes às condições socioculturais dos participantes. Como referencial teórico de análise destacam-se autores como: Lévy (1993, 2010, 2015), Castells (2003), Moran (2012), Belloni (2012), Cupani (2016), Cerletti (2009), Latour (2012) e outros que discutem a temática. A pesquisa parte da hipótese de que as TDIC na área educacional contribuem com o ensino e aprendizagem filosófica e para a construção e reconhecimento da inteligência coletiva no ciberespaço. Considera-se nesta pesquisa as novas configurações exigidas no campo educacional frente à pandemia da COVID-19 o que redimensionou a educação para os moldes remoto e híbrido.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino de Filosofia; TDIC; *WhatsApp*; Inteligência Coletiva.

ABSTRACT

This research aims to analyze an investigation into the use of Digital Technologies of Information and Communication - TDIC as a didactic resource for teaching Philosophy through WhatsApp in a perspective on the development of collective intelligence. And, as a general objective: to analyze the use of WhatsApp as a didactic resource in Philosophy classes at the state public school CE Vicente Maia as a mediation for philosophical learning. As for the methodology, this research is of an explanatory and qualitative nature, based on bibliographic, documentary and field research carried out with students from two high school classes at the Vicente Maia Teaching Center in São Luís-MA. The instruments used were open and closed questionnaires aimed at students in order to investigate the use of TDIC at school and, more specifically, in the Philosophy discipline, as well as questions regarding the sociocultural conditions of the participants. As a theoretical framework for analysis, authors such as Lévy (1993, 2010, 2015), Castells (2003), Moran (2012), Belloni (2012), Cupani (2016), Cerletti (2009), Latour (2012) and others who discuss the theme. The research is based on the hypothesis that TDIC in the educational area contributes to philosophical teaching and learning and to the construction and recognition of collective intelligence in cyberspace. This research considers the new configurations required in the educational field in the face of the COVID-19 pandemic, which redimensioned education for remote and hybrid models.

KEYWORDS: Education; Philosophy teaching; TDIC; Whatsapp; Collective Intelligence;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID - Corona Vírus Disease

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNE - Conselho Nacional Educação

ENEM - Ensino Nacional do Ensino Médio

EAD - Educação a Distância

GPS - Sistema de Posicionamento Global

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

TAR - Teoria Ator Rede

TDIC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

WWW - World Wide Web

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

Índice de Tabelas

Tabela 01:Infraestrutura da escola.....	15
Tabela 02: Vantagens e desvantagens do uso do <i>WhatsApp</i>	76

Índice de gráficos

Gráfico 01: Crescimento do número de usuários do WhatsApp	75
Gráfico 02: O COVID-19 (%).	94
Gráfico 03: Afinidade com a Filosofia (%).	95
Gráfico 04: Quanto ao uso de recursos didáticos (%).	97
Gráfico 05: <i>Quanto ao uso do celular como recurso didático pedagógico (%)</i>	98
Gráfico 06: Quanto ao uso da internet na escola (%).	101
Gráfico 07: Proeficiência média em língua Portuguesa 5º ano (%).	111
Gráfico 08: Proeficiência média em língua Portuguesa 9º ano (%).	111
Gráfico 09: Renda Familiar(%).	112
Gráfico 10: Sobre os debates	114

Índice de figuras

Figura 01: Atividade sobre Filosofia Pandemia.....	106
Figura 02: Atividade sobre Filosofia e Pandemia	106
Figura 03: Atividade elaboração de memes.....	107
Figura 04: Atividade elaboração de memes	108
Figura 05:Atividade mapa mental.....	109
Figura 06: Atividade mapa conceitual	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 INTELIGÊNCIA COLETIVA NA ESCOLA: uma possibilidade na sala de aula	22
2.1 Definição e importância da inteligência coletiva.....	22
2.2 A Web como ferramenta para a construção da Inteligência Coletiva.....	311
2.2.1 A virtualização e seus desdobramentos.....	41
2.3 Ágora virtual.....	477
3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO DE FILOSOFIA	533
3.1 O uso das TDIC nas práticas de ensino.....	533
3.2. As TDIC como recurso didático para o ensino de Filosofia.....	622
3.3 O aplicativo <i>WhatsApp</i> como mediador de interatividade.....	743
3.4 O ensino filosófico como aprendizagem mediatizada.....	79
4 O ENSINO DE FILOSOFIA NO CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA: uma experiência mediada pelo <i>WhatsApp</i>	888
4.1 Estrutura e funcionamento do <i>lócus</i> da pesquisa.....	89
4.2 Caminhos metodológicos.....	911
4.3 Análise dos sujeitos participantes: alunos.....	955
4.4 Desenvolvimento da aprendizagem filosófica via <i>WhatsApp</i>	1022
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11717
REFERÊNCIAS	121
21	
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Um dos motivos propulsores para desenvolver esta temática floresceu a partir da experiência como tutora à distância e professora da disciplina de Filosofia da rede pública estadual e Universidade Estadual do Maranhão respectivamente, do município de São Luís, desde 2009, na qual foram confrontados inúmeros desafios frente às tecnologias e sua presença na Educação institucional. Como tutora, pude participar da implantação da Educação a Distância (EAD) e difusão tecnológica no Maranhão que se apresentou como algo inovador que oportunizou e ampliou o acesso à Educação, por outro lado, como professora do Ensino Médio estadual, pude compartilhar dos relatos dos professores de diversas áreas do saber como algo negativo tanto pela dificuldade em manusear as ferramentas tecnológicas quanto pelo próprio preconceito de inserir ferramentas disponibilizadas pela maioria dos membros escolares, como por exemplo, o celular no processo ensino – aprendizagem culminando na difícil inserção das tecnologias, em suas práticas pedagógicas.

Nesse aspecto, o Estado acabou por fortalecer essa visão com a portaria nº1474¹, de 20 de agosto de 2019 que proibia o uso do celular na sala de aula, salvo quando estivesse contido no planejamento da escola. Nessa perspectiva vivencial, proibitiva e desafiadora, houve o interesse em aprofundar a real possibilidade de ensinar Filosofia através do celular/*WhatsApp* como recurso didático com alunos do 2º Ano, sendo este o objeto de estudo desta pesquisa.

A realidade virtual² proporcionada pelo desenvolvimento e uso das novas tecnologias tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea por se tratar de um fenômeno sociocultural específico e emergente que vem se mostrando cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas por todo o planeta. Neste contexto, surgiu o *WhatsApp*,³ em 24 de fevereiro 2009, hoje com 11 anos.

¹ Portaria do governo do Estado do Maranhão sobre o uso do celular em sala de aula.

² O conceito do termo virtual como algo que existe como realidade “reconhecível” e “representável”, mas que, em um movimento de desterritorialização, passa a existir como dimensão que não ocupa um local definido dentro de um espaço. O virtual seria, para Lévy (1996), aquilo que possui existência definida sem estar materialmente presente. Uma página de internet, por exemplo, possui existência e pode ser acessada em qualquer lugar do mundo, mas não está presente em um local específico, a não ser dentro da própria dinâmica desterritorializada da Rede.

³ Um aplicativo que pode ser instalado em várias plataformas: *Android*, *BlackBerry OS* (sistema operacional dos celulares *BlackBerry*), *iOS* (sistema operacional da *Apple* para seus *smartphones*,

Foi Jan Koum⁴, ucraniano que mudou para os EUA aos 16 anos com a mãe, fugindo de uma crise política e antissemita em seu país de origem, que criou o *WhatsApp Inc. (Whats Application Incorporation)*. Só que o aplicativo não deu muito certo no início, tanto que, depois de um mês do seu lançamento, Koum confidenciou ao amigo Acton, a intenção de desistir desta ideia e procurar emprego. Acton o orientou a ter paciência e esperar mais alguns meses. Em novembro de 2009, o *WhatsApp* foi lançado para os usuários de Iphone. Dois meses depois, o aplicativo também estava disponível para as pessoas que tinham um *smartphone* da *BlackBerry*⁵. Os dois amigos, depois de saírem do *Yahoo*⁶ e tentarem emprego no *Facebook*, não conseguindo ser aceitos pela empresa, tentaram no *Twitter* e não tiveram sucesso. Somente depois da criação do aplicativo que se tornaram famosos.

O nome *WhatsApp* vem da expressão *What'sUp?* Que, significa “E aí?” ou “tudo bem?”. Esta foi a primeira ideia de nome pensada por Koum, afinal, o aplicativo é de bate-papo e, nada mais casual, que começar uma conversa perguntando se está tudo certo com a outra pessoa. No dia 19 de fevereiro de 2014, o *Facebook*⁷ comprou o *WhatsApp* por 22 bilhões de dólares. Tanto Koum, quanto Acton, foram incorporados ao conselho administrativo da rede social.

Neste íterim, não se pode deixar de analisar a influência deste aplicativo na vida das pessoas, assim supõe-se que a tecnologia tende a potencializar as habilidades de qualquer sujeito. A modificação da realidade e a transformação da

Ipad), *Symbian* (sistema operacional da Nokia), *Windows Phone* e *Nokia*. Ele possibilita mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em *Portable Documents Format (PDF)*, e fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a *internet*. Possibilita a comunicação de milhares de pessoas. Sua versão *desktop* já é viável desde 2015, pelos navegadores *Google Chrome* e *Ópera*.

⁴ Koum em 1997, começou a trabalhar na *Ernst and Young* como testador de segurança e pouco depois conheceu sócio Brian Acton. O amigo levou Koum para o *Yahoo* e lá ele ficou por nove anos, chegando à gerência de engenharia de infraestrutura. Brian Acton nasceu em 1972 em Michigan, nos Estados Unidos. Estudou na *Stanford University*, onde se formou no curso de Ciências da Computação. Tem uma longa carreira e trabalhou em várias organizações foi Acton quem investiu US\$ 250 mil como financiamento inicial da *WhatsApp Company*. Antes disso, de acordo com o seu feed pessoal no *Twitter*, a Acton foi recusado de empregos em empresas como *Twitter* e até o *Facebook* no mesmo 2009. (COSSETI, 2020)

⁵ *BlackBerry* é uma linha de smartphones e tablets criada pela empresa canadense *BlackBerry* (antiga *Research in Motion*). Tais aparelhos são conhecidos por serem focados no mercado corporativo, possuindo funções que permitem a produção de conteúdo profissional em qualquer lugar. Deixando de fabricar em 2016. (ALMENARA,2021)

⁶ O *Yahoo!* é uma empresa multinacional que opera serviços variados na internet. Entre os mais famosos estão seu portal de e-mail - *Yahoo Mail* -, o fórum de perguntas e respostas '*Yahoo Respostas*', e seu serviço previsão de tempo - *Yahoo Tempo*. Criada em 1994, a fabricante tem muitos de seus produtos relacionados a pequenas iniciativas da internet que foram compradas e incorporadas a eles. (ALECRIM, 2017)

⁷ O *Facebook* é a maior rede social de todo o mundo, contando com 2 bilhões de usuários ativos em todo mundo.

interação entre as pessoas são situações que pedem uma reflexão sobre os possíveis desdobramentos que a tecnologia proporciona ao sujeito que a internaliza.

Acredita-se na capacidade do aplicativo *WhatsApp* em desenvolver as condições para os alunos se interessarem e se tornarem mais críticos. Esta é uma temática que a Filosofia não pode se abster de refletir, principalmente em se tratando de uma mídia social que a maioria das pessoas utiliza.

Com a necessidade de repensar a prática educativa que possa dialogar com a realidade (BRASIL, 1996), rompendo com a forma tradicional de ensino e aprendizagem, despertou-se o interesse em utilizar o *WhatsApp* nas aulas de Filosofia como um recurso didático. Surgiu, principalmente, da inquietação no C.E. Vicente Maia, no bairro Anjo da Guarda, frente ao avanço tecnológico e das mídias sociais na escola, onde a maioria dos alunos utilizam os celulares em sala de aula, e torna-se desafiador aliar o entretenimento trazido pelas tecnologias com o interesse pela Filosofia.

O Centro de Ensino Vicente Maia, dispõe de 50 minutos semanais para a disciplina de Filosofia nas turmas do segundo ano do Ensino Médio, contando com uma infraestrutura demonstrada abaixo com dados da Secretaria da escola de 2020:

Tabela 01: Infraestrutura da escola

MODALIDADE	TURMAS	QUANT. DE ALUNOS
Ensino Regular (manhã/tarde)	19	655
Educação de jovens e adultos -EJA (noturno)	05	212
Educação Profissional (noturno)	02	78
TOTAL	26	945

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A oferta da disciplina de Filosofia no currículo escolar aparece com uma carga horária reduzida e semanal, o que se alia com o desinteresse dos alunos pela

Filosofia, além do apego⁸ aos *smartphones*, mídias sociais e *games*. Considerando-se esses impasses, a pesquisa delineou alguns questionamentos norteadores partindo do princípio de uma inteligência coletiva no ambiente escolar, possível através do reconhecimento desse espaço como um espaço de construção e valorização dessa inteligência coletiva: a introdução do *WhatsApp* nas aulas de Filosofia poderá ir além do aspecto motivacional para uma aprendizagem filosófica e interativa conjunta no ciberespaço?

O *WhatsApp* está ao alcance de muitas pessoas que possuem um *smartphone* e, também, acesso à internet. Tendo em vista ser um aplicativo que permite algumas facilidades: conversar por mensagens, ligações, criação de grupos, envio e compartilhamento de vídeos, músicas, imagens, de tal modo que consegue seduzir os adolescentes, mantendo-os conectados por muito tempo.

Aqui vê-se a tecnologia como um importante mecanismo auxiliador na educação básica; nesse contexto, pretende-se compreender se o *WhatsApp* oferece benefícios para aprendizagem filosófica e quais os possíveis desafios que o seu uso apresenta.

Galimberti (2015) adverte que o ser humano, ao fazer uso da técnica, torna-se subserviente a ela tornando-se funcionário de seus equipamentos, simplesmente cumprindo funções numa atitude que o faz esquecer até de si mesmo em favor da funcionalidade.

Diante dessas situações impostas pelos avanços do conhecimento científico e tecnológico, considera-se ser um desafio aliar Filosofia e *WhatsApp*, pois entende-se que o mundo atual no contexto da globalização desde a revolução copernicana e o advento da técnica, assim como, as novas descobertas e inovações tecnológicas, tem sido proporcionado pela revolução científica. Portanto, o avanço da ciência e dos meios tecnológicos têm levantado novos anseios e possibilidades, novas formas de interação social, novos desejos e angústias.

Nesse sentido, acredita-se num debate sobre Filosofia e tecnologia que nos permita compreender melhor a relação dela com a técnica, seus significados e contextos, ou seja, entender suas interfaces: *WhatsApp*, educação e Filosofia.

⁸ Realizamos um diagnóstico na sala de aula em setembro de 2019 no C.E. Vicente Maia, dos 26 alunos, 20 estavam presentes. Sendo que utilizam o celular principalmente para acessar a internet via Wifi em casa, as redes sociais, jogos e o *WhatsApp*, ficando uma média de 10 horas por dia conectados.

Assim, essa temática é importante, pois, relaciona o ensino e aprendizagem na disciplina Filosofia com os desafios da educação vigente.

Atualmente, existem algumas questões em que se deve pensar: a geração da *Polegarzinha*⁹ de Serres (2013) - ao definir os jovens de hoje na sua relação com a tecnologia móvel - e a ida e vinda da Filosofia no ensino médio. Desse modo, neste trabalho procura-se realizar uma análise sobre o uso do *WhatsApp* como recurso didático nas aulas de Filosofia, que discuta a realidade nos dias de hoje dos adolescentes, e se aquele pode ser um veículo que motive os alunos para aprender Filosofia ou apenas vai torná-lo subserviente da técnica.

Considerando as produções científicas, o *WhatsApp* é abordado numa variedade de teorias e aspectos, visto que as tecnologias, por exemplo, têm se mostrado imprescindíveis para o enriquecimento e criação de novos espaços de aprendizagem nos diversos segmentos de ensino. A revisão nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) revela que existe uma maior concentração de trabalhos empíricos, ou seja, pesquisa de campo, com a principal utilização nas matérias ligadas à área do ensino de línguas estrangeiras (COELHO; PINHEIRO, 2017).

Dentre os estudos do estado da arte destacam-se as três referências encontradas com a temática Filosofia e *WhatsApp*: Araújo; Júnior (2015), cujo estudo é: *O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia*, seu objetivo estava em apresentar o *WhatsApp* como aplicativo de comunicação didático-pedagógica viável ao ensino de Filosofia. A pesquisa teve como finalidade sistematizar a experiência de utilização do *WhatsApp* como estratégia metodológica para o ensino de Filosofia no Ensino Médio no IFMA Campus Açailândia-MA. O problema estava em questionar a viabilidade da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação para o ensino de Filosofia possibilitando a experiência do conceito, alvo desta disciplina. O resultado foi positivo por avaliar os níveis de interação entre os alunos, mesmo acontecendo um distanciamento do assunto estudado, a ferramenta possibilitou uma maior interação e incentivo aos estudantes.

⁹ São os jovens que vivem no mundo virtual e agarrados ao celular, o nome veio justamente deles enviarem mensagens com o polegar, eles não moram mais neste mundo e sim no virtual. Serres vai discutir o surgimento de uma nova era, a da revolução digital, tratando de tecnologia, educação e sociedade.

Cabe salientar ainda, o estudo de Araújo (2018) com título: *O uso do WhatsApp como um recurso pedagógico para o desenvolvimento do sujeito autônomo*, que defende a ideia de o *WhatsApp* ser utilizado como ferramenta pedagógica para o ensino de Filosofia numa perspectiva Kantiana da autonomia, confiando na ideia que, dentre as tecnologias de comunicação, o *WhatsApp* pode proporcionar o diálogo entre os sujeitos do processo ensino e aprendizagem, principalmente pela variedade de recursos que ele oferece e serve de atrativo para os alunos, visto eles passarem muito tempo conectados ao aplicativo. Desse modo, o *WhatsApp* apresenta as potencialidades de um recurso pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Filosofia, contribuindo para a motivação e o pensamento crítico e autônomo dos alunos.

Além das experiências já comentadas, na dissertação empreendida por Gomes (2016) *Filozapeando: uma experiência filosófica de mediação à distância com o uso do aplicativo de celular WhatsApp*, tem-se uma experiência voltada para orientação aos docentes de Filosofia na construção de uma cartilha via *WhatsApp*, através do grupo *Filozapeando*, a ser compartilhada na internet, uma comunidade virtual de aprendizagem ativa em um contexto tecnológico que determina a atual sociedade global, especificamente na área educacional. Através do conceito de *Polegarzinha*, criado pelo filósofo Michel Serres (2013), ao definir a relação da juventude com seus celulares, compreende-se o agir desse novo ser, sugerindo a busca por uma experiência filosófica que leve mais em conta tal realidade.

Algumas experiências já foram realizadas em disciplinas distintas, mas muitas delas ainda estão concentradas na opção mais básica da ferramenta, ou seja, na possibilidade da discussão temática, ao passo que, diversas possibilidades auxiliares ainda carecem de estudos e testes, tais como: o uso das imagens e vídeos como possibilidades pedagógicas de expressão dos saberes e conhecimentos adquiridos. Assim como, é fundamental que haja um alinhamento com as teorias de aprendizagens existentes e a Filosofia. Ou seja, o *WhatsApp* fornece aos investigadores um campo ainda fértil de possibilidades e experimentações.

Esta pesquisa se diferencia das citadas acima, pois realizar-se-á no Centro de Ensino Vicente Maia no bairro do Anjo da Guarda em São Luís - MA e traz como cerne de sua discussão, o uso do celular no ensino de Filosofia. Dessa forma, aponta-se para uma pesquisa que possa tanto buscar no aluno, como no professor a

participação, num processo marcadamente dialógico, visando destacar que, nessa era da tecnologia, urge a necessidade de repensar os modos de ensinar e aprender, tendo o celular com *WhatsApp* como possibilitadores educativos. Observando as potencialidades do aplicativo *WhatsApp* nesse processo, para saber se ele vai apenas corroborar o viés da técnica como destaca Galimberti (2015), ou se como foi destacado em alguns trabalhos, pode despertar aspectos de problematização e contextualização da realidade durante as aulas de Filosofia.

A pesquisa proposta pode ser destacada em alguns aspectos: os estudos revelam que as interações do *WhatsApp* oferecem excelentes condições para criação de espaços de diálogos fora da sala de aula, bem como, os alunos se sentiram mais livres para questionar e esclarecer dúvidas, as aulas puderam se tornar mais lúdicas, o que se reflete nos rendimentos na disciplina avaliada bem como a aprendizagem ser ampliada de maneira considerável. Deste modo considera-se interessante analisar essas vantagens com o uso do aplicativo nas aulas de Filosofia, já que o mesmo nos estudos feitos se mostra uma maneira de fazer parte da realidade dos alunos, levando-os a filosofar além do ambiente escolar, despertando sua criticidade no seu envolvimento com a sociedade.

Em segundo lugar, a pesquisa pode demonstrar que embora a nossa realidade seja uma cibercultura como aponta (LÉVY,1999, p.17) “o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, esta transforma o modo de agir dos jovens, que configura o perfil dos alunos do século XXI, no entanto a escola ainda não conseguiu absorver esta relação como algo favorável para o processo de ensino e aprendizagem. Daí a importância de se pesquisar mais sobre esse assunto principalmente por aliar teoria e prática com uma perspectiva para uma produção técnico-científica, trazendo novas pesquisas e inovações.

Em terceiro lugar acredita-se em um estudo que indique novas possibilidades para a relação professor e aluno num âmbito da sociedade em rede, a partir do ensino da Filosofia, através do *WhatsApp*, que contribuirá não somente para a escola como também para a compreensão deste como fenômeno social. Além de propor novas experiências que visem a modernização nas práticas pedagógicas no ensino de Filosofia e uma participação mais significativa do aluno Tendo o cuidado de observar que as tecnologias não podem ser encaradas como a própria revolução

educacional com que tanto se sonha, mas como parte integrante de um contexto maior que considera outros recursos já consolidados na esfera escolar.

A presente pesquisa tem como objetivo geral: Analisar o uso do *WhatsApp* como recurso didático nas aulas de Filosofia na escola pública estadual C.E. Vicente Maia como mediação para aprendizagem filosófica. Seguida de seus objetivos específicos: investigar as concepções teóricas metodológicas que fundamentam as bases epistêmicas que orientam a inteligência coletiva e sua relação com a aprendizagem filosófica dos alunos; analisar o uso do *WhatsApp* como mediador da aprendizagem filosófica no ensino médio; desenvolver uma proposta de sequência didática destacando as vantagens e desafios durante a experiência de mediação do aplicativo *WhatsApp* nas aulas de Filosofia. Esta pesquisa está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo encontra-se a introdução que apresenta o tema da dissertação, sua metodologia, objetivos e estruturação.

O segundo capítulo está, intitulado de *Inteligência Coletiva*, trata da abordagem do filósofo e antropólogo Pierre Lévy sobre o conceito de inteligência coletiva e está dividida em três subseções, a primeira: *Definição e importância da inteligência coletiva*, que mostra o conceito de inteligência coletiva, tecnologias e Educação; a segunda, chamada de *A web como ferramenta para a construção da inteligência coletiva*, que relaciona interatividade no ciberespaço, democracia e inteligência coletiva; e a terceira: *Ágora virtual* que trata da *web* como espaço que proporciona conexão interativa que amplia a comunicação entre as pessoas e que envolve aspectos pessoais, econômicos, políticos, educacionais, culturais e sociais.

O capítulo III com *As tecnologias de informação e comunicação como recurso didático para as práticas de ensino de filosofia: concepções e desafios*, que levanta diversas reflexões acerca das concepções sobre tecnologias, educação e o ensino de Filosofia e os desafios que se apresentam na contemporaneidade. Ainda nesse capítulo, têm-se quatro subseções: *O uso das TDIC nas práticas de ensino*, que apresenta de modo panorâmico o uso da TDIC na educação. Na segunda subseção: *As TDIC como recurso didático para o ensino de Filosofia*, trata das TDIC direcionadas ao ensino de Filosofia. Na terceira subseção: *O aplicativo WhatsApp como mediador de interatividade*, faz uma análise sobre *WhatsApp* no âmbito da Educação. Na última subseção do capítulo: *O ensino filosófico como aprendizagem mediatizada*, aborda de forma específica o ensino de filosofia através do uso das tecnologias e a importância da formação do professor como mediador desse ensino.

A quarta seção, Capítulo IV: *Estrutura e funcionamento do Centro de Ensino Vicente Maia*, trata sobre o estudo no campo empírico. Na subseção: *Caracterização do lócus da pesquisa*, mostra algumas peculiaridades da escola que serviu de campo para esta pesquisa. Na subseção: *Percursos metodológicos*, faz-se uma explicação sobre os procedimentos e percursos percorridos para a realização da pesquisa. Na subseção: *Dados sobre as atividades realizadas com o uso das TDIC nas aulas de Filosofia e sobre o desenvolvimento da aprendizagem filosófica a partir da inteligência coletiva*, trata sobre a experiência da intervenção no campo empírico tendo o *WhatsApp* como mediador do ensino e da aprendizagem da Filosofia na sala de aula. Para finalizar, as *Considerações finais*, com as possíveis sugestões de aprimoramento do ensino de filosofia mediado pelo *WhatsApp*.

2 INTELIGÊNCIA COLETIVA NA ESCOLA: uma possibilidade na sala de aula

Discorre-se sobre a inteligência coletiva no seu aspecto democrático, desde o ciberespaço, passando pelo que é virtual até sua compreensão de ágora pública nos tempos de nomadismo, perpassando uma aprendizagem filosófica tendo como fundamento a noção de um espaço democrático, político, cultural e ético possível na constituição de uma grande teia virtual interacional.

2.1 Definição e importância da inteligência coletiva

Nos dias de hoje, vive-se cada vez mais imerso e conectado. São dados, textos, sons, imagens e mensagens digitalizadas que fazem parte de um ciberespaço mundial “O atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamentos e de trabalho para as sociedades humanas” (LÉVY, 2015, p. 11).

A internet tornou-se símbolo deste ambiente transfronteiriço que Lévy (2015) denomina como ciberespaço e, graças a ele, ocorre a troca de mensagens entre as pessoas ou no interior de grupos, tem-se acesso às informações públicas, constrói-se mundos virtuais, participa-se de conferências de variados temas, desenvolve-se projetos culturais, políticos, sociais, são como uma enciclopédia viva, mas por outro lado, também se proliferam ódio e desconfiança. Sobre o ciberespaço, Lévy (2010) esclarece:

Eu defino o ciberespaço como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. Esta definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço (LÉVY, 2010, p.95. *Grifos do autor*).

O ciberespaço, por ser uma cultura em formação, seu desenvolvimento e meios técnicos não findam, ou seja, ele não possui ainda forma e conteúdo definidos. Seus meios técnicos ainda estão em evolução e seu espaço é nômade. É

o mesmo que Lévy (2015) designa de infovias¹⁰ e se questiona: essas infovias não estariam apenas fortalecendo o consumismo de mercadoria? Tornando maior o abismo entre ricos e pobres?

Esses questionamentos devem ser levados em consideração para serem avaliados a tempo suas manifestações no intuito de que seus efeitos sejam de renovação das relações sociais, de cooperação em relação aos problemas com os quais a sociedade se debate. Nesse contexto de transformações da revolução digital, as novas estruturas de comunicação, de regulação, linguagens, modificação das relações de tempo e espaço são não só para serem analisados seus impactos, como os projetos devem ser questionados em seus objetivos. Pois são suas decisões técnicas e legais que contribuirão na estrutura de equipamentos e do próprio espaço virtual.

Segundo Lévy (2015), somos seres nômades, “Mexer-se não é mais deslocar-se de um ponto a outro da superfície terrestre, mas atravessar universos de problemas, mundos vividos, paisagens dos sentidos” (LÉVY, 2015, p.14). O autor se refere a mudanças científicas, técnicas, econômicas, profissionais, mentais, como verdadeiros imigrantes da subjetividade que viajam não só por culturas que têm seus referenciais históricos, mas pelas transformações que a humanidade está passando com as nanotecnologias, avanços da biologia e da medicina na relação humana com o corpo, a reprodução e a morte.

Esse novo nomadismo não se refere a um espaço geográfico em específico, muito menos das instituições, é um espaço virtual de conhecimentos e saberes móveis, com potencialidade de mudanças da sociedade. “Tempo errante, transversal, plural, indeterminado, como o que antecede as origens” (LÉVY, 2015, p.16). Dentro dessa ótica, o homem deveria repensar sua realidade como agente coletivo, involuntário.

[...] se nos engajássemos na via da inteligência coletiva, progressivamente inventariaríamos as técnicas, os sistemas de signos, as formas de organização social e de regulação que nos permitiriam pensar em conjunto, concentrar nossas forças intelectuais e espirituais, multiplicar nossas imaginações e experiências, negociar em tempo real e em todas as escalas as soluções práticas aos complexos problemas que estão diante de nós (LÉVY, 2015, p.17).

¹⁰ Esse termo é citado por Lévy na obra *Inteligência Coletiva*, 2015, no sentido de esclarecer que infovias está relacionado com a fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia.

Diante disso, Lévy (2015) propõe, a partir do conceito de inteligência coletiva, ultrapassar um novo limite, uma nova etapa de hominização que rompa com a comunicação por meio da mídia, pensando na unidade entre as instituições e não vê-las de modo fragmentado, pois isso acabaria culminando na divisão das inteligências. Assevera Brennan (2001) sobre o ciberespaço e as mídias:

A configuração do ciberespaço assemelha-se a um campo de batalha onde são constantemente confrontados interesses os mais diversos. Os Estados vão perdendo cada vez mais o controle sobre fluxos econômicos, informacionais e fronteiriços, levando suas forças econômicas, políticas e sociais a disputarem projetos de renovação de competências numa complicada luta pela supremacia econômica, tecnológica e cultural (BRENNAND, 2001, p.10).

Nesse contexto, a evolução das tecnologias de informação e comunicação se torna o objetivo de países que desejam aumentar o seu poder e sua soberania. São as tecnologias midiáticas que favorecem a influência dos poderes territoriais. Tal acontecimento tem proporcionado uma contradição e o surgimento de um novo tipo de inteligência, denominada por Lévy de: inteligência coletiva.

Tratar sobre a inteligência coletiva em Lévy não se resume apenas ao aspecto cognitivo, mas devemos considerá-la em duas dimensões: trabalhar em comum acordo e no sentido de entendimento com o inimigo¹¹. Essa abordagem se situa num projeto global que abrange dimensões éticas e estéticas sem desprezar os aspectos tecnológicos ou organizacionais, pois a inteligência coletiva está centrada na vida em sociedade e no futuro dessa sociedade.

O que é a inteligência coletiva? *É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são: o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas (LÉVY, 2015, p.29. Grifos do autor).*

¹¹ Na língua francesa, a palavra Inteligência possui vários sentidos: cognitivo, acordo, compreensão, entendimento, para Lévy, inteligência perpassa pelo reconhecimento e compreensão do outro (inimigo ou diferente de mim), por isso, está para além do cognitivo.

Nesse fragmento, o autor destaca a importância da inteligência reconhecendo que todos possuem saber, pois “A luz do espírito brilha mesmo onde se tenta fazer crer que não existe inteligência “fracasso escolar”, “execução simples”, “subdesenvolvimento” etc.” (LÉVY, 2015, p.29). Os indivíduos inserem-se numa ordem na qual existe uma desvalorização da inteligência das pessoas e uma exaltação de competências mercadológicas que representam um saber próprio de uma minoria. Lévy (2015) destaca a importância da valorização do outro numa variedade de saberes:

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos (LÉVY, 2015, p.30).

O projeto da inteligência coletiva perpassa por vários aspectos desde a valorização técnica, econômica, jurídica e humana de uma inteligência distribuída por toda parte, com a finalidade de desenvolver uma ordem positiva de reconhecimento e mobilização de competências. A inteligência coletiva só tem início com a cultura e desenvolve-se com ela, com sua forma de pensar, ideias, línguas e tecnologias cognitivas. Por não ser fixa, nem programada, a inteligência coletiva está no pensamento das pessoas que eternizam e colaboram para pôr em movimento o pensamento da sociedade.

A inteligência coletiva se relaciona com a aprendizagem filosófica tendo como fundamento a noção de um espaço democrático, político, cultural e ético possível na constituição de uma grande teia virtual interacional, estando presente também nos documentos oficiais que regem o ensino de filosofia no estado do Maranhão. Desta forma, os Referenciais Curriculares do Ensino Médio do Maranhão (2010) propõem as competências e habilidades que o aluno deve desenvolver (ver anexo).

Como podemos notar, as habilidades propostas podem proporcionar aos alunos desenvolverem o que Lévy (2015) considera como características de uma

inteligência coletiva, quando há reflexão sobre os valores da sociedade, problematizando-a, analisando-a de forma crítica, sem se prender apenas em um aspecto, consegue-se atuar de forma construtiva, solidária, criativa na solução de problemas. Lévy (2015) enfatiza na inteligência coletiva – que é uma forma de estar e pensar juntos, aprendendo continuamente – encontram-se todos os tipos de inteligência: conhecimento formal, emocional (valores) e a prática (saber).

Mesmo com seu otimismo, Lévy (1999) destaca que não é só o ciberespaço que determina o crescimento da inteligência coletiva, ele também fornece condições para isso. As redes sociais digitais podem despertar novas formas de isolamento e dependência o que promove diferentes comportamentos. Contudo, há os espaços de criação, demonstração de conhecimento, como reflexo da sociedade; a inteligência coletiva como emancipadora.

Desse modo, interagir com as diversas linguagens expressas nos meios de comunicação, no ciberespaço, criando novas formas de pensar, sentir e atuar numa inteligência coletiva e democrática, são possibilidades dentro do ciberespaço.

A sociedade tem universos virtuais em expansão, junto com uma variedade de comunidades. Na obra *Inteligência Coletiva* (2015), esse lugar utópico é destacado como Espaço do Saber, dividido em quatro espaços: a Terra, o Território, o Espaço das mercadorias e o Espaço do Saber no qual Lévy (2015) discorre esclarecendo sua compreensão:

O saber, no sentido em que o entendemos aqui, é um *savoir-vivre* ou um *vivre-savoir*, um saber coextensivo à vida. Tem a ver com um espaço cosmopolita e sem fronteiras de relações e de qualidades; um espaço da metamorfose das relações e do surgimento das maneiras de ser; um espaço em que se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos (LÉVY, 2015, p. 123).

Nesse Espaço do Saber, Lévy (2015) define: “se não se realiza já é virtual”. Os indivíduos desse Espaço, longe de serem os *experts* de suas áreas, são ao mesmo tempo únicos, múltiplos, nômades em processo de aprendizado constante. Este projeto convoca um novo humanismo que inclui e amplia o “conhece-te a ti mesmo” para um “aprendamos a nos conhecer para pensar juntos”, e que generaliza o “penso, logo existo” em um “formamos uma inteligência coletiva, logo existimos eminentemente como comunidade” (LÉVY, 2015, p.32).

Neste espaço que ele chamou de antropológico, Lévy (2015) explica “é um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico) e, portanto, dependente de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas” (LÉVY, 2015, p. 22). No Espaço do Saber a mudança é constante, a aceleração e atualização rápidas. O conhecimento não pode ser guardado para si e se contentar com ele, ao contrário, está num movimento gerado pelo coletivo humano que o produz.

Longe de homogeneizar, esse processo da inteligência coletiva, pretende diferenciar, fazer crescer e recuperar as singularidades. Nesse Espaço do Saber, os indivíduos encontram uma nova forma de identificação, pois seus projetos, competências, devido a seu aspecto móvel, lhes proporciona um novo modelo de relações, identificação mais aberta e positiva.

Conforme afirma Brennan (2001), ao concordar com Lévy (1994) com a diversidade de saberes e a inteligência coletiva:

Os diversos saberes podem ser valorizados em função de determinado contexto, bastando que, para isto, ele seja identificado e mobilizado para utilização na resolução de problemas. Todo saber possui significações contextuais, dimensões ético-políticas e identidade social, isto é, ele está por toda, parte dentro das culturas diversas e não resulta, somente, da aprendizagem de conteúdos relacionados às situações de sobrevivência. Estes saberes resultam da transmutação das competências dos indivíduos na construção de suas práticas cultural e social (Lévy, 1994, p. 20). A prática. Vida moral, afetiva, estética, política, e econômico-cultural - é aqui entendida, como o exercício de uma atividade que suponha uma intencionalidade e uma relação com o mundo, a constituição de um significado que vai além do simples fazer instrumental (BRENNAN, 2001, p.3).

Os indivíduos constroem suas vidas, suas histórias e perpassam por aprendizagens diversas, nas quais cada grupo social poderá reforçar sua inteligência coletiva através das trocas de conhecimentos que reavivam a memória, dinamizam as relações sociais e suas competências, que não necessariamente se restringem ao cognitivo, mas que envolve a dimensão do “trabalhar em comum acordo” (LÉVY, 2010, p.26) mediadas pelos aspectos éticos, estéticos, tecnológicos através do entendimento que fortaleça os laços sociais. É importante fazer uma ressalva, pois o autor não compreende a palavra inteligência somente pelo viés

cognitivo, mas também pela compreensão do trabalhar junto, assim, entram aí noções de acordo e compreensão. A renovação do laço social ocorre através do conhecimento, ou seja, da inteligência coletiva. Os coletivos inteligentes, assim como a valorização de suas diversidades das qualidades humanas, é o que Lévy (2015) chama de laço social, cuja base está na reciprocidade, no separado, no distante, tornando-se incluído ao coletivo.

Lévy (2015) propõe que a democratização do acesso ao ciberespaço através das tecnologias da inteligência e da cibercultura proporcionem um espaço democrático onde as inteligências coletivas cooperem e produzam, entre si, saberes possíveis a todos os seres humanos no espaço virtual, onde as fronteiras geográficas inexistem.

Ao discorrer sobre as tecnologias da inteligência e sobre as diferentes técnicas utilizadas pela humanidade, Lévy (1993) percebeu que na evolução biológica da humanidade adquirimos a capacidade de idealizar ações futuras e prospectar suas consequências. Essa habilidade nos possibilita prever nossas interações com o mundo e usar a experiência acumulada imaginando o resultado de nossas ações. Desse modo, usando a imaginação e a manipulação para explicar porque pensamos através das metáforas, modelos concretos, muitas vezes de origem técnica (LÉVY, 1993). Destaca-se que sem as inovações técnicas que possibilitam (ou condicionam) o surgimento de uma cultura, não teríamos ciência moderna sem impressão, computador sem microprocessadores.

Lévy (1993) distingue três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática. A maioria dos nossos conhecimentos se deve a oralidade “[...] a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das ideias” (LÉVY, 1993, p.77). Se a oralidade nos permite aprender, a escrita nos possibilita lembrar, estendendo as nossas capacidades de memória sendo eficaz como uma tecnologia intelectual. Desse modo, a etapa da escrita, juntamente com a impressão, permitiu a possibilidade da crítica e a preservação do passado, o que levou a uma explosão do saber.

Lévy (1993) acredita que as antigas tecnologias intelectuais que tornam possíveis as evoluções culturais, são oriundas de cada sociedade no seu tempo, elas “estruturam profundamente nosso uso das faculdades de percepção, de manipulação e de imaginação” (LÉVY, 1993, p. 160). Nesse aspecto, essas tecnologias contribuem para expandir as formas do saber no decorrer do tempo. É

esta mudança a que hoje assistimos, com as tecnologias digitais de comunicação e informação, as transformações na sociedade, na qual o saber, que antes era estanque e restrito a um local e data, expande-se, desterritorializa-se e descentraliza-se.

Trazendo essa reflexão para a educação e para a inteligência coletiva, percebe-se que ambas perpassam sobre uma análise do futuro dos sistemas educativos e de formação na cibercultura, fundamentados na mudança da relação com o saber. Refere-se justamente à velocidade de surgimento e de renovação dos conhecimentos que passou-se a perceber ao final da década de 60 (LÉVY, 2010). As competências adquiridas no decorrer da juventude serviam até o fim de uma vida produtiva, hoje a maioria dos conhecimentos obtidos por uma pessoa no início de sua carreira ficarão antiquados até o fim dela, ou mesmo antes disso. Modificações causadas pelas evoluções científicas e técnicas, juntamente com as mudanças na economia, são responsáveis pelas transformações na sociedade.

A relação com o saber tornou-se fluxo e imprevisível por não possuir mais a estabilidade e ter que reaprender a navegar. Concomitante a isto, a nova relação do trabalho tornou-se “cada vez mais aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos” (LÉVY, 2010, p.159). Considerando-se que se aprende o tempo todo, entra em xeque a divisão clássica entre o período dedicado aos estudos e o período de trabalho e este como referência econômica e social do indivíduo. A esta nova relação do saber, Lévy (2010) esclarece:

Para uma proporção cada vez maior da população, o trabalho não é mais a execução repetitiva de uma tarefa atribuída, mas uma atividade complexa na qual a resolução inventiva de problemas, a coordenação no centro de equipes e a gestão de relações humanas têm lugares importantes. A transação de informações e de conhecimentos (produção de saberes, aprendizagem, transmissão) faz parte integrante da atividade profissional. Usando hipermídias, sistemas de simulação e redes de aprendizagem cooperativa cada vez mais integrados aos locais de trabalho, a formação profissional tende a integrar-se com a produção (LÉVY, 2010, p.176).

Tal compreensão desloca a noção de competência como um reconhecimento por diplomas, os empregados por funções, postos de trabalho. Lévy (2010) explica que num futuro a inteligência coletiva possa ser utilizada através do que ele vai

chamar de árvores do conhecimento¹², que seria um instrumento de reconhecimento das diversas competências adquiridas pelos indivíduos de acordo com seus caminhos particulares, contribuindo para alimentar as memórias coletivas, totalmente acessíveis *on-line*, servindo às necessidades das pessoas, dos grupos e para ordem de trabalho ou aprendizagem. Lévy (2010) reitera:

Está sendo hoje experimentada em diversos locais na Europa, particularmente na França, em grandes empresas como a Électricité de France e a PSA (Peugeot e Citroën), em empresas médias, universidades, escolas de administração, coletividades locais (municipalidades, região Poitou-Charentes), conjuntos habitacionais etc (LÉVY, 2010, p.181).

É o reconhecimento de suas habilidades que os membros de uma comunidade assim desejam e principalmente aquelas competências que não dependem dos sistemas escolares clássicos. A inteligência coletiva aborda o reconhecer no outro sua qualidade, *savoir-faire*¹³ que não se restringe ao aspecto de mercado. E na escola isso é mais interessante ainda, pois vê-se a possibilidade de valorização do aluno no seu aspecto geral, não só visando sua eficiência e rendimento escolar, mas seu reconhecimento como ser humano pertencente a uma cultura, a uma variedade de saberes, identificando-o de um modo novo, contribuindo para que ele desenvolva sentimentos de reconhecimento e valorização dele e do outro, no espaço escolar, se estendendo ao virtual, que Lévy destaca como ciberespaço.

Através de princípios éticos de valorização dos indivíduos, o Espaço do Saber é estruturado de modo que haja um processo social dinâmico de troca de saberes. Reconhecendo que ninguém sabe tudo, todos podem contribuir com alguma coisa, todo o saber está na humanidade.

¹² O termo árvore do conhecimento, segundo Lévy (2010), um método desenvolvido por um programa chamado “Gingo” da empresa Trivium S.A. no qual ele gerencia as competências nos estabelecimentos de ensino, empresas, associações. Aonde os membros de uma comunidade, através de autodescrições, tornam a diversidade de suas competências reconhecidas, inclusive aquelas que não são validadas pelo sistema escolar clássico. E, essas competências se legitimam não como resultado de uma classificação de um programa, mas como um crescimento em tempo real, das aprendizagens e experiências dos participantes da comunidade.

¹³ Expressão francesa que significa “saber fazer” em referência ao reconhecimento das competências que Lévy chama atenção na obra inteligência coletiva (LEVY, 2015).

2.2 A Web como ferramenta para a construção da Inteligência Coletiva

O ciberespaço se caracteriza por ser uma via de acesso à distância aos diversos recursos ofertados pelo computador. Podendo fornecer uma potência de cálculo em tempo real como as grandes companhias de fornecimento que distribuem energia.

O *ciberespaço* poderia igualmente anunciar, já encarna às vezes, o futuro aterrador ou inumano que nos é apresentado em certos romances de ficção científica: fichamento de pessoas, tratamento de dados sem local definido, poderes anônimos, impérios tecnofinanceiros implacáveis, implosões sociais, apagamento de memórias, guerras de clones enlouquecidos em meio a incontroláveis interações em tempo real...no entanto, o mundo virtual para a inteligência coletiva pode ser igualmente portador de cultura, de beleza, de espírito e de saber como um templo grego, uma catedral gótica, um palácio florentino, a *Encyclopédie* de Diderot e D'Alambert ou a Constituição dos Estados Unidos (LÉVY, 2015, p. 105).

Em meio a previsões descontroladas e aterradoras do ciberespaço nas ficções científicas, tem-se também uma abertura para a cultura e para a produção do conhecimento. Há vários modos de hibridização com o hipertexto, a multimídia interativa, os *videogames*, a simulação, a realidade virtual, a tele presença, a realidade aumentada, a vida artificial, os sistemas especialistas etc. e ainda haverá a união com os meios de comunicação de massa para um futuro não muito distante. O ciberespaço por sua indeterminação tem a vocação de combinar-se com todos os aparelhos que criam, gravam, comunicam e simulam.

O *ciberespaço*: nômade urbanístico, gênio informático, pontes e calçadas líquidas do Espaço do saber. Ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto. É uma arquitetura do interior, um sistema inacabado dos equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos de signos. A administração do ciberespaço, o meio de comunicação e de pensamento dos grupos humanos, será uma das principais áreas de atuação estética e política do próximo século (LÉVY, 2015, p. 107).

Para contextualizar melhor a temática do ciberespaço, pode-se questionar: onde encontra-se? No virtual? O que é isto, o virtual? A intenção é entender o

significado dessa realidade ao relacioná-lo com educação, especificamente com a Filosofia. Como se dá essa realidade?

Para Lévy, (1996) a sua obra: *O que é o virtual?* analisa a virtualização no seu contexto geral, envolvendo não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, o exercício da inteligência. Ele vai “ilustrar um processo de transformação de um modo de ser num outro. De fato, este livro estuda a virtualização que retorna do real ou do atual em direção ao virtual” (LÉVY, 1996, p. 3).

Trata também, onde encontrar esse virtual. Essa realidade na qual se passam as experiências subjetivas e inter-relacionadas através das mídias, é entendida, na sua concepção corrente, como não existente, uma vez que não está configurada no espaço físico, tangível, real, de acordo com as definições da física clássica. Realidade esta em si, objetiva e possuidora das dimensões: altura, largura e profundidade, que viabiliza a localização dos acontecimentos.

Desse modo, a compreensão do senso comum do virtual é como se fosse um sonho, por mais realista que pareça, não tem o mesmo padrão dos objetos que existem na vida diária, os quais podemos tocar, sentir, ouvir. É como se fosse uma ilusão tecnológica relacionada as suas inovações.

A temática do virtual vai além de concentrar-se no palpável, no real como um lugar geofísico, concreto. Refere-se a uma questão ontológica, quando se pode perguntar o que é isto, o real? É a partir daí que as elucubrações do virtual, do real, do atual, do possível, do provável, da potência, do ato se colocam. São todas elas questões sobre o real ou modos de ser da realidade. Desse modo, a realidade do ciberespaço, deve ser analisada filosoficamente, visto que ele é um dos modos de se posicionar no mundo.

Aristóteles (1987) já discorria sobre os pares potência e ato, forma e matéria para explicar o real na sua obra: *A Metafísica*, que serve como referência na Filosofia, na ciência e, para Lévy (1993), na análise da realidade do ciberespaço. O real para Aristóteles é explicado como um movimento constante de potência e ato, forma e matéria. Não são iguais quanto suas características referentes ao Ser, o real fica entre uma potência, que não é, pois não ocorreu a atualização e uma forma que nada tem de matéria, a potência está na força do ato e nas características da matéria que se apresentam para a forma. Na acepção filosófica de Lévy:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na Filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LÉVY, 1996, p.5).

O virtual é tudo aquilo que existe em potência e não em ato, o campo de ações, forças e de problemas que propendem a resolver-se em uma atualização. O virtual localiza-se antes da concretização formal, a semente é uma árvore em potência, mesmo que a realidade pressuponha uma efetivação material. A expressão realidade virtual soa como mágica, em geral, acredita-se que algo deve ser real ou virtual, mas não ambos ao mesmo tempo.

Lévy (2010) chama atenção que o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual, na potencialidade da semente ela já é virtual e real sem que seja ainda atual. A virtualidade e a atualidade são apenas dois modos diferentes de ser.

É virtual todo ser desterritorializado, capaz de manifestações concretas em diferentes momentos e lugares específicos, sem precisar estar fixo em um lugar ou tempo em particular. Por exemplo, pode-se também dizer uma palavra, abacaxi, é um ser virtual. Ao ser pronunciado em um ou qualquer outro lugar, dia ou hora, ocorrerá a atualização, pois essa palavra em si, que é dita, não se encontra em nenhum lugar e não está determinada por nenhum momento específico. “Repetindo, ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe sem estar presente” (LÉVY, 2010, p.50). As atualizações de uma palavra nunca serão iguais, as pronúncias, sentidos, podem surpreender quanto à semântica e acústica. Visto que o virtual lhes possibilita essas indefinições nas atualizações.

Na cibercultura a relação com o virtual ocorre de duas maneiras: direta e indiretamente. Diretamente com a digitalização das informações, na qual os códigos de computadores gravados nos discos rígidos, *pen drives*, são facilmente copiáveis e quase virtuais, pois, apesar de estar situada fisicamente em algum lugar ou suporte, também será encontrada virtualmente na rede onde seja pedida. E pode ser virtual, a informação digital quando na sua atualização, possui alguma forma de exibição, os códigos das informações (0 e 1) são traduzidos em textos legíveis, imagens visíveis, sons audíveis. “Essa dialética do potencial, do cálculo e da

exibição contextual caracteriza a maioria dos documentos ou conjuntos de informações de suporte digital” (LÉVY, 2010, p.51).

Indiretamente há outros movimentos de virtualização, através das características do ciberespaço, no qual as pessoas se comunicam à distância (telepresença) e a coincidência dos tempos (assíncrona¹⁴), por isso não tem nada de novo, pois se utiliza desde a comunicação à distância com os correios. Assim, estar numa comunicação assíncrona, não significa estar disponível. Sobretudo, é no ciberespaço que as relações entre os membros de grupos podem se organizar, coordenar, consultando uma memória comum em praticamente tempo real, unindo distâncias e as diferenças de tempo. Ocorrendo assim a virtualização das organizações que não dependem de uma localização física, com horários fixos, bem como as relações comerciais, econômicas e da sociedade, que são formas de alteração cultural proporcionadas pelo virtual no ciberespaço.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização (LÉVY, 2010, p.52).

Num movimento inverso à atualização ocorre o processo de virtualização como dinâmica. A virtualização seria uma mudança ontológica do objeto, que implica numa indeterminação em um processo, sai de uma solução dada a um outro problema. Ela não é simplesmente a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, pois seria desrealizante. Contudo, na virtualização, estão contidos os mesmos efeitos de irreversibilidade, indeterminação e de invenção no seu processo de atualização.

O campo dos sentidos está numa dialética entre o virtual e o atual, a digitalização está entre o potencial e o real. Lévy, influenciado por Deleuze (2018) em: *Diferença e Repetição*, distingue entre o possível e o real. Sendo que o possível

¹⁴ É a comunicação que está desconectada do tempo e do espaço. Ou seja, o comunicador e o receptor podem manter relacionamento na medida em que tenham tempo disponível. Alguns exemplos de ferramentas de comunicação assíncrona são: *WhatsApp* e aplicativos de mensagens, *e-mails*, *chats* de texto, SMS, etc. Com uma ressalva, que o *WhatsApp* é tanto síncrono quanto assíncrono na comunicação.

possui todas as características do real, mas de forma latente. A passagem do possível para o real se dá quando o coloca em prática. Uma casa possível tem sua diferença de uma casa real, apenas no fato que uma existe e outra não. Um armazenamento de uma memória digital é a potencialização enquanto a exibição dessa memória é a realização, logo não podemos chamar de virtual algo que está aparecendo na tela.

A digitalização está relacionada à dialética do possível e do real. Na tela, o texto apresenta-se como uma janela potencial do seu conteúdo. Digitalmente há um programa que dá condições ao que o leitor pode fazer, “considerando-se apenas o suporte mecânico (*hardware e software*), a informática não oferece senão uma combinatória, ainda que infinita, e jamais um campo problemático” (LÉVY, 1996, p.22), logo estamos tratando da digitalização ou a potencialização do texto.

O virtual só eclode quando o homem, ao interagir com sua subjetividade interpreta o texto, ou seja, busca uma atualização dele na tela do computador. Se esse texto for impresso pelo computador, ele não terá outro estatuto ontológico nem se diferenciará de outros feitos com instrumentos do século XIX. Mas se considerarmos o conjunto de todos os textos que podem ser divulgados e criados no universo digital, teremos o computador, portanto, como um operador de potencialização da informação. Ou seja, o computador intensifica os efeitos da rede e toda a estrutura tecnológica que o sustenta, e essa rede é mantida na tela informacional que determina o formato do que será expresso pela linguagem, assumido como atual. As atualizações efetuadas pelos internautas são o encontro de dois polos virtuais: a subjetividade humana e a rede informacional potencializadas pelo computador.

E os textos que ele acessa, os chamados hipertextos, são multimodais e não se tratam apenas de algo legível, mas de imagens, diagramas, sons, tudo que puder ser expresso pela linguagem informática e que será traduzida para o usuário.

Enfim, os leitores podem não apenas modificar as ligações, mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. Sublinhemos que essa prática se encontra hoje em pleno desenvolvimento na Internet, notadamente na World Wide Web. Todos os textos públicos acessíveis pela rede Internet doravante fazem virtualmente parte de

um mesmo imenso hipertexto em crescimento ininterrupto. Os hiperdocumentos acessíveis por uma rede informática são poderosos instrumentos de *escrita leitura coletiva* (LÉVY, 1996, p.27. *Grifos do autor*).

Dessa forma, a escrita e a leitura trocam de funções. Esse efeito ocorre com frequência e é chamado de *anel de Moebius* quando a exterioridade e a interioridade, no caso, a intimidade do autor e a estranheza do leitor em relação ao texto se cruzam. A partir do hipertexto todo ato de leitura torna-se escrita, o usuário já é um leitor da mesma forma e, ao atualizar o hipertexto com interpretações, torna-se escritor, contribuindo para realização de sentidos expressados na internet com auxílio dos computadores. Estes, porém, ao recorrerem às capacidades de memória e processamento de outros computadores, estruturam-se em um único computador interligado mundialmente, cujo centro está em toda parte no ciberespaço.

Desde o aparecimento do hipertexto, a sua ideia está ligada a uma nova forma de textualidade, na qual as informações podem ser acessadas de fora do convencional. Isto implica em textos não lineares, que se associam e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas. O hipertexto caracteriza-se numa nova forma de leitura e pode destacar, dentre suas características: a escrita e a leitura não-sequencial; a interatividade possibilitada pelo meio digital e a existência de elos de ligação (*links*) – textuais ou não.

O conteúdo do hipertexto pode ser lido de diferentes maneiras, e os nós ou elementos de informação segundo Lévy (1999) estão organizados numa palavra, imagem ou frase. Através da flexibilidade do hipertexto, o leitor pode reaproximar informações e compará-las tendo a possibilidade de adquirir diferentes abordagens sobre um determinado assunto. Os textos interligados na internet, mesmo com os *links* planejados para aquele texto específico, não têm a capacidade de limitar uma segmentação de leitura. Essa forma é característica da organização e conhecimento de Lévy por influência de Deleuze e Guattari, e é definido como *rizoma*, sendo um modo diferenciado de representar o conhecimento, que não se refere mais a uma hierarquia ou organizações. Desse modo na hipertextualidade,

O leitor pode iniciar o percurso de vários pontos diferentes, escolhendo diferentes destinos, além da possibilidade de continuar realizando adições ao texto, expandi-lo, deixá-lo com algo a mais de

quando iniciaram a lê-lo. Assim, o sentido de “fim” é o que sofre maior alteração (ROSSA, 2016, p.162).

Nesse mundo hipertextual, o leitor torna-se imersivo. Segundo Santaella (2013), surgem transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas marcada pela agilidade dos movimentos multidirecionais, como o olhar na tela, a velocidade do mouse e da navegação, ocorre uma substituição para uma mente que lê, escuta e olha. O que podemos perceber é que o hipertexto modifica as formas de leitura, subverte o modo de apresentação, usabilidade, contato físico, linearidade, e consequentemente de leitura. O texto não é mais em papel, mas em bites, armazenado em um dispositivo de memória, somente legível ao computador. Segundo Soares (2002), trata-se de um letramento digital:

Em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos... a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (SOARES, 2002, p.143).

As habilidades de leitura e escrita historicamente sofreram mudanças de acordo com seu momento e organização das informações. Desde a invenção da imprensa e dos livros, houve um novo leitor, da mesma forma na era digital. No computador, ou nos dispositivos móveis, o leitor do hipertexto precisa agora somente clicar ou deslizar o dedo na tela para se conectar à leitura. A intimidade nos ambientes virtuais pressupõe que os leitores determinem a sequência do que estão lendo ao contrário de seguirem uma ordem estabelecida.

Apesar da pandemia exigir, como única opção, a utilização das TDIC, essas novas formas de ser não faziam parte da escola que continuam ligadas ao impresso e aos livros didáticos. A cibercultura pressupõe um novo olhar, um novo leitor, no

qual este aluno já não é mais concentrado, disciplinado, mas disperso e errante, que curte, comenta. E neste espaço é necessário desenvolver habilidades como:

Construir sentidos a partir de textos que articulam hipertextualidade, códigos verbais, sonoros e visuais; localizar, filtrar, selecionar, relacionar e avaliar criticamente a informação; além da familiaridade com as normas e a ética que regem a comunicação no meio digital (ALTENFELDER ET AL, 2011, p.11).

A docência agora pede dos professores que sejam mediadores nesse mundo virtual, mudando o paradigma tradicional para um rizomático, que implica desenvolver fluência digital, criando situações de aprendizagem na qual os alunos possam acessar diferentes sites, sejam capazes de localizar, analisar e avaliar criticamente informações e lidar com textos de formatos variados. Contextualizando nas ideias de Lévy (2015) e de uma inteligência coletiva, é o que se buscou nesta pesquisa perpassar por uma aprendizagem filosófica através do *WhatsApp* e através das trocas de informações e compartilhamento delas.

E tudo isso se passa no ciberespaço, ambiente virtual. Segundo a hipótese de Lévy (1996), surge com a gramática, a dialética e a retórica num processo chamado por ele de Tríplice via ou Trívio, que ocorreria com diversas entidades desde as palavras num texto até a inteligência artificial. A virtualização é um movimento antigo constituinte da própria humanidade. Através da linguagem pode-se virtualizar o tempo, mantendo-o vivo inaugurando o passado, o futuro e como um todo o Tempo, uma extensão que tem seu próprio corpo. “[...] A partir da invenção da linguagem, nós humanos, passamos a habitar um espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente. Nós existimos” (LÉVY, 1996, p.46).

O tempo é algo aberto por não possuir uma padronização, vive-se seu contexto de reviver ações, situações, reinterpretando os momentos. Um dos efeitos da virtualização é a mudança do lidar com o tempo, a noção de momento presente se torna global, sincronizado numa unidade temporal sem a obrigação de uma unidade de lugar, mesmo quando há descontinuidade na ação.

As linguagens humanas virtualizam o tempo real, as coisas materiais, os acontecimentos atuais e as situações em curso. Da desintegração

do presente absoluto surgem, como as duas faces da mesma criação, o tempo e o fora-do-tempo, o anverso e o reverso da existência. Acrescentando ao mundo uma dimensão nova, o eterno, o divino, o ideal têm uma história. Eles crescem com a complexidade das linguagens. Questões, problemas, hipóteses abrem buracos no aqui e agora, desembocando, do outro lado do espelho, entre o tempo e a eternidade, na existência virtual (LÉVY, 1996, p. 47).

Se através da linguagem consegue-se virtualizar, é porque a gramática, com a união de pequenas unidades, nos permite formar signos, palavras e escrita. Depois da gramática, entra em cena a dialética como ciência da argumentação, que estabelece a relação entre os signos e o mundo como mediador. As línguas se estruturam através dessas operações de correspondência entre os signos e as coisas.

Na articulação simultânea entre a gramática, a dialética e retórica cria-se o virtual, retira-se da representação dos signos para a criação de um mundo virtual, gera-se liberdade, desterritorializando uma entidade como a arte, a ficção, a cultura, o universo mental humano. “O ato retórico, que diz respeito à essência do virtual, coloca questões, dispõe tensões e propõe finalidades; ele as põe em cena, as põe em jogo no processo vital. A invenção suprema é a de um problema, a abertura de um vazio no meio do real” (LÉVY, 1996, p.63). A virtualização operada na linguagem só se completa com a construção do objeto, este independente dos atos e percepções do sujeito individual, mas cuja imagem, manuseio, efeito pode ser compartilhado por outros sujeitos.

Ao contrário da comunidade das formigas, os seres humanos são seres sociais, de linguagem, conscientes e emotivos. Pensam e reagem, têm liberdade para atuar sobre o mundo. Os homens possuem uma inteligência social lhes possibilitando mudar a realidade da qual fazem parte. O ciberespaço, onde acontece a virtualização dessa realidade, possibilita que as pessoas se mantenham conectadas independentemente do local geográfico em que se situam. Ele desterritorializa os saberes e funciona como suporte ao desenvolvimento da inteligência coletiva.

O ciberespaço representa o último dos grandes surgimentos que inspiram a inteligência coletiva, de acordo com sua teoria do virtual, Lévy (1996) aponta que ele potencializa a virtualização, intensificando-a com mais força e tornando visível a dialética. O que torna a internet tão interessante é justamente ela ser:

O ponto fundamental é que o ciberespaço, conexão dos computadores do planeta e dispositivo de comunicação ao mesmo tempo coletivo e interativo, não é uma infraestrutura: é uma forma de usar uma inventividade distribuída e incessante que é indissociavelmente social e técnica. (LÉVY, 2010, p. 198)

O ciberespaço como mediador da inteligência coletiva se utiliza da desterritorialização do conhecimento se opondo às práticas educacionais tradicionais, descentralizando os saberes através de processos tecnológicos e interativos. Desta forma, o ciberespaço é um objeto que sustenta o virtual, pois possibilita a passagem do privado ao público reciprocamente, e conduz o campo problemático em um suporte objetivo atualizando-se em acontecimentos e em processos sociais.

Contudo, dependendo da função dada, ele pode reificar-se, pode ser coisa ou objeto, ao invés de conduzir atos durante o seu funcionamento como objeto mediador, sendo um processo raro, ele se torna um objeto. Na história dos seus objetos, cada um inseparável de sua transformação social. Por exemplo, a *World Wide Web* (W.W.W) é “um tapete de sentido, tecido por milhões de pessoas e devolvido sempre ao tear. Da permanente costura pelas pontas de milhões de universos subjetivos emerge uma memória dinâmica, comum, ‘objetivada” (LÉVY, 1996, p.78) e dentre as suas atividades coletivas há jogos virtuais elaborados em tempos reais por centenas ou milhares de jovens pelo planeta, *chats*, conferências eletrônicas, redes sociais. Nesta concepção não existe centralidade, pois há conceitos que também possuem uma hierarquia móvel, estão conectados em rede e pressupõem interatividade, cooperação, adaptabilidade e auto-organização.

Essas redes conduzem a própria produção de conhecimentos, descentralizando e propondo a mobilidade e a conectividade para uma aprendizagem baseada na criatividade, na descoberta e não na competitividade, como acentua a sociedade capitalista, alicerçada em princípios competitivos.

Nesta conjuntura, a educação não pode ficar parada no tempo. É preciso reestruturar-se, levando os educadores a uma revisão de conceitos e estratégias, especialmente, quanto ao uso da tecnologia, para que se possa instruir os cidadãos e despertar a criticidade. Logo, acredita-se na necessidade de incluir a tecnologia na

educação de forma crítica e comprometida com uma outra postura de conhecimento que se oponha aos moldes tradicionais.

Na internet encontramos ambientes virtuais de aprendizagem, principalmente para a educação a distância, que têm sido propostos nacional e internacionalmente tais como: *Moodle*, *Teleduc*, *Aulanet*, *WebCT*. Lemos (2005) discorre sobre as modificações na cibercultura referente à conexão móvel:

A internet é hoje uma gigantesca máquina de contato e de troca de informações. Estamos efetivamente entrando na era da conexão móvel. Depois do PC (computador pessoal) isolado dos anos 60-70, da popularização da internet fixa com o CC (computadores coletivos) nos anos 80-90, estamos vendo, no começo do século 21, a emergência da era do CCm (computadores coletivos móveis) (LEMOS, 2005, p.15).

Com essas características da internet surgem novos usos e práticas, pois a internet tornou-se um aglutinador das tecnologias de comunicação. Através da internet móvel o desejo de ubiquidade proporciona uma nova cultura, com novas formas de consumo de informação e novas práticas de sociabilidade. Dentre essas práticas tem-se a subjetividade humana modificada neste contexto de interrelação do humano com o não-humano, como diria Latour (2012), na sua *Teoria Ator Rede* (TAR), na qual alianças, relações, mediações entre elementos diferentes, mas conectados, sejam eles humanos e não-humanos, trata-se da possibilidade de compreender a realidade sem seguir as relações de causa e efeito tradicionais, a separação de natureza e sociedade, humano e não-humano.

2.2.1 A virtualização e seus desdobramentos

No processo de virtualização como foi ressaltado anteriormente, de acordo com Lévy (1996) “movimento inverso da atualização”, o processo da virtualização como dinâmica, trata-se da premissa de que a virtualização altera as relações sociais e as reorganiza numa cibercultura, um movimento da virtualização que inclui não só a informação, a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A

virtualização atinge mesmo as modalidades de estar junto, a constituição do nós: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual (Lévy, 1996, p.11).

Lévy afirma “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializa. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários” (LÉVY, 1996, p.21). Um dos efeitos da virtualização é a criação de realidades, um processo de mudanças de identidades, ou seja, uma dinâmica de criação e recriação da atualidade. A subjetividade faz parte de suas reflexões quando diz:

Uma versão puramente ergonômica ou funcional da relação entre humanos e computadores não daria conta daquilo que está em jogo. O conforto e a performance cognitiva não são as únicas coisas em causa. O desejo e a subjetividade podem estar profundamente implicados em agenciamentos técnicos. Da mesma forma que ficamos apaixonados por uma moto, um carro ou uma casa, ficamos apaixonados por um computador, um programa ou uma linguagem de programação (LÉVY, 1996, p.56).

Para o autor, a informática não atua somente nos processos da inteligência, mas também na subjetividade individual e coletiva quando ele cita o desejo e a sedução pelos dispositivos de informática, na sua dimensão estética, de despertar o envolvimento emocional de conhecer novos territórios cognitivos e existenciais.

As implicações desse processo de subjetividade que ocorre na cibercultura, com a mudança de identidade e suas consequências na educação, têm que ser pensadas e discutidas, pois vive-se a cada dia essa característica do virtual de desterritorialização e do efeito Moebius, explicado anteriormente como processo no qual tempo e lugares estão misturados, subjetivo e objetivo.

As coisas só têm limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos (LÉVY, 1996, p. 25).

Parte-se do pressuposto de que a cibercultura altera as formas de interagir, porque amplia as possibilidades de conexão entre os sujeitos de diferentes lugares

do mundo, estando a tecnologia digital presente no cotidiano das pessoas, nas trocas discursivas, nas práticas de linguagem dos sujeitos. Neste sentido, problematizando a mediação dos recursos tecnológicos nas diferentes versões dos smartphones aos computadores, são necessárias ações efetivas no processo de construção de conhecimento, na qual o Ensino de Filosofia deve analisar a realidade, problematizando as tecnologias e, para além disso, as relações que existem entre eles, seus efeitos no homem e na sociedade.

O professor de Filosofia deve proporcionar condições para isso e perceber como a internet influencia e como interfere nas mais variadas funções cognitivas: memória, imaginação, percepção e raciocínio, sendo este efeito resultado de quando as TDIC são utilizadas como auxiliares nos processos de ensino e aprendizagem sem torná-las como um fim em si mesma, deixando unicamente com uma concepção instrumental de ensino.

Uma proposta para o Ensino de Filosofia segundo as ideias de Lévy dialoga com as de Bruno Latour (TAR- Teria de Ator Rede), na qual os objetos são criados pelos humanos interferindo diretamente sobre eles, mas estes objetos também interferem nas formas de viver, de ser e estar no mundo dos homens. Em referência à concepção de simetria da Teoria Ator-Rede, Lévy escreve:

[...] Esta concepção do ator nos leva, em particular, a pensar de forma simétrica os homens e os dispositivos técnicos. As máquinas são feitas por homens, elas contribuem para formar e estruturar o funcionamento das sociedades e as aptidões das pessoas, elas muitas vezes efetuam um trabalho que poderia ser feito por pessoas como você e eu. Os dispositivos técnicos são, portanto realmente atores por completo em uma coletividade que já não podemos dizer puramente humana, mas cuja fronteira está em permanente redefinição (LÉVY, 1993, p. 139).

A Teoria Ator Rede aponta os não-humanos como atores de plenos direitos que ajudam a compreender os humanos e o social. Nesta teoria não há diferenças entre pessoas e objetos, o social é formado por associações e o objetivo é desvendar as redes que se formam a cada momento, remetendo à ideia de mediação, alianças. É uma relação de hibridação, não há uma separação entre sujeitos e objetos, mas se constituem da união entre ambos.

A relação do social para Latour (2012) é que ele não compreende nada imutável na sociologia nem na sociedade, do mesmo modo nas próprias fórmulas de descrevê-la. Na sociologia das associações vai em conta essa imutabilidade, ela busca as incertezas quanto a natureza dos grupos, das coisas, da ação, o modo de descrever o social; não cabe apenas ao cientista determinar o que é o social, mas ambos, atores e cientistas, participam desse processo de construção do social.

Neste sentido Latour recusa tanto um determinismo da técnica sobre o humano quanto o determinismo dos humanos sobre a técnica. Pode-se pensar, por exemplo, na influência da internet, com suas redes sociais e seus impactos sobre os adolescentes, público alvo desta pesquisa. O argumento de Latour é que existe uma mediação técnica, ele refere-se a uma influência mútua entre homens e artefatos sendo sua associação resultante, impossível descrever seja pelo homem ou pelo artefato, pois isoladamente ela não contém os atributos do todo.

Essa mediação técnica observada em ambos como um par simétrico com novas características é dada pela união homem-máquina. Essa relação não seria só uma outra forma de olhar o problema do determinismo materialista, as intenções ocultas das estruturas de poder na técnica? Bem, ela vai em direção a uma tradução que implica um ator híbrido e actante (aquele que faz o outro fazer).

Em Latour, a ideia de actante se refere a um achatamento das classes epistemológicas modernas (sujeito/objeto, sociedade/natureza) e expressa uma releitura do conceito de social, na medida em que se opõe à noção sociológica clássica de ator social. Por ação social Latour não quer significar apenas a ação do humano, mas fundamentalmente a ação da associação, da combinação de actantes, que podem ser homens, armas, gavetas, instituições, código penal etc. Assim, no plano da ação, a ênfase se desloca mais para os meios, para as misturas, para o ator híbrido, pois a “ação não é uma propriedade dos humanos, mas de uma associação de actantes” (LATOURE, 1994a: 35 *apud* SANTANELLA, 2015, 35).

O social é visto mais como resultado de uniões do que um sistema estruturado, fechado. A TAR descarta as classificações buscando o movimento, o devir, intenciona perceber como as estruturas são formadas por atores e não o contrário. O social é uma rede que se faz e desfaz a todo instante, as instituições,

normas, hábitos são gerados pelas actantes numa tentativa de estabilizar essas redes.

Dessa forma, Lévy (2010), no seu livro *Cibercultura*, levanta o questionamento se as tecnologias causam impacto na sociedade, esboçando justamente concordância com Latour (2012), na compreensão de que as tecnologias não causam um impacto, isso porque a metáfora do impacto indica uma separação “Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior?” (LÉVY, 2010, p. 22). Esse posicionamento está fora de questão, pois a técnica sempre existiu, ou melhor dizendo, faz parte dos seres humanos.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial- das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam (LÉVY, 2010, p.22).

O problema dessa ideia de impacto estaria na confusão sobre se a tecnologia é condicionante ou determinante de consequências. Para Lévy (2010), tecnologia e cultura nunca foram separadas, logo as tecnologias são expressões de uma cultura, por trás delas existem uma gama de projetos, ideologias, estabelecendo diferentes relações entre os seres humanos. Assim, a sociedade é condicionada por suas técnicas, “A prensa de Gutemberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da moderna ciência europeia, tampouco o crescimento dos ideais iluministas (...) – apenas condicionou-as” (LÉVY, 2010, p. 26). Ele acredita que não há como determinar os efeitos devido a uma multiplicidade de fatores e de agentes, dificultando qualquer cálculo de precisões deterministas. Em se tratando de assuntos sociais, a ideia de determinação é inadequada, pois, ao contrário de processos técnicos, na sociedade, mesmas causas podem gerar diferentes efeitos, pois sempre existe uma interação entre homens e máquinas, de modo que responsabilizar a tecnologia como causadora de novos efeitos, seria acreditar no determinismo. Logo,

o social sendo essa relação de humano e não-humanos que condiciona o híbrido. Assim:

Uma técnica não é boa nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus “impactos”, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 2010, p. 26).

O melhor seria tentar adivinhar essas irreversibilidades nas tecnologias, esclarecendo assim seus efeitos num determinado contexto, mas isso não deve ser feito para não cair no erro de estagnarmos e perdermos as multiplicidades da relação homem e máquina.

O caso da internet, entendida como cultura participativa, é uma inteligência coletiva, quanto a um artefato de processamento de dados distribuídos em redes, ou seja, um padrão de hibridismo. Na relação interativa entre os homens e a internet podem surgir, como Lévy (2010) afirma, diversos tipos de formas novas, como: isolamento, sobrecarga cognitiva, dependência, dominação, exploração, acúmulos de dados sem qualquer informação. A inteligência coletiva aqui pode funcionar tanto como remédio quanto como veneno, para aqueles que dela não participam e remédio quando conseguem navegar nas suas correntes.

Corroborando Santaella (2015):

Se há algo que a tecnologia faz é permitir um agenciamento novo, que, no entanto, só se efetiva na interação com o humano. Seria tão simplista imaginar que as máquinas governam os homens, quanto seria ingênuo supor que os homens são indiferentes à tecnologia. A ideia de mediação técnica presente em toda relação homem-máquina funciona como o movimento de dois astros em órbita mútua, em que o movimento de um é causa e consequência do movimento do outro (SANTAELLA, 2015, p. 183).

Nessa relação de hibridismo, não há impacto. A TAR se distancia de quaisquer determinismos e as inovações técnicas não podem ser julgadas boas ou

más sem perder de vista as interações novas que podem surgir ou acreditar numa imparcialidade dos seres humanos diante dos artefatos técnicos, como se um não afetasse a vida do outro.

2.3 Ágora virtual

Aqui iremos relacionar inteligência coletiva no ciberespaço como possibilidades de trocas de experiências, aprendizagens coletivas e um espaço público que permeia nossa realidade e pode estender-se como uma ágora virtual.

Pensar o ciberespaço como uma ágora virtual é buscar uma metáfora que relacione as tecnologias digitais de informação e comunicação com o sentido da praça pública, palco de diálogos e expressão do *logos* como na *pólis* grega. Principalmente porque esta pesquisa centra-se num público que habita o virtual como Serres (2013) denominou de *Polegarzinha* (SERRES, 2013), são os sujeitos que estão no processo educacional na era das TDIC que vivem grudados aos seus *smartphones* e possuem uma habilidade de digitar com os polegares, daí o nome.

Há uma certa confusão sobre o termo Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) e Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), pois este sendo o mais comum para se referir aos dispositivos eletrônicos ditos acima, refere-se também às tecnologias mais antigas como jornal, mimeógrafo, televisão. Enquanto as TDIC são os conjuntos de equipamentos eletrônicos que usam a internet e diferenciam-se das TIC pela presença do digital. Pesquisadores têm utilizado o termo Novas tecnologias para se referir às tecnologias digitais, como por exemplo Kenski (2012), ou Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), como Baranauskas e Valente (2013). Usa-se TDIC para se remeter as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Compreende-se que essas tecnologias digitais trazem novas formas de agir na sociedade, então, assim como a ágora na Grécia Antiga tornou-se um expressivo centro de discussões, as tecnologias proporcionam uma nova forma de se expressar, comunicar digitalmente, sendo hipertextual, híbrida e inter-relacional, a saber:

Entre todas as tecnologias criadas pelos seres humanos, aquelas relacionadas com a capacidade de representar e transmitir informação - ou seja as tecnologias de informação e comunicação – revestem-se de uma especial importância, porque afetam praticamente todos os âmbitos de atividades das pessoas desde as formas e práticas de organização social, até o modo de compreender o mundo, de organizar essa compreensão e de transmiti-la para outras pessoas. As TIC têm sido sempre, em suas diferentes fases de desenvolvimento, instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir para outras pessoas e para outras gerações os conhecimentos adquiridos (MONEREO; COLL,2010, p.04 *apud* COLL; MARTI 2001).

Esse caráter democrático de expressão global suscita a iminência da ágora virtual, em que diferentes pontos de vistas, de qualquer pessoa, podem contribuir nos debates públicos. Saindo de sua posição de mero receptor, o indivíduo na rede é um emissor e agente atuante no processo comunicativo. Têm-se exemplos de páginas de cunho informativo eletrônico interativo, *blogs* pessoais, que proporcionam debates e trocas de informações, assim, cidadãos comuns passam a ser mais atuantes do que as grandes empresas no sentido de compartilhar suas inquietações, alcançando maior probabilidade de resolução de seus problemas devido à rapidez das respostas obtidas. Magrini (2017) ilustra, exemplificando:

No Paraguai, o jornal ABC *Colour* abriu seu site para o jornalismo participativo. Aproveitando a sabedoria das multidões, eles pediram aos leitores que fizessem o upload de imagens e vídeos gravados dos seus dispositivos móveis, como um exemplo de algo que eles gostariam de mudar. O material foi rapidamente enviado e a documentação variou de buracos nas ruas até motoristas infringindo regras de trânsito. Com o grande fluxo de informações diárias, o site rapidamente se tornou uma fonte importante de alerta dos problemas locais e das preocupações dos cidadãos (MAGRINI,2017, p.8).

Em relação a estes fenômenos podemos afirmar que a internet não é tão monopolizadora quanto os meios tradicionais, o que permite a expressão das individualidades juntamente com o seu capital, as publicidades. Lévy (2010) corrobora com essa ideia quando expressa:

As páginas da *Web* exprimem ideias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Por trás do grande hipertexto fervilham a multiplicidade e suas relações. No ciberespaço, o saber não pode mais ser concebido como algo

abstrato ou transcendente. Ele se torna ainda mais visível – e mesmo tangível em tempo real – por *expressar uma população* (LÉVY, 2010, p.164 Grifos do autor).

A comunicação na *web* é fluída, “as redes digitais interativas são fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento” (LÉVY, 2010, p.164), no entanto, existem autores que vão analisar os desdobramentos que a internet tem na cibercultura, como por exemplo, a invasão da vida de seus usuários através da investigação e a vigilância de uma enorme massa de usuários. As empresas e o Estado ficam a par de tudo que as pessoas utilizam na internet: o gosto, o posicionamento político, as preferências musicais, sexuais etc.

Quanto a essa ideia, Lévy (2010) aponta “É certo que alguns Estados e potências econômicas realizam violações de correspondências, roubo de dados, manipulações ou operação de desinformação no ciberespaço” (LÉVY, 2010, p.236). Afirma que essas atitudes não são novas, já ocorriam e ocorrem ainda com a televisão, o rádio, nos sistemas de correspondências, nos telefones uma vez que, no ciberespaço, as ferramentas de comunicação digital são de maior alcance.

O autor destaca que as mídias clássicas são instrumentos com maior intensidade de manipulação do que a internet, visto que, a realidade é imposta e transmitida de forma distorcida, não suscitando críticas ou contraposições. Por outro lado, através da internet, há uma abertura que permite acolher diversas visões dos participantes.

Critica-se a “ideologia (ou a utopia) da comunicação” sem se fazer distinção entre a televisão e Internet. Estimula-se o medo da técnica desumanizante, ao passo que as questões dizem respeito às escolhas entre as técnicas e a seus diferentes usos. Deplora-se a confusão crescente entre real e virtual sem nada se entender sobre a virtualização, que pode ser tudo menos uma desrealização - seria antes uma extensão do potencial do humano (LÉVY, 2010, p.235).

Lévy (2010), alerta para a compreensão acerca do ciberespaço como um espaço universal sem totalidade, um espaço que favorece uma comunicação interativa, acolhedora, aberta às comunidades heterogêneas, que permite o homem estender seu potencial, uma vez que ele se vê diante da diversidade das fontes, liberdade de expressão, aspectos imprescindíveis ao funcionamento do ciberespaço, fortalecendo a inteligência coletiva. Assim, o ciberespaço se situa como mediador

entre o homem e a inteligência coletiva por isso é considerado um espaço democrático. “O projeto da inteligência coletiva é, em linhas gerais, o dos primeiros idealizadores e defensores do ciberespaço. É a aspiração mais profunda do movimento da cibercultura” (LÉVY, 2010, p. 214).

É no ciberespaço, como espaço de manifestações humanas, que a democracia se faz presente, uma democracia direta que ocorre em tempo real. Pois permite que cada um contribua de forma contínua para elaboração e o aperfeiçoamento dos problemas comuns, criando novas questões, formulando argumentos, para enunciar e adotar posições independentes uma das outras sobre diferentes perspectivas. “Os cidadãos desenhariam juntos uma paisagem política qualitativamente tão variada quanto quisessem” (LÉVY, 2015, p. 67), nesse sentido, a contribuição dos indivíduos nesse espaço em constante movimento, pelo ato de comunicação, define sua identidade política e, portanto, sua cidadania. A ágora virtual, desse modo, não tem um papel de decidir o lugar das pessoas, mas o de contribuir para produzir o agenciamento coletivo de enunciação, animado pelos viventes.

Por outro lado, Castells (2003) afirma que a internet não é um instrumento de liberdade nem tão pouco a arma de uma dominação unilateral, pois a liberdade nunca é uma dádiva, é uma luta constante; é a capacidade de redefinir autonomia e pôr a democracia em prática.

A internet encerra um potencial extraordinário para expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação de valores humanos. Certamente não pode substituir a mudança social ou a reforma política. Contudo, ao nivelar relativamente o terreno da manipulação simbólica, e ao ampliar as fontes de comunicação, contribui de fato para a democratização. A Internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento (CASTELLS, 2003, p.135).

Para Castells (2003), assim como Lévy (2015), a internet nos permite transitar em um espaço democrático que possui uma abertura de participação cidadã. Considerando que ágora representa esse ambiente de trocas de conhecimentos e informações, Lévy (2015) assevera que nessas interações humanas são desenvolvidas competências, pois através do contato com os signos, com as

informações e com as pessoas, obtêm-se conhecimentos. O saber se torna vivo nessa mediação e transmissão.

Competência, conhecimento e saber são modos complementares da aprendizagem, e se ampliam uns nos outros. “Toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimentos que envolvem, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber” (LÉVY, 2015, p.27).

Dessa forma, Lévy (2010) ressalta que as redes digitais interativas também são fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento. Mesmo que haja críticas sobre o uso das tecnologias na vida diária, como pessoas que ficam horas diante de suas telas e acabam se isolando das demais, excessos nunca foram encorajados. Questiona-se isso de alguém que lê na maneira tradicional? A leitura se dá com o mundo construído pelo leitor, com seu discurso, sua imaginação. Na tela a relação é a mesma, mesmo que a presença dos hiperdocumentos e a interconexão geral, as modalidades de leitura tendam a transformar-se.

A ecologia cognitiva¹⁵ das sociedades é estruturada pelos suportes de informação, embora estes não determinem os conteúdos de conhecimento automaticamente. E cada ecologia cognitiva favorece alguns atores, que estão no centro do processo do saber. Por exemplo, com o surgimento da escrita, o saber é transmitido pelo livro, os textos sagrados, os clássicos, é necessário que alguém os interprete. Com o advento da impressão, passa-se para a biblioteca, o sábio e o cientista se destacam e o saber é estruturado por uma rede, que desencadeará na desterritorialização da biblioteca a qual testemunha-se.

O que Lévy (2010) diria ser o prelúdio de um quarto tipo de relação com o conhecimento, o saber ser novamente transmitido pelas comunidades vivas, e não mais através de seus sábios ou intérpretes, mas sim, através do ciberespaço, este local dos mundos virtuais, por meio do qual as coletividades constroem e descobrem seus objetos e se veem como coletivos inteligentes.

Existem desde fenômenos da vida humana a grandes projetos tecnológicos atuais: astrofísica, genoma humano, climas, nanotecnologias dependentes das ferramentas do ciberespaço, porque disponibiliza banco de dados

¹⁵ Pode ser definida como as relações, interações, diálogos estabelecidos entre diferentes indivíduos, que possibilitam a construção de novos conhecimentos. Preocupa-se com o estudo das dimensões técnicas e coletivas da cognição. Apresenta-se na ecologia oral, escrita e digital com os hipertextos. (LÉVY, 1993).

de imagens, simulações e o acesso a conferências eletrônicas. Elementos que são superiores a abstração teórica, vê-se em Lévy (2010):

Para aumentar e transformar determinadas capacidades cognitivas humanas (a memória, o cálculo, o raciocínio especialista), a informática *exterioriza* parcialmente essas faculdades em suportes digitais. Ora, uma vez que esses processos cognitivos tenham sido exteriorizados e reificados, tornam-se *compartilháveis* e assim reforçam os processos de inteligência coletiva...se as técnicas forem utilizadas com discernimento (LÉVY, 2010, p.167).

Precisamente o autor deseja enfatizar que o ideal da informática não é mais criar uma máquina mais inteligente que um homem, e sim a inteligência coletiva, buscar a valorização, a otimização entre as competências, as diversidades intelectuais onde quer que elas estejam. Esse ideal da inteligência coletiva passa pelo acesso e disponibilização da memória, da experiência, da imaginação, por uma simples troca de conhecimentos, por novas formas de organização em tempo real. Estas novas técnicas de comunicação proporcionam o funcionamento da inteligência coletiva, mas não determinam os grupos humanos automaticamente, pois podem querer a defesa de poderes exclusivos, dependendo do contexto cultural, podem fazer usos sociais das novas tecnologias que não serão os mais adequados a um desenvolvimento humano.

Nesse sentido, a inteligência coletiva contribui para as transformações em andamento, suscitando como ideal uma valorização dos seus mais variados aspectos: jurídicos, técnicos, econômicos e, sobretudo, humanos de uma inteligência distribuída em vários lugares e que desperte a valorização de reconhecimento e mobilização das competências. Logo, sua finalidade reside em dispor os recursos de grandes comunidades para ajudar as pessoas e os pequenos grupos, não o contrário.

O ciberespaço, como Lévy (2010) diz, em algumas dezenas de anos com suas comunidades virtuais, simulações interativas, seus signos, seu potencial que emergem gêneros de conhecimentos, critérios de avaliação inéditos para guiar o saber, novos atores e produtores de conhecimentos, não podem ser ignorados pelas políticas de educação.

3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO DE FILOSOFIA

Vamos neste capítulo uma aproximação dessa relação entre as TDIC e a educação, fazendo um panorama sobre as origens do termo tecnologia num contexto que perpassa pela Filosofia e pela compreensão do seu termo e análise de Pierre Lévy sobre as tecnologias da inteligência.

Com o passar do tempo as tecnologias foram se aperfeiçoando de acordo com as necessidades e fazendo parte do nosso dia a dia, tornando nossa relação com o mundo um processo cuja diversidade se aprimora com o passar das gerações. Parte-se do pressuposto que as tecnologias são aliadas no processo educativo e contribuem nesse sentido, daí a temática e as contribuições da pesquisa bibliográfica para debatermos.

Tornar o mundo do aluno com as tecnologias cada vez mais presentes na sala de aula é uma ação que traz a reflexão sobre o universo dos alunos e das tecnologias, aproximando sua realidade. “A aprendizagem precisa cada vez mais incorporar o humano, a afetividade, a ética, mas também as tecnologias de pesquisa e comunicação em tempo real” (MORAN, 2012, p.25) para que as escolas e universidades possam democratizar-se. Dessa forma o professor precisa renovar suas práticas, repensar neste contexto de mudanças o vir-à-ser próprio da Filosofia, assim buscou-se alguns exemplos de pesquisas e práticas.

3.1 O uso das TDIC nas práticas de ensino

Para dar os primeiros passos nesse debate sobre tecnologias digitais e educação é necessário responder o questionamento: o que são tecnologias? Através da busca dessa resposta inicia-se uma discussão acerca do que vem a ser tecnologia, para, a partir desta compreensão, buscar entender como se deu o desenvolvimento dentro do cenário educacional, em particular da Filosofia.

Segundo Kenski (2013), a situação da educação é desafiante, pois, assim como Moran (2012), acredita ser necessário adaptar-se aos avanços das tecnologias, orientando o caminho de todos para o domínio e apropriação crítica desses novos meios. Essa adaptação às tecnologias trata-se de um desafio global, principalmente considerando as tecnologias como sendo “[...] o conjunto de

conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade” (KENSKI, 2013, p. 24).

Desse modo, entende-se a tecnologia, como um verdadeiro processo histórico e cultural humano, não apenas como resultado, mas como produto. O que se evidencia é todo o processo fruto de necessidades gerando o novo. Quando se fala em tecnologia, geralmente a primeira imagem que vem à mente são as Tecnologias Digitais (*tablets, smartphone, smart tv, notebooks*, relógios) e as novidades, atualizações, relacionadas a elas. Totalmente aceitável visto elas fazerem, cada vez mais, parte da nossa rotina e, além disso, terem modificado a forma de vivermos em sociedade.

Num contexto histórico, as tecnologias fazem parte da vida humana há muito tempo. Desse modo, “as tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias” (KENSKI, 2012, p.15). Contudo, afirmar o que é tecnologia não parece ser uma tarefa fácil, visto que segundo Cupani (2016) não basta visualizar algo para identificarmos, assevera que:

Não há dúvida de que um avião é um objeto tecnológico e (aparentemente) uma agulha não o é. Desse modo, apontamos espontaneamente como exemplos, ilustrações ou partes da tecnologia, a televisão, o aspirador de pó, a ultrassonografia, os robôs. Refletindo um pouco, estendemos nossa consciência da tecnologia as redes elétricas, as fábricas, aos hospitais e ao sistema de controle do trânsito percebido nos semáforos (CUPANI, 2016, p.11).

Nesse sentido, a tecnologia se assemelha a posse de objetos ou um sistema de objetos com pouca complexidade, mas também pode ser um processo ou procedimentos que esses objetos podem nos proporcionar. E este processo não seria tecnológico? O autor concebe a tecnologia de forma poli facetada: objetos, forma de agir, sistemas, processos e de uma valoração positiva ou negativa (CUPANI, 2004).

Cupani (2016) provoca a seguinte reflexão: a maior parte dos objetos e processos tecnológicos traz um conflito parcial ou permanente, reforça que:

O uso da internet, instrumento fantástico de informação e comunicação, não ameaça reduzir o conhecimento a acúmulo de dados e permitir que nossa vida pessoal seja controlada? De modo geral, é melhor ou pior, em algum sentido, a vida numa sociedade tecnológica? O que se ganha em eficiência, velocidade, produtividade, novidade, não se perde acaso em espontaneidade, serenidade, qualidade, tradição? (CUPANI, 2016, p.12).

Cupani (2016) afirma que a internet nos traz maravilhas, mas seu uso pode causar preocupações, pois a tecnologia, devido ao seu pluralismo e ambiguidade de respostas tem relação com a técnica. Por exemplo, quando o homem se alimenta de um pão que ele fez, aconteceu um procedimento sujeito a regras, a uma técnica.

Quando se leva em conta que tecnologia e técnica são iguais estamos nos referindo a uma capacidade de fazer, ou seja, a expressão de um saber. Esta ação no mundo é o que diferencia as pessoas dos outros animais, ao passo que elas executam ações na produção de artefatos e dos objetos artificiais.

Para Galimberti (2015), técnica é uma forma de pensar que capacita a conseguir o máximo de fins com o uso mínimo de meios. Desse modo, trata-se da racionalidade instrumental, algo que determina o modo de viver. Até mesmo porque Galimberti (2015) não concorda com a definição de homem como animal racional, pois falta-lhe o instinto como os outros animais, ou seja, ele não reage rigidamente e sim busca uma forma de substituição, um mecanismo de defesa, recurso utilizado por Freud como sublimação. Assevera que: “[...] Desta forma, o homem não deve ser pensado como um animal dotado de instintos, mas como um ser vivo que, não sendo codificado pelos instintos, somente sobrevive quando se torna “imediatamente técnico” (GALIMBERTI, 2015, p.06).

Tais compreensões da técnica como forma de pensar racional, e da tecnologia como capacidade de fazer ou expressão de um saber, pode ser consideradas desde a Grécia antiga na relação entre ação (*práxis*) e a produção (*poiésis*) das pessoas no mundo, resultando num trabalho constante de transformação da natureza, com vistas à produção de artefatos para serem usados na vida diária.

Esta relação entre o saber e o fazer foi diferenciada por Aristóteles entre *Physis* e *Poiésis*. A *Physis* como reino da natureza entendido como um ser que se cria a si mesmo, já a *Poiésis* trata da produção humana de artefatos, que vai desde a criação de artes e artesanatos à produção de convenções sociais nas diferentes

culturas. E é a partir desta que se origina a *Téchne*, que simboliza aquilo que é fundamental à prática de certas habilidades humanas em vista de um propósito, ou melhor, de uma finalidade. Dessa forma, um marceneiro, por exemplo, que faz uso de seus conhecimentos técnicos para construir um guarda-roupa.

Assim, sendo um tipo de conhecimento adquirido mediante processo de ensino-aprendizagem, para mais tarde dar origem aos bens e serviços que compõem a sociedade, a *Téchne* tornou-se atividade fundamental em nossas sociedades contemporâneas. E está na origem das palavras modernas para técnica e tecnologia, quando se refere ao trabalho manual dos artistas e artesãos.

No decorrer do tempo, essas atividades foram se diferenciando do trabalho do técnico propriamente dito. Uma vez que o trabalho do artista produzia algo único e ímpar, o trabalho do técnico transforma-se em conhecimento transmitido de geração em geração.

Quando o trabalho foi adquirindo repetição e reprodução do mesmo artefato, tornou-se um trabalho técnico, principalmente, quando o trabalho representa um meio para atingir um fim, enquanto o trabalho do artista por ser único válido por si mesmo. Através desta relação de técnica que compreende a tecnologia, infere-se que tal acepção pode ser entendida no campo do desenvolvimento histórico como aqueles conhecimentos frutos da revolução científica do período moderno.

A tecnologia pode ser definida segundo Bunge, como “o campo de conhecimento relativo ao desenho de artefatos e a planificação da sua realização, operação, ajustamento, manutenção e monitoramento, a luz de conhecimento científico” (BUNGE apud CUPANI, 2016, p. 07).

Deste ponto de vista, a tecnologia está presente tanto num pincel quanto no computador, e por sua vez, as técnicas não são neutras, possuem seus elementos culturais, econômicos, religiosos e políticos que formam a sociedade. Para além dessa relação de aparelhos, utensílios e ferramentas, observa-se também o desenvolvimento de diferentes sistemas de representação e de pensamento como a linguagem e a escrita, segundo Lévy (1993) tecnologias simbólicas ou da inteligência.

Agora para relacionarmos tecnologias digitais e educação acredito que um passeio pela história nos daria um panorama mais agradável e de melhor compreensão da evolução das tecnologias desde sua criação até sua inserção na

educação, a partir da ideia de tecnologias da inteligência de Lévy (1993): oralidade, escrita e informática.

Na primeira etapa o homem utiliza o gestual e a fala na comunicação, uma linguagem natural, um período em que o desenvolvimento da comunicação oral estava diretamente relacionado com a capacidade humana de observar, memorizar e reproduzir. “Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana” (LÉVY, 1993, p.77), isto é, neste tipo de sociedade toda sua fundação cultural está na memória dos indivíduos e sua inteligência consequentemente é a lembrança auditiva.

Característica de um período em que o homem primitivo tinha que trabalhar em conjunto e a comunicação clara era indispensável. A transmissão oral, como único sistema de comunicação se fazia da seguinte forma: as pessoas precisavam estar presentes ao mesmo tempo e espaço, deviam prestar muita atenção para desenvolver a observação, a memória e a capacidade de repassar o que via e ouvia, habilidades que fazem parte de alguns métodos educacionais: a repetição, a memorização, a transmissão e a reprodução de informação, fundamentais num sistema que dependia disso para reter conhecimentos importantes para preservar a cultura e a sociedade hierarquizada. Algo presente até hoje quando o professor é o centro do processo e o aluno só ouvinte passivo.

Na segunda etapa, o tempo da escrita e da agricultura, os homens tiveram que esperar a hora certa para plantar, confiando sua vida à terra e ao tempo. É o período da agricultura, na qual há hegemonia do ser humano sob os demais seres, saindo da sobrevivência, para adaptação da natureza, criando as técnicas de produção alimentar e de construção,

A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos. Os hipertextos do autor e do leitor podem, portanto, ser tão diferentes quanto possíveis. A comunicação puramente escrita elimina a mediação humana, no contexto que adaptava sua narrativa as mensagens vindas de um outro tempo ou lugar (LÉVY, 1993, p. 89).

No decorrer deste período, a necessidade de registrar, guardar as informações e compartilhar com os outros se torna independente, nas sociedades

orais era o contador (*aedo*) o responsável por fazer essa contextualização e adaptar as circunstâncias, interesses e conhecimentos do seu público. A tradição oral era, desse modo, uma tradução e uma traição, enquanto a escrita dá uma rigidez por ela ser fiel ao que foi escrito e se tornar incompreensível ao leitor.

O que se pode comparar com a leitura de um texto nesse período das sociedades orais, por exemplo, pode ser receber um sinal divino ou a interpretação de oráculos. A atividade de interpretação existia muito antes da escrita desde terceiro milênio a. C. no Egito e na Mesopotâmia, sobre sintomas, presságios, em peles, entranhas de animais. Assim, quando mensagens começam a se tornar confusas e fora de contexto, a interpretação passa a ser tão importante quanto o exercício de traduzir as escritas hieróglifas ou cuneiformes em questão. Pois, o sentido do dado contribui para diminuir a distância entre o leitor e o autor, contudo ela produz também diferenças, conflitos, funda escolas rivais. Ao realizar a exegese sobre o papel, quando escreve uma leitura, constrói-se algo que não pode ser mudado.

A escrita ocasiona além das questões da interpretação, uma independência na produção de saberes, na qual os autores são independentes das situações em que foram criados (teorias) e que significa, hoje, autonomia teórica e universalidade na Filosofia ou na ciência, em relação à tradição.

É um pouco como se a tabuinha de argila, o papiro, o pergaminho ou a fita magnética repetissem incansavelmente, mecanicamente, aquilo que confiamos a eles; sem tentar compreendê-lo, sem conectá-lo a outros elementos de informação, sem interpretá-lo. A escrita é uma forma de estender indefinidamente a memória de trabalho biológica. As tecnologias intelectuais ocupam o lugar de auxiliares cognitivos dos processos controlados, aqueles que envolvem a atenção consciente e dispõem de tão poucos recursos no sistema cognitivo humano (LÉVY, 1993, p.91).

Através da escrita representa-se em diversos modos, não somente o canto ou a narrativa, mas também na medida em que a escrita se torna mais comum na sociedade, saindo do manuscrito ao tempo do impresso. Na medida em que as representações passam a durar de forma autônoma e ser transmitidas, os números e as palavras podem ser organizados em tabelas como, por exemplo: “[...] das

primeiras contas sobre tabuinhas às cotações da Bolsa via Minitel”¹⁶ e as tecnologias intelectuais de fundo escriturária permitem assim, uma circulação das representações livre das narrativas. A memória agora não se restringe somente à capacidade humana, ela está de forma ótica, magnética e através da informática, aumentando a capacidade do banco de dados natural.

Na passagem da oralidade para a escrita desenvolveu-se um pensamento crítico e racional vide o nascimento da Filosofia, “uma educação pela experiência, a memória, a poesia, a récita dos mitos, iria ser substituída por um ensino onde o treinamento para o exame dialético das ideias teria o papel principal” (LÉVY, 1993, p.94). Sócrates, representante desse período era um filósofo que não se utilizava da escrita, usava da oralidade, mas não um simples repetir poético, estava mais para um duelo oral de raciocínios parindo conceitos, essências, fugindo da tradição épica.

Com o próprio passar do tempo, a invenção do calendário, uma percepção da sucessão das estações do ano, o tempo como algo natural e não divino, saiu da ideografia ao alfabeto e da caligrafia à impressão, permitindo uma organização cronológica, de datas, dinastias, fazendo a história como um efeito da escrita. Ocorre uma separação do saber com a comunidade, torna-se disponível, comparável, não é mais condição de identidade pessoal ou coletiva. A forma narrativa perde sua necessidade de ser.

Desse modo a impressão trouxe uma revolução, na quantidade de livros em circulação e no seu leitor ser um indivíduo autossuficiente, que, no século XV, não usava mais dos métodos de um mestre que recebeu um ensino oral. Descartes é o exemplo desse período por sua aventura de reconstrução do saber após sua renúncia, de toda herança através de sua dúvida metódica. Influenciado pela nova tecnologia na qual podia, com a impressão, estudar a matéria através de sessões distribuídas pelo livro em função de seu plano geral. Desse modo a singularidade deste momento está que:

Os antigos manuscritos imitavam a comunicação oral (perguntas e respostas, discussões contra e a favor) organizavam-se ao redor do comentário de um grande texto ou propunham trechos selecionados

¹⁶ Minitel foi um pequeno terminal de consulta de banco de dados comerciais existentes nos Correios, nas Telecomunicações e nas Tele difusões existentes na França. Considerado um precursor da internet atingiu nos anos 90, 20 milhões de usuários e foi desativado em 2012.
<https://olhardigital.com.br/noticia/precursor-frances-da-internet,-minitel-saira-do-ar-no-sabado/27457>
Acesso: 22 abr 2020

e compilações. Foi somente a partir do século XVI que se generalizaram as apresentações sistemáticas de uma “matéria” especializada, dividida de acordo com um plano coerente. Estas apresentações apoiam-se sobre interfaces específicas da impressão das quais já falamos na primeira parte: paginação regular, sumário, cabeçalhos aparentes, índice, uso frequente de tabelas, esquemas e diagramas (LÉVY, 1993, p. 97).

Com a invenção da prensa por Gutemberg no século XV, mudou-se a forma de aprender, saiu-se da discussão verbal para a demonstração visual de textos científicos, atuais na vida de cientistas e estudantes. Pois o meio impresso, dentre os demais materiais da educação, é o que tem mais história e é o mais utilizado tanto na educação presencial quanto na educação a distância. Das primeiras produções feitas em papiro e copiadas a mão, o livro como resultado da impressão representa grande evolução tecnológica.

As escolas adotam um padrão de leitura centrado na figura do professor, e as obras dos filósofos e cientistas reforçam esse modelo pedagógico, destaque para Descartes, Bacon, Leibniz que viveram na Idade Moderna e suas obras são sistemáticas, organizadas por extratos, indexadas, comparadas, no formato de livro que conhecemos atualmente.

A impressão permitiu que as diferentes variantes de um texto fossem facilmente comparadas. Colocou à disposição do erudito traduções e dicionários. As cronologias começaram a unificar-se. A crítica histórica e filológica começou, portanto, a ser exercida, inclusive sobre os textos sagrados (LÉVY, 1993, p.98).

Na educação, essas tecnologias baseadas principalmente em livros didáticos e textos também são usadas num ensino à distância e por correspondência. Desde o século XIX a educação a distância utiliza-se dos materiais impressos, assim como recursos áudio visuais, fitas cassetes, CD, DVD. Com o aparecimento do telégrafo, da TV, do telefone, da rádio, que trouxeram a possibilidade de encurtar distâncias e entraram nos meios educacionais como um complemento da escrita e estratégias de aprendizagem, um novo estilo cognitivo foi se desenvolvendo através das tecnologias. Como pode-se perceber, “passamos da discussão verbal, tão característico dos hábitos intelectuais da Idade Média, à demonstração visual, mais

que nunca, em uso nos dias atuais [...] graças a estes novos instrumentos de visualização, os computadores” (LÉVY, 1993, p.99).

A chegada da era digital e a possibilidade de relacionar na mesma linguagem o cinema, a radiotelevisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática, convergem num mesmo sistema de códigos, mais confiável, com maior facilidade de transportar, mais econômico, através dos novos computadores digitais desde a década de 40.

No Brasil a utilização dos computadores e das mídias em prol da educação se consolidou a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, nº5.692 de 1971 (BRASIL, 1971). Com a regulamentação do ensino supletivo, a modalidade de educação a distância passou a fazer uso de elementos tecnológicos dentre os quais destacam-se o rádio, a televisão, a correspondência e outros mais; isso proporcionou uma ampla difusão do ensino chegando a uma parcela significativa de estudantes nas cinco regiões do país. Para Valente (2017), alguns eventos marcaram o uso de tecnologia na educação brasileira durante o período da ditadura militar como, por exemplo:

[...] o Projeto Minerva do MEC [...] composto por programas radiofônicos para educação supletiva de adultos, e o Projeto SACI (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares [...]) desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) para educação primária, que propunha a construção e uso de um satélite de telecomunicações para a transmissão de programação educacional (VALENTE, 2017, 196).

Altoé e Silva (2005) pontuam que a utilização dos meios audiovisuais destinados à formação humana estabeleceu o primeiro campo da tecnologia educativa; com o desenvolvimento dessa atividade a vida das pessoas foi sendo aos poucos modificada ao ponto de estar, ao que parece, consolidada no cotidiano.

Como se percebe a tecnologia faz parte do contexto histórico e cultural do ser humano. Trata-se não só de ferramentas e utensílios como também do sistema de representação e de pensamento: a linguagem e a escrita, para Lévy (1993), são as tecnologias simbólicas ou da inteligência, e sua expansão se tornou fundamental para as diferentes esferas das ações humanas, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de compreender o mundo. Nesse sentido, a escola, em seus

processos formativos, precisa reconhecer a amplitude tecnológica que cerca o educando, buscando potencializar as contribuições educativas que as tecnologias móveis oferecem aos jovens em formação.

3.2. As TDIC como recurso didático para o ensino de Filosofia

Como mencionado acima, a sociedade da informação e do conhecimento passaram por um processo de desenvolvimento tecnológico e informático que culminou na digitalização. Tal revolução colocou à disposição possibilidades enormes de comunicação e de acesso à informação e ao conhecimento, configurando numa nova forma comunicacional e informacional. A informação está em todos os lugares e é acessada, principalmente pelos alunos, através dos seus *smartphones*, tablets, computadores. Em relação a isso, Serres (2013) aponta nos adolescentes o efeito dessa presença, a saber:

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não tem mais a mesma cabeça (SERRES, 2013, p.19).

Com a propagação acelerada das TDIC e da internet, os usuários interagem das mais diversas formas através das mídias, tendo acesso a entretenimento e informação quase sem limites. As mídias podem se tornar conseqüentemente mais individualizadas, viciantes. Essas mídias por sua vez, as TDIC, e a comunicação que elas veiculam, estão no centro das mudanças técnicas e colocam novas questões (sociais, políticas, econômicas, educacionais) cujo debate e compreensão são fundamentais para a cidadania.

As mídias digitais transformaram o modo como as pessoas se relacionam e pensam, informam e aprendem, e, conseqüentemente há uma transformação na sociedade local e global nunca vista. Diante desse quadro não cabe uma visão somente positiva diante da tecnologia, mas uma perspectiva crítica, pois as

tecnologias não são neutras e sim carregadas de valores. As abordagens binárias que colocam em lados opostos tecnófilos e tecnófobos podem ser superadas por um ângulo transversal, cibercriticista, que propõe que a tecnologia esteja a serviço de novas formas de sociabilidade (Rüdiger,2011). Tendo em vista que as TDIC podem promover uma dimensão cooperativa e emancipatória, isso ocorre somente se forem devidamente apropriadas através da reflexão filosófica e a ação política.

É importante ressaltar o cenário atual da educação e suas transformações emergenciais durante a pandemia, na qual a educação *online* não chega até aos mais carentes e não representa uma realidade aos que têm melhores condições econômicas. Lembrando que educação *online* não é apenas EaD, mas todo um conjunto de processos de ensino e aprendizagem realizado no ciberespaço. Fazendo parte assim, o ensino híbrido ou *blended learning*, quando mescla atividades *online* e *offline* como base no processo educativo.

O ensino híbrido (HORN; STAKER; CHRISTENSEN, 2015) concilia *on line* e presencial, eles se complementam com foco na personalização:

As modalidades ao longo do caminho da aprendizagem de cada estudante dentro de um curso ou de um componente estão interligadas para proporcionar uma experiência integrada, de forma que o aluno possa de alguma forma controlar ritmo, espaço e tempo e esteja no centro de um processo (HORN E STALKER, 2015).

Desse modo aulas que são filmadas em sala e transmitidas ao vivo para quem está em casa, não são híbridas, assim também como aulas que acontecem no modo remoto com professores e alunos em casa combinando momento de sincronicidade e assincronicidade. O modelo híbrido envolve atividades que acontecem em momentos presenciais e a distância, o conteúdo presencial deve estar relacionado ao remoto, *online* preferencialmente, não são obrigatórias, lembrando que ele envolve o retorno presencial, mesmo que em pequena escala.

Essa abordagem pedagógica visa favorecer o desenvolvimento do estudante e sua autonomia e inclui, segundo Lilian Bacich (2020): “projetos, rotação por estações, sala de aula invertida. São várias as metodologias. Mas a abordagem é conectar o que o aluno faz *online* com o que ele faz presencialmente” (BACICH, 2020).

Para diferenciar o híbrido da educação a distância, Bacich (2020) afirma que esta é “uma modalidade prevista em lei, que possui uma organização e uma estrutura de funcionamento específicas, que envolvem conteúdo pedagógico elaborado especialmente para atender a este formato”. Sendo o remoto, para evitar mais confusão com os termos, uma adaptação devido à pandemia da COVID 19, na qual o aluno não frequenta a escola e existem diferentes formatos (online, AVA, via TV, rádio, *WhatsApp* e impressos).

Em meio a isso, a pandemia nos obrigou a permanecer em casa, dessa forma, o ensino híbrido teve vários desafios: preparo e profissionalização docente, ajuste no calendário escolar, acompanhamento das ações. O que pôde ser percebido principalmente no impasse em fazer com que os alunos realmente acessassem o conteúdo das aulas. Esse engajamento em um cenário em que nem todos têm condições propícias para estudar em casa, nas escolas do Estado do Maranhão, o governo disponibilizou, no segundo semestre de 2020, chips para os alunos e, em 2021, um canal na TV e as distribuições de conteúdos impressos.

Há a necessidade de tomar muito cuidado para não banalizar o ensino presencial, o direito dos estudantes tem que ser respeitado. No ensino médio, por exemplo, são relações delicadas, pois muitos alunos precisam trabalhar e a relação com o professor é fundamental no estabelecimento de vínculos.

São pontos fundamentais para tratar das TDIC e da Filosofia, visto que sob o véu deste cenário já passavam questões primordiais no que concerne a Filosofia na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, LDB 9.394 de 1996, (BRASIL, 1996), na reforma do novo Ensino Médio através da Medida Provisória 746 de 2017 e sua diluição em meio às humanidades. Historicamente a disciplina Filosofia nunca teve um espaço no currículo escolar muito assegurado, esteve presente e foi retirada de acordo com as condições políticas vigentes.

Fazendo uma retrospectiva histórica, em 1964 com o golpe militar, a disciplina de Filosofia, foi banida dos currículos escolares das escolas públicas, porque os militares passaram a determinar os rumos da política nacional, favorecendo as áreas tecnológicas em detrimento das humanidades e das ciências sociais.

Retornando ao currículo escolar em 1986 como recomendação, não obrigatoriedade. Na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, LDB 9394 de 1996 (BRASIL, 1996) surge como disciplina transversal às outras disciplinas.

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes: § 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

No decorrer do tempo, percebeu-se vários problemas decorrentes dessa situação da Filosofia e o modo superficial como ela era trabalhada na educação básica, havia professores não habilitados na área, pois não tinha uma exigência da formação específica de Filosofia. Esse dentre outros obstáculos levaram a lutas dos professores, eventos acadêmicos, mobilização e conscientização para um retorno da disciplina de forma efetiva e que garantisse suas características próprias como conteúdo curricular.

Somente em 2008, mediante a Lei 11.684 de 2008, a disciplina se torna obrigatória no currículo do Ensino Médio, voltando em 2017 a sua instabilidade com a reforma do Ensino Médio, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e sua localização na área de Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas, gera dúvidas de como a Filosofia será organizada na educação básica, além de suscitar questionamentos e críticas.

Os pesquisadores se ocupam também com as questões práticas de seu ensino, que preservam ainda suas formas didáticas tradicionais e conteudistas, na qual as escolas acabam por apenas reproduzir o conhecimento, tendo um ensino direcionado à mera transmissão de conhecimentos, o que, nas palavras de Freire (1996) não condiz com o ensinar:

As considerações ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramentos de um primeiro saber inicialmente apontado como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista. *Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou construção.* Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- *a de ensinar e não de transferir conhecimento* (FREIRE, 1996, p.21. Grifos do autor).

O ensino de Filosofia quando se baseia no livro didático, na memorização dos conceitos, na história da Filosofia como conteúdo central e na figura do professor como o detentor de conhecimento, coloca o professor diante de um impasse com o próprio filosofar, como assevera Aspís (2004) “A matéria Filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante. Para ser Filosofia ela tem que ser reativada, reoperada, assim reaparecendo a cada vez” (ASPIS, 2004, p.308).

Assim, segundo Pretto (2001), a proposta de TDIC no espaço da relação pedagógica entre professor e aluno pressupõe um espaço de diálogo, na qual as palavras adquirem novos sentidos devido a novas formas de pensar, ultrapassando alguns padrões da forma tradicional do processo de aprendizagem e admitindo a possibilidade de um novo modelo de construção de conhecimento.

Nesta dissertação, a reflexão sobre as possibilidades e limites do *WhatsApp* no ensino de Filosofia, se apresenta como um problema de pesquisa, visto ser encontrada entre os professores e pesquisadores da área, uma perspectiva dualista em relação as TDIC: uns acreditam na sua eficácia, outros não.

Fazem parte dessa problemática, a concepção historicamente enrijecida e fechada de se ensinar Filosofia, os nativos digitais¹⁷ cujo universo cultural é cada vez mais tecnológico e mediado através das mais variadas TDIC. Não obstante, vimos que as tecnologias não são autônomas, não possuem dinâmicas próprias. Elas fazem parte do processo social e cultural da humanidade, exigindo uma postura reflexiva para se ter cuidado com ideias que possam direcionar para um determinismo tecnológico¹⁸ e um esforço para estudá-las para compreender de uma forma mais complexa seus verdadeiros impactos na nossa sociedade, e, principalmente nas relações de ensino e aprendizagem.

Concomitantemente, as inovações tecnológicas geram desafios, que suscitam nos professores de Filosofia a necessidade de repensar sua prática pedagógica. Cerletti (2009) assevera que:

¹⁷ Expressão criada por Prenski, especialista em educação, para designar aqueles nascidos após 1980 cujo desenvolvimento biológico se deu em contato com a tecnologia.

¹⁸ O termo foi criado por Thorstein Veblen, um economista e sociólogo norte americano que criticou duramente o sistema capitalista selvagem e criou a teoria reducionista na qual a tecnologia de uma sociedade impulsiona o desenvolvimento social e cultural da mesma (Rüdiger, 2013).

Há uma demanda usual em relação à formação de professores—certamente comum a quase todas as disciplinas—que poderia ser circunscrita, de maneira simplificada, em alguns tópicos: “necessito ‘ferramentas’ para dar aula”, “quero ‘instrumentos’ para poder ensinar”, ou até, em alguns casos, “eu já aprendi os conhecimentos básicos de minha especialidade, agora o que preciso é aprender a ensiná-la”, etc. Ainda que a preocupação seja legítima, já que um professor vai ensinar, os pressupostos que estão por trás dessas demandas — uma análise detalhada. Ainda, com mais razão, se quem vai ensinar ensinará Filosofia (CERLETTI, 2009, p.07).

Tais condições e situações que Cerletti (2009) destaca são primordiais, principalmente, se tratando do ensino de Filosofia e como desenvolvê-lo. São pressupostos que segundo ele devem partir de uma análise filosófica antes de tudo para uma melhor compreensão da docência. Se reconhecer enquanto filósofo e sua compreensão do que seja Filosofia, passando por uma formação de professor que reconheça seu valor, essa, e a questão do ensino filosófico, serão abordados em tópico posterior.

A partir daí o professor de Filosofia pode se dispor a pensar em novas proposições para estabelecermos outras formas de realizar as mediações entre a tradição e a realidade do aluno, sem deixar de lado a leitura e a escrita, sem culpar as TDIC, mas, quem sabe, tornando-as estratégias para dinamizar o exercício do pensar filosófico.

Do mesmo modo, os livros, a escrita, os ambientes virtuais, as TDIC no geral, podem ser vistas como ferramentas, meios ou recursos didáticos para ensinar e aprender Filosofia. A internet e ambientes virtuais, como por exemplo, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) podem ser mediadores nesta realidade configurando como uma construção coletiva do conhecimento. Análise corroborada por Boettcher (2009):

A Internet possibilita um ambiente autônomo, pois serve de exemplo à criação de grupos de discussão, nos quais comunidades virtuais exploram as riquezas existentes na população, trocando questionamentos, criando uma memória coletiva, oriunda da interação das pessoas (BOETTCHER, 2009, p. 83).

Esta dinâmica de aprender coletivamente através de trocas de conhecimentos, se tornam processos significativos para o aluno que deseja aprender, é o que Lévy propõe quando se explanou anteriormente de inteligência coletiva. E, certamente, o aluno dessa cultura digital, torna-se o centro desse paradigma na educação, caracteriza-se uma metodologia que se adequa com a forma de utilização pelos estudantes das chamadas redes sociais¹⁹.

Na internet há como possibilidade aplicativos gratuitos como o Edmodo, o *Google classroom* que permitem acessar o ambiente do site em qualquer lugar, conectando professores e alunos para que compartilhem ferramentas que facilitem a criação de atividade colaborativas, fóruns, produção de vídeos. As tarefas podem ser corrigidas, inserindo marcações e correções nos documentos. Livros, vídeos, links, apresentações, avisos e a biblioteca podem ser acessados no smartphone ou computador.

Neste contexto temos uma análise de Araújo (2019) com o aplicativo *Nearpod* na disciplina de Filosofia através da metodologia de *Webquest*, em que os alunos foram convidados a resolver um problema sobre corrupção do conteúdo de Política e Ética, usando o aplicativo e os recursos dos smartphones para registrar fotos, vídeos e entrevistas. Sobre isso relata:

Assim, quando trabalhamos com conteúdos complexos como política, por exemplo, suas origens gregas, seu contexto histórico, suas categorias filosóficas, um aplicativo como o *Nearpod* favorece de forma marcante o trabalho do professor e o processo de aprendizagem dos alunos, pois, permite que se acompanhe de maneira muito próxima a compreensão dos educandos, e que ao mesmo tempo, possamos redirecionar as atividades pedagógicas, conforme a real necessidade. Portanto, entendemos que o aplicativo *Nearpod* pode ser pensado como um ambiente interativo e motivador para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (ARAÚJO, 2019, p. 60).

Dessa forma, percebe-se como a internet e as metodologias ativas contribuem para o ensino de Filosofia, desenvolvendo nos alunos a construção do

¹⁹ Para Raquel Recuero (2009) rede social na Internet pode ser resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas (os sites de redes sociais). São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. Sendo o *Facebook* um site de rede social.

saber. O professor trazendo a realidade do mundo digital, contextualizando numa perspectiva motivadora e pedagógica da aprendizagem filosófica.

No artigo de uma pesquisa de doutorado com Moraes (2017), na qual ela trabalhou com o *Facebook* e o *Google Docs* numa turma do terceiro ano do Instituto Federal de Farroupilha (RS), a autora buscou compreender quais os limites e possibilidades de aprender e ensinar a ler e escrever em Filosofia no ensino médio através das Tecnologias Digitais, assim:

O Facebook vem criando novas ferramentas e recursos, tais como a criação de Grupos fechados para discussão dos mais variados temas. Nestes, é possível compartilhamento entre professores e alunos tanto de materiais de texto, quanto de vídeos e imagens, além de facilitar a comunicação dentro de um sistema mais colaborativo e não hierárquico. No Grupo do Facebook, o professor, em geral assume uma postura de mediador, ou seja, ajuda o aluno a fazer a interação com o conteúdo, com o conhecimento e com os outros colegas, de forma autônoma e não passiva. Conforme Ferreira & Bohadan (2014), o uso deste recurso tem sido muito frequente para as finalidades educacionais dada sua semelhança com as funcionalidades que se pode encontrar em salas de aulas virtuais dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Já o Google Docs, funciona como um editor de texto *online*. Este, pode ser editado por vários usuários ao mesmo tempo e pode ser acessado de qualquer lugar ou dispositivo, pois utiliza armazenamento na nuvem (MORAES, 2017, p.566).

A autora destaca que as TDIC proporcionaram uma interação entre os alunos mesmo que tenham tido dificuldades com a leitura e escrita em Filosofia, observou sobre o tempo de aprendizagem, de escrita e a troca entre os participantes são elementos facilitadores, promovendo a colaboração monitorada pelo professor, sendo que as TDIC não são o problema, mas que há necessidade de se deter na questão do esforço e do exercício da leitura no cotidiano escolar.

A Filosofia, por ser uma área do saber que o professor pode utilizar vários recursos para desenvolver suas aulas com inovação e criatividade, buscando o debate e a troca de ideias, não pode mais se abster das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem como assevera Medeiros em a Aplicação do Blog no Ensino de Filosofia (2009):

As ferramentas tecnológicas vistas a partir de uma perspectiva do senso comum são percebidas como instrumento empregado nas atividades que envolvem as relações humanas, com atenção especial na educação. Portanto, para os estudiosos da área as tecnologias são vistas não como meras atividades econômicas, mas como um modo de ampliar os processos educacionais, isso demonstra que a utilização da informática vai além do uso em setores administrativos. Isto é, a escola poderá incorporar estes meios como uma possibilidade de ampliar as capacidades de investigar, construir, explorar ao máximo as diversas vantagens que as tecnologias podem oferecer à educação (MEDEIROS, 2009, p. 8612).

Dessa forma percebe-se que em toda sociedade estamos conectados. Nas escolas e universidades reconhecem cada vez mais a necessidade dessa interação através das ferramentas tecnológicas. Nas escolas e agora fora delas (pandemia) para ajudar com o processo educativo. A esse respeito Medeiros afirma (2009):

É necessário que a tecnologia, presente nas escolas, seja incorporada de maneira que contribui na formação dos indivíduos e não apenas como ferramenta ideológica dos processos políticos. Há naturalmente, um grande clamor por parte dos educandos de que a escola precisa evoluir com a modernização dos recursos didáticos e metodológicos, porém isso não pode acontecer de forma arbitrária. Mas, que os envolvidos no processo direcionem uma formação adequada para a construção do saber. A educação possibilita que todos os interessados possam interagir no próprio processo, principalmente através das novas tecnologias digitais. É um processo de mudança, em que deve permitir ao educando a saída do estado de um agente passivo, que somente recebia informações, para tornar-se o sujeito da própria ação do processo educação (MEDEIROS, 2009, p. 8612-8613).

Lembrando que em se tratando de TDIC é importante reconhecer sua importância e a necessidade de criar mecanismos que ajudem sua integração à educação, é preciso tomar cuidado com o deslumbramento que pode levar ao uso excessivo da TDIC em si, ou seja, mais por suas características técnicas do que as virtudes pedagógicas. Visto que este deslumbramento pode não ser só um exagero, mas, faz parte do discurso ideológico conforme os interesses do setor.

Cabe recordar que esta pesquisa se inscreve numa concepção de aprendizagem filosófica, na qual despertar no aluno o desejo de ser amigo, amante de Sofia, supere a simples transmissão de conhecimento, como vimos criticado por

Freire (1996). A partir desta perspectiva considera-se importante proporcionar uma educação adequada de formação para a apropriação questionadora da realidade no mundo cheio de informações. Sobre modificar a forma de ensinar, Moran (2012) afirma:

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e em integrá-las a nossa mente e a nossa vida (MORAN, 2012, p.33).

Sob essa ótica percebe-se como a internet pode se configurar também numa forma de dispersão de ideias com sua gama de sites, vídeos e tudo que chama a atenção. A aquisição da informação não caberá somente ao professor, através das tecnologias, o aluno consegue uma variedade de dados, imagens, resumos de forma rápida.

A função do professor é ajudar no processo de compreensão, interpretação, dessas informações, contextualizando, comparando. Despertar no aluno o desejo de aprender sempre mais. E este processo depende do aluno também, da maturidade com que ele absorve as informações e o que elas representam para ele, pois o processo de aprendizagem ocorrerá na medida em que as informações fizerem parte da sua vida (intelectual e emocional). Desta forma Lévy (2010) afirma que a principal função do professor:

Não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos recursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 2010, p.173 Grifos do autor).

O autor ressalta, que o espírito dessa forma de aprender através da web e das mídias está em um novo estilo pedagógico que favorece as aprendizagens formalizadas como na EAD e na aprendizagem coletiva em rede. Neste contexto, o professor é esse animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de só repassar conhecimentos, principalmente reconhecer as experiências adquiridas de seus alunos.

Segundo Harari (2018), o sistema educacional exige que as escolas ensinem um conjunto de habilidades focadas nas ciências exatas, principalmente na resolução de problemas matemáticos ou na identificação de substâncias químicas. Mas na verdade não se sabe como será o mundo e o mercado de trabalho daqui a trinta anos, muito menos quais habilidades específicas serão necessárias. São dilemas que podem ser observados, investindo habilidades que poderão facilmente ser substituídas por inteligência artificial. Nesse caso, então o que deve ser ensinado?

Muitos especialistas em pedagogia alegam que as escolas deveriam passar a ensinar “os quatro Cs” — pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. Num sentido mais amplo, as escolas deveriam minimizar habilidades técnicas e enfatizar habilidades para propósitos genéricos na vida. O mais importante de tudo será a habilidade para lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares. Para poder acompanhar o mundo de 2050 você vai precisar não só inventar novas ideias e produtos — acima de tudo, vai precisar reinventar a você mesmo várias e várias vezes (HARARI, 2018, p.231).

Mas como ser esse professor resiliente? E ensinar isso aos alunos, ser aberto às mudanças e sabe lidar com elas? Se de acordo com uma pesquisa do Instituto Península 8 em 10 professores não se sentem preparados para ensinar *online*. Segundo a pesquisa:

Quase 90% dos docentes informaram na pesquisa que nunca tinham tido qualquer experiência com um ensino a distância e 55% que não receberam, até agora, suporte ou treinamento para atuar de maneira não presencial. Sem orientação clara, os profissionais têm criado as próprias atividades. Não é à toa que 83% afirmaram se comunicar pelo *WhatsApp* com as famílias, em vez de usar ferramentas pedagógicas das escolas ou redes (CAFARDO, 2020).

A pesquisa deixa clara a falta de preparo e de apoio aos professores durante a pandemia nos âmbitos educacionais de formação e até mesmo de saúde psicológica. Alguns profissionais têm que trabalhar de casa com todas as adaptações necessárias, e não é fácil. Imagine o professor que ainda tem que se renovar numa área que muitos não têm conhecimentos tecnológicos.

As secretarias de Educação, desde que as aulas foram suspensas, adaptaram-se através de programas a distância, alguns pela TV e feito parcerias para usar ferramentas *online*. Mesmo assim, muitos professores tiveram dificuldades em utilizar os meios ofertados e preferiram se comunicar com os alunos por meio do aplicativo *WhatsApp*, tentando adaptar-se às condições, pedindo retorno com mensagens, áudios, vídeos. Mas é algo complexo que envolve limitações acerca do manuseio das ferramentas que utilizam a internet com fins pedagógicos.

Ensinar a lidar com as diversidades e as transformações repentinas é habilidade desafiadora que perpassa por conjunturas estruturais no sistema de educação, como formação de professores que prepare o profissional para as mudanças que desejamos que os alunos alcancem. Rios (2005) aprofunda, salientando que:

Não é tarefa simples, nem para poucos. Transformar as escolas em suas práticas e culturas tradicionais e burocráticas, que através da retenção e da evasão acentuam a exclusão social, em escolas que eduquem as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento cultural, científico, tecnológico e humano, exige o esforço do coletivo da escola – professores, funcionários, diretores e pais de alunos- e dos sindicatos, dos governantes e de outros grupos sociais organizados (PIMENTA *apud* RIOS, 2005, p.11).

Essa tarefa de educar por excelência, perpassa por toda uma ação conjunta da sociedade, pois na prática do professor e do aluno que ele visa educar, entrelaçam-se relações do sentir, saber e fazer, que não dependem só de diretrizes, perpassa o teórico que muitas vezes não são postas em prática no cotidiano. E, além disso, segundo Harari (2018), fora suas previsões futurísticas, o importante é aprendermos a lidar com as mudanças constantes da realidade em que estamos inseridos, buscando o conhece-te a ti mesmo, conforme Sócrates. E, perceber que

as tecnologias fazem parte da vida e quanto mais as pessoas se conhecerem, sendo conscientes autores da realidade, estarão preparadas para viver o que o futuro lhes reserva.

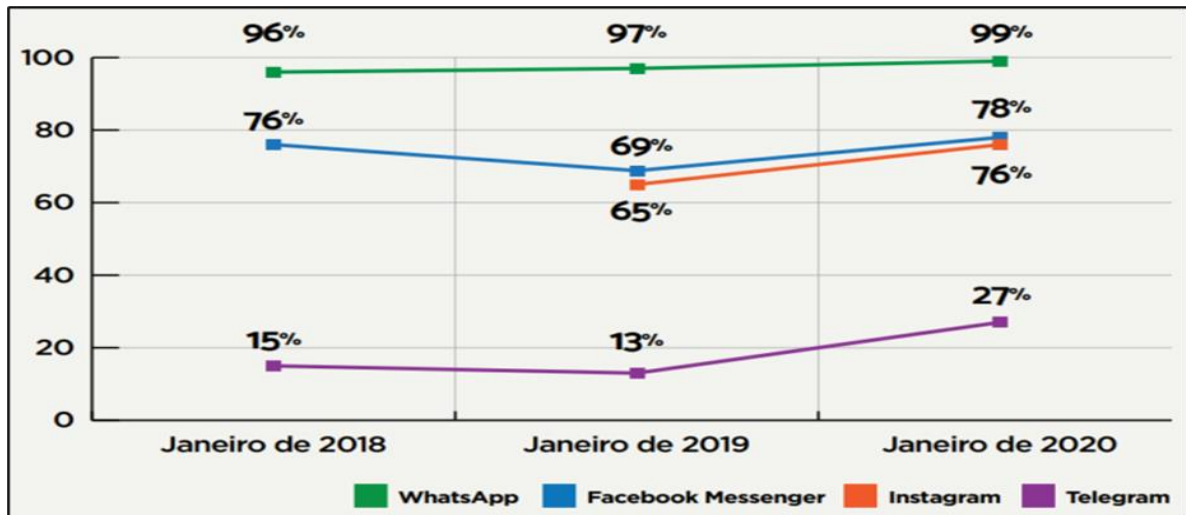
3.3 O aplicativo *WhatsApp* como mediador de interatividade

Na cibercultura, uma cena comum das salas de aula, é quando um aluno fotografa uma aula no quadro ao invés de copiar a matéria, indo contra a ação esperada pelo professor, o que é próprio dos adolescentes e da praticidade dos *smartphones* e as suas facilidades. Essa situação é comum no nosso dia a dia, uma vez que se fala dos nativos digitais, que dão novos usos aos seus aparelhos e contribuem para uma nova forma de aprender e ter acesso às informações, configurando assim a necessidade de inovação na forma de ensinar.

As facilidades dos *smartphones* passam desde o fotografar ao compartilhar para outras pessoas por redes sociais, obter novos conteúdos. Nesta possibilidade, ocorre uma produção ubíqua, mas que não significa propriamente aprendizagem, os nativos digitais por mais que tenham contato com tecnologias, não possuem fluência digital para sua autoaprendizagem, precisando assim da figura do mediador (professor).

Neste contexto o aplicativo *WhatsApp* multiplataforma tem se destacado, pois a possibilidade de trocar mensagens, vídeos, imagens, documentos, áudios, instantaneamente tem proporcionado novas experiências, além das comunicacionais. Em maio de 2017, o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, que pertence ao *Facebook*, alcançou a marca de 1,2 bilhão de usuários em todo o mundo, de acordo com uma publicação do presidente-executivo e co-fundador da rede social, Mark Zuckerberg. O Brasil contabilizou 120 milhões de usuários mensalmente ativos (um em cada dez usuários do aplicativo de mensagens instantâneas está no País), segundo o mesmo informativo (REDAÇÃO LINK, 2017).

Gráfico 01: crescimento dos números de usuários do WhatsApp



Fonte: Ventura, 2020.

O *WhatsApp* está instalado no smartphone de 99% dos brasileiros, segundo Ventura (2020), no momento é o aplicativo de mensagens mais utilizado no mundo. A Figura 01 mostra o crescimento no número de usuários ativos do *WhatsApp* nos últimos anos.

A sua popularidade ocorre principalmente entre os jovens com a popularização das mensagens de voz e vídeos. Sendo a sua característica principal, o envio de textos, mensagens escritas e com *emojis* e a gravação de áudios que são mais leves se comparados aos vídeos.

O aplicativo com interface simples de acessar, possui dentre as suas características, desde a criação de grupos, ligações de áudio e vídeo, ao acesso do histórico de compartilhamentos de mídias (imagem, áudio e vídeo), links de sites variados e documentos enviados e recebidos, através do menu *dados do grupo* e das mensagens sinalizadas como favoritas.

É possível enviar mensagens em itálico, negrito e riscado. Caso queira utilizar o itálico coloque o sinal de *underline* () antes e depois da palavra, para aplicar o negrito, o sinal de asterisco (*) e do riscado o sinal do til (~). E, destacar algo no texto pode mudar a fonte com sinal grave antes (```) e depois da palavra, mudando para o estilo máquina de escrever, alterando para a fonte *FixedSys*. Observa-se a seguir uma tabela com algumas das vantagens e desvantagens do uso deste aplicativo na área educacional (ARAÚJO, BOTTENTUIT JUNIOR 2015, BOTTENTUIT JUNIOR, 2012; CARVALHO, 2015):

Tabela 02: vantagens e desvantagens do uso do aplicativo *WhatsApp* na Educação

Vantagens do <i>WhatsApp</i>	Desvantagens do <i>WhatsApp</i>
Interatividade e facilidade de acesso;	Pode distrair ou desviar o foco de atenção dos alunos;
Compartilhamento de conhecimento	Necessita de acesso à Internet para funcionar;
Possibilita uma comunicação síncrona e assíncrona;	Os alunos necessitam de telefones mais modernos para utilizar a ferramenta.
Permite um maior diálogo e problematização dos temas;	
Ferramenta motivadora dentro e fora de sala de aula;	
Permite esclarecer dúvidas fora da Sala de aula;	
Permite compartilhar informação em múltiplos formatos (texto, áudio, vídeo e documentos).	

Segundo Niza (2016), o aplicativo *WhatsApp* facilita o compartilhamento entre os participantes dos grupos, entre os professores para que troquem suas experiências e práticas pedagógicas, indiquem materiais didáticos, contribui para aproximação dos pais na rotina escolar dos filhos, se informando de eventos, enviando recados, atividades, funcionando como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), através de conteúdos de áudios, vídeos, textos com plantões de dúvidas e fóruns.

Em se tratando do mundo virtual, a questão é visualizar o *WhatsApp* como uma ação disruptiva como um recurso capaz de levar a Filosofia para além dos muros da escola. De um aplicativo de bate-papo para uma conversa mediada com questionamentos filosóficos, pois a Filosofia não tem um lugar fixo, ou seja, a escola pode ultrapassar muros. De acordo com uma pesquisa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD):

O celular foi o equipamento mais utilizado para acessar a Internet no domicílio (98,7% dos domicílios em que havia utilização da Internet). Em 2016, este percentual estava em 97,2%. O percentual dos domicílios que utilizaram somente telefone móvel celular para acessar esta rede também aumentou, passando de 38,6% (2016) para 43,3% (2017). Como esperado, a atividade mais comum na internet é a troca de mensagens em aplicativos como *WhatsApp*, Facebook Messenger e Skype, atingindo 90% dos usuários. Além disso, 77% acessam redes sociais (queda de 1 ponto percentual em relação à pesquisa anterior) e 71% assistem a programas, filmes e séries por streaming (IBGE, 2017).

Percebe-se segundo a pesquisa que a população usa a internet em casa através do celular e que o *WhatsApp* está entre os aplicativos mais usados na troca de mensagens. Os aplicativos no ensino têm sido cada vez mais utilizados pelo fato da sua capacidade ubíqua, portabilidade e por ampliarem o potencial para novas formas de aprender. E o *WhatsApp* favorece assim a aprendizagem filosófica quando o aluno discute assuntos relacionados ao seu dia a dia que foram contextualizados pelo professor e trazidos num vídeo, num texto, num áudio, em que se respeita a participação dos colegas e consegue-se abstrair um conceito, uma reflexão do que foi proposto pelo professor. E, por sua vez, compartilhado no grupo da turma numa demonstração de aprendizagem filosófica e de uma inteligência coletiva.

As formas de se relacionar estão mudando, os jovens principalmente preferem trocar mensagens a fazer ligações. Segundo Serres (2013), são características dos jovens que “não habitam mais a mesma Terra, não têm mais a mesma relação com o mundo” (SERRES, 2013, p.13). Não são como seus antepassados, que viviam no mesmo lugar a vida toda, com a globalização vivem no mundo, com o GPS têm acesso a todos os lugares. Essa relação espacial provoca mudanças na reflexão sobre o espaço da aprendizagem.

Até o século XX, a escola era local de referência para o estudante na obtenção de conhecimento, assim como nos livros, bibliotecas, dicionários, na sala de aula “todo esse saber, essas referências, esses textos, esses dicionários se encontram [...] distribuídos por todo lugar, na sua própria casa” (SERRES, 2013, p.26). Atualmente, o virtual é este lugar e cabe à escola selecionar os melhores meios para utilizar as mídias e tecnologias a fim de desenvolver no aluno a habilidade de trabalhar com tantas informações. Corroborando José Moran (2018) em uma entrevista ao *site* Desafios da educação em maio do mesmo ano, quando enfatiza sobre as novas metodologias, afirma que:

Daí a necessidade de se adaptar metodologias, usar híbridos e interdisciplinares até chegar ao transdisciplinar. Tudo isso embasado no projeto de vida do aluno, ressaltando valores não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida dele. A ideia é fazê-lo lidar com um futuro complexo, torná-lo uma pessoa que viva valores, aprenda a compartilhar e ao mesmo tempo a trilhar um pouco o seu caminho com autonomia (MORAN, 2018).

Então, esse novo modo de ser, a relação com o saber se modifica com o uso da internet, sendo um novo paradigma educacional, torna a educação mais dinâmica, acredita-se que o aplicativo *WhatsApp* seja uma forma de proporcionar essa interatividade, já que vivemos no mundo digital e os alunos têm acesso a diversos aplicativos e ferramentas que o ajudam a aprender e compartilhar conhecimento. Para essa relação Santaella (2013) destaca o termo de aprendizagem ubíqua, as novas formas de aprendizagem mediada pelos dispositivos móveis.

Ora, o treinamento sensório, perceptivo e mental, que o acesso contínuo a essas mídias produz, traz como consequência inevitável que esses sujeitos aprendam de modo muito distinto daquele em que foram formadas as gerações anteriores, pois são desenvolvidas novas expectativas de liberdade, flexibilidade em relação ao momento e ao local da prática, uma necessidade de instantaneidade que se opõe às práticas culturais tradicionais, dependentes de um longo tempo como aquele exigido pela leitura de livros e jornais (SANTAELLA, 2013, p.25).

A autora explica que a ubiquidade trouxe à educação a distância (*e-learning*) sua transformação para *mobile learning* (educação móvel), mas ambas ainda estão

na educação formal por tratar de métodos que tem como alvo uma sistemática determinada, a *mobile learning* liga-se a conteúdos previamente estabelecidos. Enquanto a aprendizagem ubíqua é tão nova e espontânea que não se parece com a educação informal, se aproxima apenas da não-formal, está bem distante pelo seu caráter novo que não leva em conta o binômio ensino – aprendizagem próprios dos modelos tradicionais.

O termo *mobile learning* possui algumas interpretações principalmente referindo-se ao campo educacional e aos dispositivos móveis, Pelissoli e Loyolla (2004) consideram “a união de várias tecnologias de comunicação e processamento de dados que possibilitam a alunos e educadores uma interação mais eficaz, através de dispositivos móveis como *notebooks*, celulares, *smartphones* etc.” (PELISSOLI E LOYOLLA, 2004, p. 10).

Nesse processo Santaella (2013) afirma que por mais novo que seja esse processo da ubiquidade, não substitui os demais processos tradicionais de ensino e vem com a característica de complementariedade do que de substituição, o ser humano ganha em acréscimo de possibilidades com a aprendizagem móvel.

Quando os professores conciliam seus objetivos com a utilização de apps, estão concretizando uma metodologia ativa na qual “alunos e professores podem se descolar do espaço físico da sala de aula e abrir-se criativamente para os muitos espaços educativos disponíveis na realidade próxima e nos espaços virtuais” (KENSKI, 2013, p. 97). Ao explorar as características das inovações tecnológicas pode-se modificá-las em inovações pedagógicas, Kenski (2013).

3.4 O ensino filosófico como aprendizagem mediatizada

Um dos desafios que se colocam diante do professor de Filosofia quanto se depara com a tarefa de planejar o ensino dessa área para os estudantes do ensino médio é a definição do que ensinar, para quem ensinar e como ensinar. Principalmente quando se trata do contexto da sociedade da informação, um novo paradigma social oriundo das tecnologias digitais e da internet (CASTELLS, 2003). Um mundo permeado de informações que chegam a todo o momento, fluxo intenso e mutante, desterritorializado que permite a comunicação sem barreiras de tempo e

espaço, contribuindo para novas formas de aprender. Na qual a escola, no seu aspecto físico tão proeminente em outras décadas deixa de ser local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida.

É interessante destacar que na sociedade de informação segundo Castells (2003) “[...] a introdução da informação e das tecnologias de comunicação baseadas no computador, e particularmente a Internet, permite às redes exercer sua flexibilidade e adaptabilidade, e afirmar assim sua natureza revolucionária” (CASTELLS, 2003, p. 8). Tornando, desse modo, o aspecto informacional com as tecnologias, um papel de destaque em todas camadas sociais, permitindo a compreensão da nova estrutura social, sociedade em rede, e por sua vez uma nova economia, na qual a tecnologia da informação é considerada imprescindível na manipulação da informação e da construção de conhecimento das pessoas, na medida que gerar, processar e transmitir informações, torna-se a fonte de produtividade e poder Castells (1999).

Como agir diante dessas mudanças? O professor de Filosofia, assim como a escola se veem diante de desafios dentre os quais formar alunos para atuar no mundo global, competitivo, que lhe demande a capacidade de resolver problemas, tenha criatividade, seja ético, compreenda que a aprendizagem não é somente se formar numa profissão, como um processo estático, mas continuar aprendendo durante sua vida. Nessa ótica, é imprescindível pensar sobre a relação das tecnologias digitais de informação e comunicação e o ensino filosófico como uma aprendizagem mediatizada através do *WhatsApp* que possibilite um estado de reflexão, um voltar atrás diante de sua realidade e possa pensá-la filosoficamente.

Para iniciar o assunto pode-se questionar: Qual é a melhor forma de se ensinar Filosofia? Qual é a mais eficaz? O ensino de filosofia hoje encontra-se em diversas formas, sendo as principais, a histórica, a temática, e a criação conceitual. Contudo parece muito mais plausível uma combinação entre as etapas, mas isto não cessa a problemática de qual seja a mais eficaz, na medida em que as etapas podem combinar e criar mais formas e as perguntas continuarem. Visto que elas não têm uma única resposta, nem consenso, o ensino de filosofia passa a ser um problema filosófico (Cerletti, 2009) quando se reflete sua metodologia, condições e enfoques, objetivos, instaura-se uma problemática na prática docente que ultrapassa o estigma de somente técnicas facilitadoras.

O ato de ensinar é ser comprometido com sua realidade, problematizando-a sempre, para Cerletti (2009), um bom professor de Filosofia é aquele que, nas situações difíceis, pensa em estratégias diferentes, mas principalmente nos seus conhecimentos, sua relação com a Filosofia e como pretende ensiná-la. Corroborando Cerletti (2009), Montero (2014) responde que Filosofia ensinar. Nas palavras da autora:

[...] por um modo determinado de filosofar que ele tenha feito sua escolha categorial e axiológica, a partir da qual lê e entende o mundo, pensa e ensina. Caso contrário, além de esvaziar sua credibilidade como professor de Filosofia, faltar-lhe-á um padrão, um fundamento, a partir do qual possa encetar qualquer esboço de crítica. Por certo, há Filosofias mais ou menos críticas. No entanto, independentemente da posição que tome (pressupondo que se responsabilize teórica e praticamente por ela), ele só pode pretender ver bons frutos de seu trabalho docente na justa medida do rigor com que operar a partir de sua escolha filosófica – um rigor que, certamente, varia de acordo com o **grau** de formação **cultural de cada um** (MONTERO, 2014, p.174 Grifos da autora).

Observa-se a importância do professor se posicionar na sua escolha do que compreende como Filosofia, assumir seus valores e leitura de mundo assim como Freire (1996) categoricamente ressalta no que ele chama de comprometimento, a posição que o professor tem de assumir diante de si e dos alunos em ser uma figura que faz o que diz, politicamente, eticamente. Desse modo, a posição que se tem como professor de Filosofia, seja assumindo-a como uma forma de vida ou como simples técnico profissional, acarretará diferenças tanto na visão quanto na sua forma de exercer sua função. Pois, de qualquer forma, os supostos filosóficos e pedagógicos são diferentes pontos de partida que condicionam os vínculos do filosofar e o ensinar.

A questão básica do ensino de filosofia é justamente começar a pensar como ensinar algo que por si só já é um problema filosófico. São justamente a partir de decisões filosóficas que o professor se tornará apto a elaborar os recursos mais adequados para que o ensino seja significativo. Além de tornar os professores protagonistas de seu modo de ensinar, não simples executores, mas recriadores de sua própria didática.

Tal ação fortalecerá o professor para resolver os problemas que existem no Ensino Médio, desde a desvalorização da carreira docente, ao desinteresse dos

alunos, da significação da Filosofia – para os alunos e para o professor. Qual seu objetivo? Qual seu melhor conteúdo para se atingir o que se busca? Assim, nada melhor do que refletir diante destas questões tendo um referencial filosófico clássico do que considera como Filosofia.

Deste modo salienta-se a necessidade de o professor de Filosofia tornar-se também um filósofo. Alguém que não busca se aprimorar nas questões de sua função enquanto professor de Filosofia, provavelmente não se desenvolverá. Dessa maneira, como poderá auxiliar seus alunos nos desafios que levam à problematização, à argumentação e à conceituação?

A partir daí pode-se perguntar: ensina-se Filosofia sem filosofar? Em Kant (1983) temos a compreensão do que seja a essência na relação ensino-aprendizagem da Filosofia. Segundo ele, a Filosofia não é um conjunto de conhecimentos definidos e acabados, o qual os professores repassam e os alunos aprendem para reproduzirem. A Filosofia é uma disciplina em construção, um sistema que evolui e se contradiz ao mesmo tempo e que se aprende no seu ato em exercício, pensando autonomamente. Isso indica que a Filosofia é uma prática concreta e específica, através da elaboração de conceitos, ideias e problemas teóricos.

Sendo assim, o ensino filosófico ultrapassa a compreensão de apenas transmissão de conhecimentos adequada ao programa de uma instituição, na qual o aluno só recebe o conhecimento e não contribui sendo um mero receptor de um saber pronto. Assevera Cerletti:

Haveria uma espécie de “senso comum” constituído em torno do ensinar Filosofia – certamente, frequentemente na transmissão de qualquer conhecimento -, que assume um suposto pedagógico trivial: há alguém que “sabe” algo e alguém que não o sabe; de alguma maneira aquele que sabe “passa” (basicamente explica) ao que não sabe certos “conteúdos” de seu saber e, em seguida, corrobora se essa passagem foi de fato efetivada, isto é, constata que aquele que não sabia “aprendeu” (CERLETTI,2009, p.15).

Para não cair nessa forma de educação bancária, o ensino filosófico perpassa pela atitude filosófica, o perguntar filosófico, como dimensões que norteariam a prática do professor para que ele consiga levar os alunos ao filosofar. Como

afirmado anteriormente, a base do ensino de filosofia vai além do pedagógico, é filosófico. E esta compreensão deve ter algum vínculo com a forma de ensiná-la, já que se reflete na sua maneira de ensinar.

A tarefa de ensinar não pode estar separada do fazer Filosofia, de forma que Filosofia e filosofar se encontram juntos, da mesma maneira ocorre com a prática filosófica e o ensino de filosofia. Logo, o ensino de filosofia tem de ser filosófico, abrir possibilidades para criar perguntas filosóficas, delineando algumas respostas durante a aula. Neste contexto Vieira (2015) discorre sobre o texto clássico:

[...] a aula de Filosofia, em algum momento, deve passar pelo texto clássico de Filosofia uma vez que o diálogo com a tradição, com o pensamento pensado, é algo essencial para que ocorra a indagação, a reflexão quanto ao mundo que nos circunda. O texto clássico é clássico por que fala de seu tempo, mas ele pode dizer alguma coisa para o nosso tempo, é nesse sentido que ele é importante, não é para fazer o aluno conhecer de forma abstrata a Filosofia, mas para ele adquirir o instrumental para compreender sua realidade, participar de sua realidade (VIEIRA, 2015, p.61).

Essa metodologia de aproximar os clássicos com os estudantes possibilitará o conhecimento do pensamento dos filósofos, através do ensino filosófico contextualizado historicamente pelo professor e abordado em sala de aula, criando o que Cerletti (2009) destacou como condições para as perguntas filosóficas, em que professor e aluno exercitam dialeticamente no sentido de interrogar-se, descobrir e conhecer as causas e o sentido das coisas.

Segundo Murcho “[...] para ensinar a filosofar é preciso ensinar a ler os textos filosóficos ativamente e filosoficamente” (MURCHO, 2008, p. 93). Significa então que “Os textos são lidos ativamente quando o estudante se pergunta a cada passo se o filósofo tem razão, se a teoria é plausível, se os argumentos apresentados são cogentes, se as definições são aceitáveis, etc” (MURCHO, 2008, p.94). Quanto à competência da leitura filosófica Montero (2014) acentua:

[...] o que se quer enfatizar é a necessidade de desenvolver no aluno um olhar especificamente filosófico, vale dizer, analítico, investigativo, questionador, reflexivo, que possa contribuir para uma compreensão mais profunda da produção textual específica que tem sob as vistas. Por outro lado, é fundamental que ele tenha internalizado um quadro mínimo de referências a partir da tradição

filosófica, as quais, devem poder ser postas à disposição, principalmente pelo trabalho do professor, mas não exclusivamente, na medida em que se deve estimular o gosto da pesquisa individual (MONTERO, 2014, p.182).

A autora reafirma a importância de uma base da tradição filosófica para esse olhar filosófico ser desenvolvido no aluno para que não só os textos filosóficos sejam lidos, mas seu entorno e outros textos não sistemáticos. A atitude do filosofar é o que une os que ensinam e os que aprendem Filosofia. O olhar aguçado, perspicaz, de quem não deixa nada sem averiguar, produzindo uma atitude de problematizar, pôr em dúvida o óbvio. Por isso que ensinar Filosofia é filosofar.

Dessa forma o ensino de filosofia é filosófico quando o professor contextualiza os saberes filosóficos com a realidade do aluno proporcionando a elaboração crítica escrita e oralizada, não só numa repetição de conteúdo, essa compreensão de ensino filosófico é também o que buscou-se aplicar nesta pesquisa através do *WhatsApp*. De modo que se ensina Filosofia começando a filosofar indo além da simples transmissão de saberes, provocando o pensar “[...] numa intervenção filosófica, seja sobre textos filosóficos, sobre problemáticas tradicionais, seja até mesmo sobre temáticas não habituais da Filosofia, enfocadas desde uma perspectiva filosófica” (CERLETTI, 2009, p.19).

Na sala de aula e também no mundo virtual através do *WhatsApp*, torna-se possível formular perguntas filosóficas, e não somente o professor responder perguntas que os alunos não fizeram. As inquietudes filosóficas do professor devem ser preponderantes e o convite a filosofar para os alunos, a metodologia baseada numa construção de problema filosófico e na forma de como tentar resolvê-lo.

Afirmamos que um ensino “filosófico” é aquele em que o filosofar é o motor de tal ensino; e que, enquanto atividade própria da Filosofia, esse ensino enlaça o *fazer Filosofia* com o sentido de sua transmissão. Na medida em que o filosofar se sustenta na tensão da pergunta filosófica, consideramos que um curso filosófico deveria ser aquele no qual essa tensão pode ser atualizada de maneira fecunda (CERLETTI, 2009, p.21. *Grifos do autor*).

Num ensino filosófico, o conteúdo e a didática apesar de serem independentes estão relacionados no ato de ensinar, mas um ensino filosófico é aquele no qual o filosofar está na inquietação das perguntas filosóficas criadas num

ambiente favorável a elas e onde se possa buscar respostas. A contribuição socrática é muito relevante nesse sentido de ensinar Filosofia, seu processo metodológico da maiêutica desperta no aluno um autoconhecimento, autonomia, reflexão, troca de ideias, proporcionando um sentido à vida. E, conseqüentemente o professor de Filosofia se torna um fazedor de perguntas e leva isso aos seus alunos na sala de aula real ou virtual.

Assim Cerletti (2009) destaca que para uma pergunta ser filosófica está mais na intencionalidade de quem faz do que na pergunta em si. Pois uma pergunta pode ser respondida por um viés que não seja a Filosofia e esta ser suficiente para satisfazer a inquietude. A intencionalidade filosófica está na aspiração do saber e um saber sem ter uma resposta prévia, sem aceitar as primeiras respostas com supostos, um saber assim sem supostos não existe, pois o questionar está sempre presente na intencionalidade filosófica. A Filosofia que Cerletti (2009) indica é justamente esse problematizar e despertar para a prática do filosofar.

O crucial é estar atento no processo de desenvolvimento do aluno, perceber como ele se esforça diante da tentativa de encontrar uma resposta para resolver os temas trabalhados pelo professor em sala de aula e pelo *WhatsApp*, já que se trata de uma aprendizagem híbrida e, à medida que utiliza as TDIC, o aluno sente-se motivado a aprender e torna-se ator principal no processo de busca, decodificação e assimilação.

Seguindo o raciocínio aristotélico do qual todos os homens têm o desejo de conhecer, os alunos em particular demonstram esse interesse em investigar, na resolução de problemas, uma questão filosófica apresentada pelo professor, não quer dizer obrigatoriamente que devam achar uma solução, mas contextualizar, entender e tornar-se consciente dela. E, nesta pesquisa pode-se dizer numa perspectiva de uma aprendizagem filosófica via mundo virtual pelo *WhatsApp* que culmine numa inteligência coletiva, o aluno compartilha sua curiosidade, percebe que a dúvida do outro pode ajudá-lo, valorizando o conhecimento dos colegas por mais simples que seja.

De acordo com Murcho (2008) não é só dominar um texto criticamente, para o estudante:

É também preciso que tenha a informação teórica relevante. Ao estudar um problema filosófico qualquer, o estudante tem de ter

conhecimento dos diferentes tipos de teorias que procuram responder ao problema — e respectivas críticas. Ao estudar cuidadosamente as teorias da Filosofia e respectivas críticas, o estudante está também a aprender, por ostensão, a construir teorias e a apresentar críticas. E deve ser estimulado a fazê-lo (MURCHO, 2008, p.92).

O importante é não tentar lecionar a disciplina de Filosofia como carregada de conteúdos que são repassados de forma técnica e decorativa, o cerne está segundo Gallo (2017):

[...] O propósito, portanto, é deixar explícita a atividade criativa da Filosofia, apresentando aos estudantes do Ensino Médio um pouco dessa criação, convidando-os e estimulando-os para que eles também criem seus próprios conceitos, ou ao menos reelaborem criativamente os conceitos com os quais terão contato (GALLO, 2017, p.336).

Na sociedade digital que vivemos com o volume exponencial de informação, a forma de ensinar é modificada, as TDIC podem auxiliar o professor de Filosofia nesse processo, visto que o aluno do Ensino Médio corresponde a Polegarzinha de Serres (2013), com sua atenção voltada ao mundo virtual, às redes sociais e aos *smartphones*, os alunos têm mais facilidades com este ambiente. Logo, um dos desafios enfrentado pela educação e pela Filosofia está em que os alunos, ao invés de lembrar e repetir informações, devem ser capazes de saber como encontrá-las e usá-las, haja vista que, hoje qualquer informação está na palma da mão.

O professor de Filosofia deve ir além da transmissão de conteúdos, como assevera Cerletti (2009) ser capaz de instigar, estimular e despertar no aluno a autonomia na busca do conhecimento, na vida. A sala de aula não deve ser compreendida como um espaço rígido, cheio de regras e com conteúdo limitado e a informação não deve ser limitada, mas sim, democratizada como hiperlinks textuais e conexões cognitivas.

Segundo Busarello, Biegging e Ulbricht (2013), a compreensão das mídias como origem de conhecimento, objeto de estudo e forma de expressão para qualificar a educação é fundamental aos professores para que a desenvolvam de forma crítica, participativa e responsável. Nesse contexto, o papel do professor

deixará de ser mero transmissor de conteúdos, para assumir o papel de mediador, guiando o aluno, motivando e ensinando o sentido da investigação, atuando assim uma função fundamental na integração da TDIC no currículo escolar. A formação de professores que valorize o aspecto tecnológico não pode mais ser deixado de lado, visto que agora os momentos são outros (pandemia). Quanto a isso Cabrero (2006) esclarece a necessidade de passar por cinco fases:

(a) Entrada: Aprendizagem dos conhecimentos básicos; (b) Adopção: adoção da tecnologia para apoiar a atividade docente; (c) Adaptação: integrar a tecnologia na prática da sala de aula; (d) Apropriação: centra-se no trabalho colaborativo baseado em projetos; (d) Invenção: descobre novos usos e utiliza vários meios (CABRERO, 2006, p.5).

Assim, refletir sobre a prática é base fundamental para desvelar o que está por trás dela, para compreender e numa volta a prática ocorrer a mudança. É um movimento de ação-reflexão-ação, base da formação continuada. Pois o processo reflexivo permite um questionar sobre o mundo e o homem para melhor compreendê-los criticamente.

4 O ENSINO DE FILOSOFIA NO CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA: uma experiência mediada pelo *WhatsApp*

O uso das tecnologias digitais na disciplina de Filosofia no ensino médio favorece a comunicação com os alunos, a pesquisa de informações úteis ao desenvolvimento do conhecimento filosófico, assim como a valorização de atividades interativas. Os aparatos tecnológicos, quando conscientemente utilizados, permitem aos alunos conhecer novos conceitos, navegar por hiperlinks e contribuir para construção de uma inteligência coletiva.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Médio na resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018 no artigo 27, as tecnologias favorecem:

- II - A aprendizagem como processo de apropriação significativa dos conhecimentos, superando a aprendizagem limitada à memorização;
- VIII - Utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes;
- IX - Capacidade permanente de aprender a aprender, desenvolvendo a autonomia dos estudantes; (BRASIL, 2018).

O projeto político pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar o uso das tecnologias, como é ressaltado nas diretrizes curriculares nacionais. Com as dificuldades encontradas na realidade das escolas públicas brasileiras, usar o *smartphone* como recurso disponível aos alunos é algo possível e próprio da realidade deles. Pode-se contribuir para despertar o desejo de buscar o amor ao conhecimento, no que se refere ao contexto da pesquisa sobre o ensino de filosofia na palma da mão como recurso didático, isto encontra-se também no seu desenrolar. Deste modo, proporcionar o acesso dos discentes a tradição filosófica, perpassa pelo caminho do planejamento, ações que se adequem aos objetivos para que os alunos possam corresponder ativamente numa construção consciente de suas atitudes reais e virtuais.

No decorrer deste capítulo apresenta-se sobre os procedimentos metodológicos, assim como a análise da proposta metodológica, além mostrar o cenário onde a pesquisa foi realizada.

4.1 Estrutura e funcionamento do *lócus* da pesquisa

A pesquisa ocorreu na escola estadual Centro de Ensino Vicente Maia, localizada na rua Estados Unidos, S/N no bairro Anjo da Guarda, São Luís- Ma. A escola foi criada em 1998 e reconhecida através da Resolução Nº 78 do ano de 2002 do Conselho Estadual de Educação. Na época, era oferecido o Nível de Ensino Médio apenas na modalidade regular. No ano de 2004, foi implantada na escola a Educação de Jovens e Adultos, também para o nível Médio. Atualmente, o reconhecimento dessa tão importante modalidade, é validada por meio da Resolução 347 do ano de 2011, esta foi uma luta desde o ano de 2008 junto às autoridades competentes.

Conforme o Regimento Estadual das Escolas da rede pública estadual a direção da escola é feita pela gestora e seus adjuntos, pelo colegiado e pelos administrativos, aos quais compete o planejamento integrado, execução, controle e avaliação das atividades administrativas e pedagógicas. Desde dezembro de 2015, após passarem pelo curso de formação para futuros gestores, prova de seleção e eleição da comunidade escolar, a gestão da escola, está sob o comando da mesma diretora.

O Centro de Ensino Vicente Maia funciona nos três turnos, contém cozinha, biblioteca, que não funcionava no início de 2020, e, assim como a quadra, foram reformadas e entregues no mês de outubro. Laboratório, sala de professores, secretaria, coordenação, direção, pátio, sala de reunião, banheiros masculino, feminino e professor, com um quadro de 60 funcionários, dentre os quais 48 são professores, cuja maioria de 37 é efetiva, de regime estatutário e 11 contratados, 08 funcionários de serviços gerais. Possui também 07 funcionários de empresas terceirizadas e todo o serviço de vigilância. Em qualquer dos regimes de trabalho, os professores, todos apresentam a formação acadêmica necessária ao exercício de suas funções, submeteram-se a concurso público ou a seletivo, também de caráter público e a ação de cada um é refletida nesse projeto, ao qual vimos permanentemente construindo.

Diante do contexto pandêmico foi decretado no dia 17 de março a suspensão, das aulas presenciais com a portaria N.º 474, de 17 de março de 2020 na qual a referida escola aderiu, continuando com as aulas no ensino híbrido proposto pelo Estado do Maranhão com a portaria Nº 506, de 30 de março de 2020 a fim de evitar

contaminações. As novas configurações adotadas frente ao problema de saúde mundial afetaram diretamente a presente pesquisa no que tange a abrangência das tecnologias para a garantia do acesso dos alunos no desenvolvimento deste estudo, o que antes da pandemia poderia ser revertido nos encontros presenciais. Desta forma, a pandemia agravou as dificuldades de acesso já existente há muito tempo.

Para contextualizar socialmente a escola pode-se destacar o bairro Anjo da Guarda como um dos bairros mais populosos de São Luís e que possui uma história marcada de lutas de seus moradores, que até hoje preservam suas tradições culturais, como por exemplo, a Via Sacra. Os alunos são do bairro Anjo da Guarda e adjacências, oriundos de classes populares nas quais o perfil do local pode ser representado da seguinte forma: de baixa infraestrutura, isso inclui falta de saneamento básico, alto índice de criminalidade, famílias de baixa renda, sem acesso aos serviços básicos de saúde, elevado número de desemprego e subemprego, o que aumenta a responsabilidade da instituição ampliando a sua função social, visto que assume compromisso não só com o conhecimento, mas também com a comunidade escolar.

Por meio de questionário socioeconômico constatou-se que 51,4% das famílias recebem até um salário mínimo, 40,5% de um a dois salários e somente 8,1% dois ou mais salários mínimos. Sobre a escolaridade de seus pais, identifica-se que cerca de 60% dos estudantes não sabem a informação sobre seu pai e cerca de 20% das mães completaram o ensino fundamental, 20% concluíram o ensino médio e 10% possuem ensino superior completo. Impactando consideravelmente nas condições para se estudar *online*, pois essa realidade afeta quando há necessidade de um celular ou um computador com acesso à internet e memória suficiente.

Daí se analisa que deste universo 37,5% responderam que trabalham somente uma pessoa na casa, durante a pesquisa observou-se nos relatos de alunos que não iriam participar porque tinham que trabalhar ou estavam trabalhando. E, durante a pandemia a situação se complicou com o *lockdown*, visto que somente 57,5% receberam auxílio do governo federal. Foram situações graves de familiares adoecendo, juntamente com o medo que pairava em todos os lugares. Fatos que refletem diretamente no aprendizado dos alunos, pois mesmo tendo intimidade com o aplicativo *WhatsApp*, alunos se sentiram intimidados em enviar áudios, durante este estado de emergência que todos foram tomados, a internet foi o caminho para continuar estudando, sendo que antes a escola sempre teve

dificuldades em utilizar a internet como um viés educativo. O laboratório da escola vivia fechado e os computadores com defeito, sendo a internet na escola restrita a administração e professores.

Houve casos de alunos que desistiram de participar porque não tinham celular, ou não participavam porque suas mensagens tinham apagado e estavam sem memória no aparelho. No questionário socioeconômico, das 40 respostas sobre como acessavam a internet no celular, 42,5% acessavam via créditos (dados móveis), justificativa usada por eles para não realizarem as atividades, assim como aluno procurar emprego porque estava passando dificuldades em casa.

4.2 Caminhos metodológicos

Segundo a classificação realizada por Gil (2019) quanto à finalidade, esta pesquisa possui natureza científica aplicada, pois, visa contribuir para fins práticos, buscando a resolução de problemas ou necessidades imediatas; classifica-se com base em seus objetivos como explicativa. Pois Gil (2009) ressalta que estas pesquisas têm a função de identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. “Estas pesquisas são as que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2019, p. 26).

Nesse sentido, classificar essa pesquisa como sendo explicativa é porque pretende-se compreender o uso do *WhatsApp* como recurso didático nas aulas de Filosofia. Para isso, adotou-se uma experiência de ensino híbrido que se estenderá fora da sala de aula. Os participantes da pesquisa são alunos de 02 (duas) turmas do 2º ano do Ensino Médio do turno matutino e 01 (um) professor de Filosofia. Elegeu-se duas turmas do 2º Ano do Ensino Médio matutino para fazer a pesquisa, pois a maioria tinha celulares e utilizavam internet pré-paga ou *wifi* em casa.

Quanto à abordagem metodológica, pretende-se adotar nesse trabalho investigativo uma pesquisa de cunho qualitativo enfatizando instrumentos como: questionários e grupos focais (GATTI, 2012). Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa procura fazer uma análise com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais

profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser somente quantificados.

No que tange aos procedimentos, a pesquisa se enquadra ainda como bibliográfica, pois serão realizados estudos teóricos, fundamentais para compreensão da temática ancorada nos autores: Galimberti (2015), Pierre Lévy (1999), Cerletti (2009), Michel Serres (2013) que destacam termos como técnica, tecnologia, ensino de filosofia, Polegarzinha ao se referir à nova geração que usa celulares, conceitos que são fundamentais para compreender a temática em questão. Ressaltando-se que esta pesquisa não é apenas bibliográfica, ela se destaca, principalmente, quanto a sua metodologia empírica de pesquisa, a saber: ser uma pesquisa de intervenção.

A pesquisa do tipo intervenção pedagógica segundo Damiani e Castro (2017) são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.

Damiani (2013) afirma uma aproximação conceitual com a pesquisa-ação e pesquisa de intervenção, termos que muitas vezes são utilizados de forma equivalente. A autora aponta os pontos semelhantes, tendo por base Thiollent (2005) e Tripp (2009): “a intenção de produzir mudanças; a tentativa de resolução de problemas; o caráter aplicado; necessidade de dialogar com um referencial teórico; possibilidade de produção de conhecimento” (DAMIANI, 2013, p.59)

Sendo de fundamental importância destacar que uma das diferenças entre estas pesquisas se dá na participação dos sujeitos, quando em uma pesquisa-ação envolvem-se todos os participantes desde o planejamento até a execução. Nas pesquisas interventivas, o pesquisador é quem identifica o problema e decide sobre as diretrizes de sua implementação, embora permaneça aberto a mudanças, levando em consideração as eventuais contribuições dos sujeitos da intervenção, para o aprimoramento do trabalho.

A pesquisa empírica antes da pandemia pretendia ser na modalidade híbrida, conteúdos enviados pelo aplicativo *WhatsApp* e encontros presenciais na sala de aula. Sendo que houve dois encontros nas duas turmas nos dias 09 e 16 de março. No primeiro aplicou-se a dinâmica: passado, presente e futuro. Ocasão em que o

projeto foi apresentado e, realizando no segundo dia, a aplicação do questionário pré-intervenção.

Ao retornar no dia seguinte, dia 17/03 foi decretada a pandemia e a necessidade de paralisação das aulas presenciais pelo Estado. Dia 27/03 as aulas retornaram de modo remoto. Como os grupos já haviam sido definidos, decidiu-se por continuar o contato com os alunos e começar o conteúdo então planejado incluindo esta etapa no plano de ensino remoto, portanto, deu-se continuidade à pesquisa.

Para a coleta dos dados utilizou-se as técnicas de observação participante, questionários e participação dos alunos no espaço do *WhatsApp* que subsidiaram o trabalho de análise da pesquisa. Podem ser elencados os procedimentos da pesquisa de intervenção que se desdobra da seguinte forma:

1ª etapa: antes da pandemia: Inicialmente ocorreu apresentação do projeto aos gestores (as) e professores (as) do Centro de Ensino Vicente Maia.

2ª etapa: antes da pandemia: houve a exposição do projeto aos alunos em sala e suas contribuições para execução dele. Aplicou-se questionário diagnóstico e socioeconômico para compreensão da realidade em estudo e para sondar as concepções que eles possuem sobre o ensino de Filosofia e como utilizam o aplicativo *WhatsApp*.

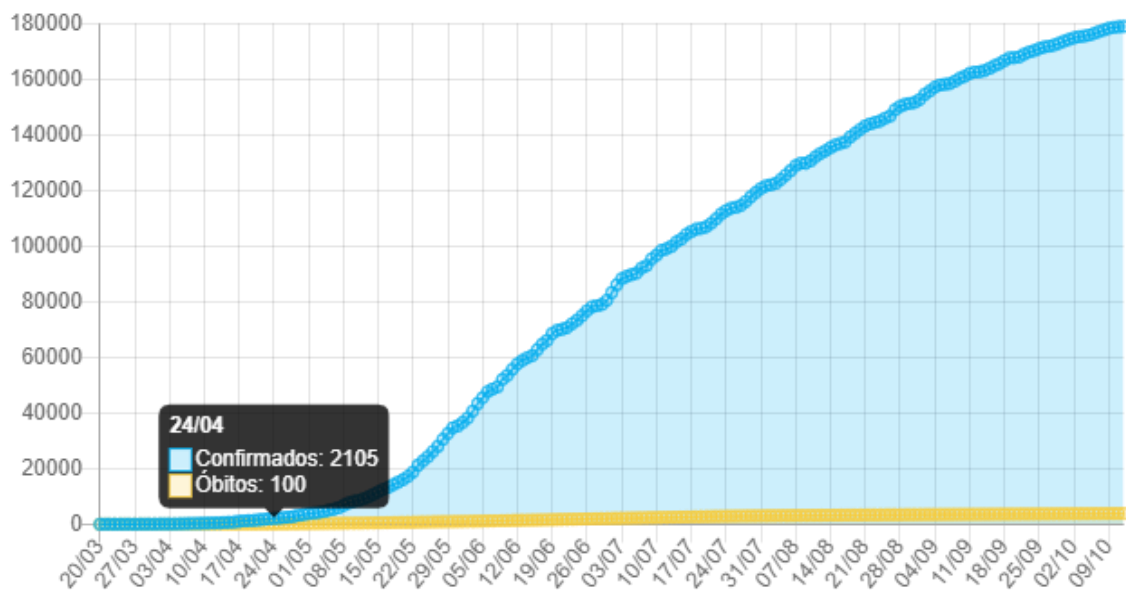
3ª etapa antes da pandemia: Criação da proposta metodológica de intervenção para aplicar na escola, constituída de uma sequência didática (apêndice p.111) a ser realizada na sala de aula e fora dela através do aplicativo *WhatsApp*, considerando as contribuições dos alunos e seu contexto social e econômico. Ainda nesta etapa, deu-se início a sequência didática em sala de aula.

4ª etapa (Período de Ensino Remoto): Nesta etapa, a pesquisa foi submetida a constantes reformulações que modificaram o plano inicial devido à pandemia. A sequência didática em sala de aula se fixou somente no espaço do *WhatsApp*, assim, a execução da proposta de intervenção nas salas de aula sofreu modificações onde buscou-se expandir a pesquisa via espaço virtual.

Esta etapa envolveu muitos desafios ocasionados pelos impactos da COVID-19, o que influenciou muito no desenvolvimento da pesquisa, etapa esta que as estatísticas mostravam o avanço da contaminação no Maranhão, tendo São Luís como epicentro da pandemia estadual o que gerou incertezas, pânico, medo e sofrimento pelas mortes causadas pelo vírus.

Período de pausa generalizada em relação aos avanços das atividades propostas nesta pesquisa, mas, por outro lado, a escola inseriu os alunos no plano remoto desde o mês de abril, fato que não garantiu a participação de todos os alunos no processo ensino aprendizagem por vários fatores como: condições de acesso, psicológicos, econômicos e de saúde. Como pode ser observado no gráfico o aumento dos casos durante este período.

Gráfico 02: COVID -19 no Estado do Maranhão.



Fonte: <https://www.corona.ma.gov.br/>

Neste período de distanciamento percebeu-se a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso de forma democrática aos benefícios tecnológicos desigualmente distribuídos na sociedade da informação.

5ª etapa (Período de Ensino Remoto) pandemia: Análise e aplicação do questionário pós-intervenção, juntamente com os dados coletados a partir das observações obtidas na execução da proposta de intervenção e das atividades desenvolvidas no ensino de Filosofia via *WhatsApp*.

Etapa que evidenciou a necessidade de dar continuidade à pesquisa frente à insuficiência de dados, pouca interação dos alunos no *WhatsApp* que assinalam a aprendizagem filosófica tendo *WhatsApp* como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina.

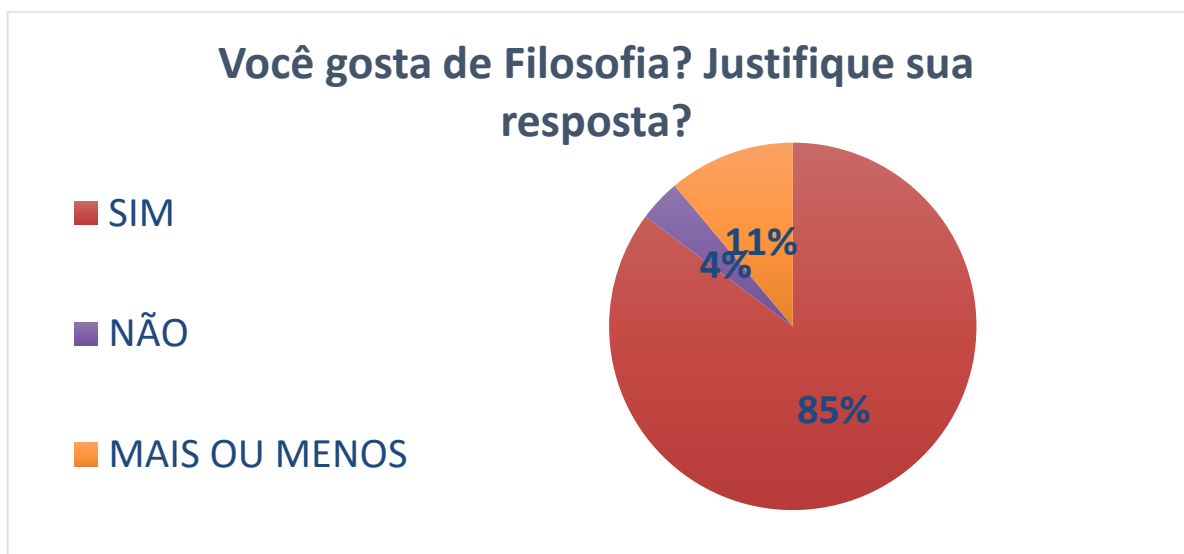
Espera-se hipoteticamente que esta etapa atinja o grau de envolvimento maior uma vez que as propostas educacionais centradas no ensino híbrido como nova modalidade de ensino e aprendizagem exige a inclusão das tecnologias como via primordial do acesso dos alunos à educação.

6ª etapa (Período de Ensino Remoto) pandemia: Avaliação de todo o processo e percurso ocorrido com a participação dos alunos e gestor da escola. Para finalizar, a pesquisa que será concluída com a redação da dissertação de acordo com eixos teóricos e metodológicos que fundamentaram o trabalho, incluindo as interpretações sobre a pesquisa realizada, conforme o cronograma delimitado.

4.3 Análise dos sujeitos participantes: alunos

No intuito de identificar o uso do celular como recurso didático nas aulas e conhecer as impressões dos alunos sobre a disciplina de Filosofia, foi aplicado um questionário intitulado: “Questionário diagnóstico” composto de 06 questões semiabertas com as 02 (duas) turmas do 2º Ano do Ensino Médio, totalizando 53 participantes. A participação se deu de forma espontânea mediante a autorização dos responsáveis após o convite emitido pelo professor. Partiu-se assim, para a primeira questão referente à afinidade do aluno com a Filosofia.

Gráfico 03: Afinidade com a Filosofia.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O gráfico 02 demonstra que entre os participantes 85% possuem afinidade com a disciplina e justificam suas respostas da seguinte maneira:

Aluna C turma 2 diz: nos ajuda muito a estabelecer e definir nossas ideias, valores e opiniões.

Aluno I turma 2: contribui para um novo conhecimento, gosta dos conteúdos abordados, é legal, apresenta assuntos interessantes e diversas opiniões que trazem reflexões e conhecimento, possibilita o diálogo. Aluna B, turma 1: facilita a comunicação e o pensar, aprendemos a pensar mais, a Filosofia ensina a pensar, a Filosofia ensina a ter uma visão mais lógica e racional da realidade, reflete o passado e nos deixa uma ideia melhor sobre qualquer assunto na sociedade (Aluna C, Aluno I, turma 2, Aluna B turma 1, 2020).

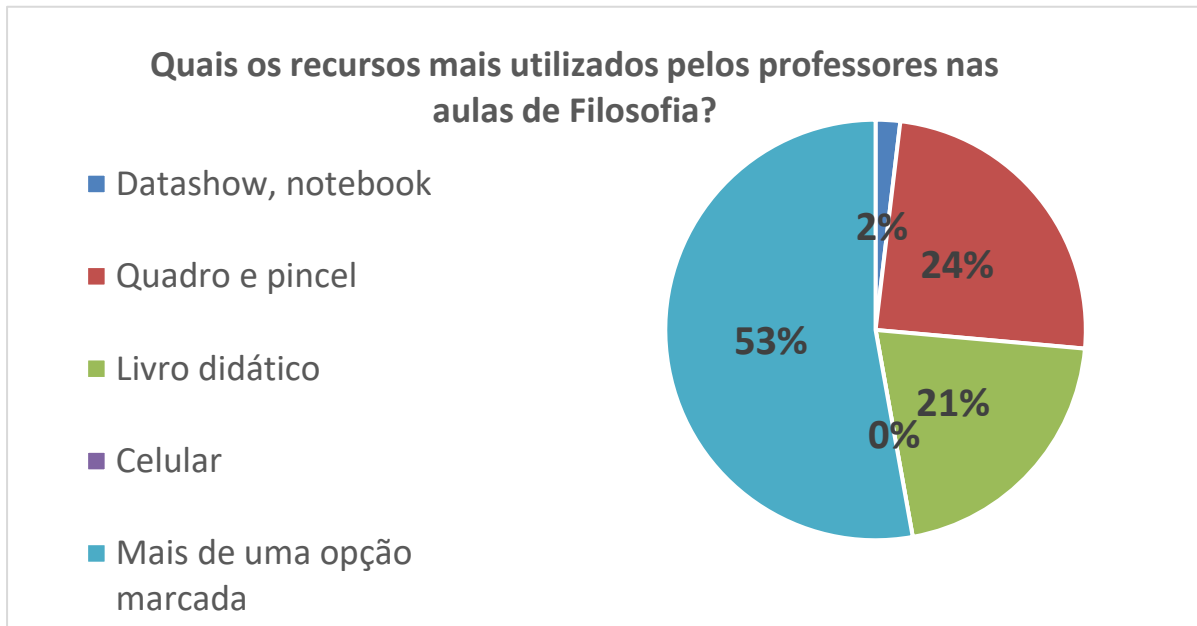
Diante dos dados coletados, a Filosofia está representada pela maioria dos participantes como uma disciplina importante, suas justificativas mostram que há uma valorização do pensar, do diálogo, da reflexão, do raciocínio lógico possível pelo exercício do filosofar, um filosofar sobre a realidade vivida. Como destaca Aluna A, turma 2: “porque a Filosofia me faz querer saber mais, ter amor pelo estudo”

Os relatos confirmam com o raciocínio de Aspis (2004) “O filosofar é uma disciplina no pensamento que ao ser operada vai produzindo Filosofia e a Filosofia é a própria matéria que gera o filosofar. São indissociáveis” (ASPIS, 2004, p.308). Não há como separar Filosofia e filosofar.

Conforme gráfico 02, somente 4% dos participantes responderam que não gostam da disciplina, “matéria chata, complicada, difícil de aprender, muito conteúdo” (Aluno A, turma 1). Outros 11% disseram que gostam mais ou menos, “não gosta da disciplina, professor fala muito, muita coisa para aprender” (Aluno C, turma 1). Esse aspecto retrata o modo tradicional e conteudista de transmissão de ensino o qual segundo Moran (2012) se encontra entre as dificuldades de uma aprendizagem inovadora, os professores privilegiarem o monopólio da fala, muitas turmas, alunos e a preparação para o ENEM, o que concentra a aprendizagem na repetição de conteúdo e não na formação integral do ser humano.

No intuito de buscar saber sobre os tipos de recursos mais utilizados na sala de aula pelos professores de filosofia e os materiais disponibilizados pela escola, perguntou-se:

Gráfico 04: Quanto ao uso de recursos didáticos.



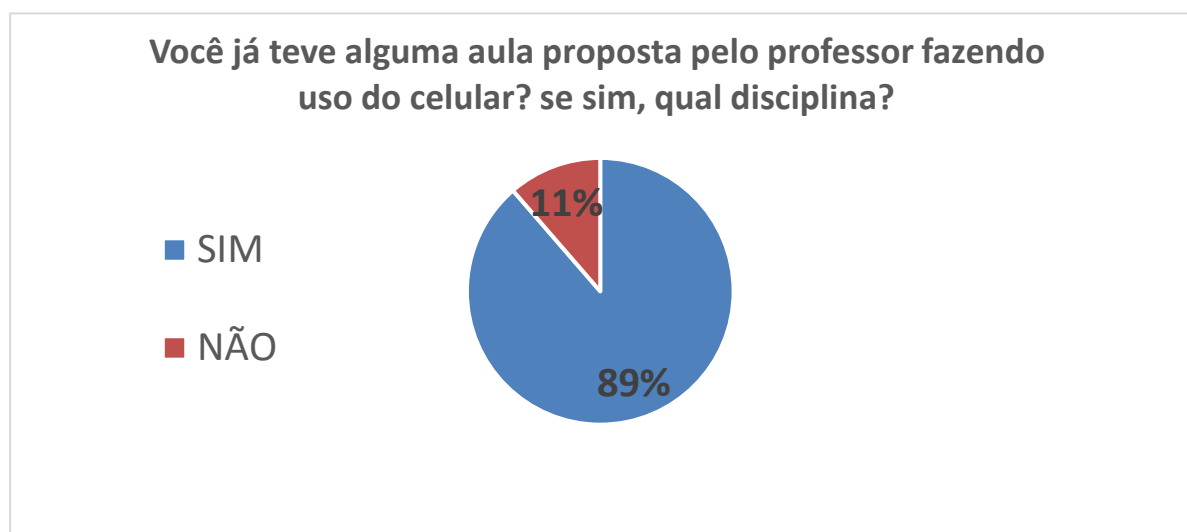
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em relação aos recursos didáticos utilizados percebe-se que 53% mostraram que os professores fazem uso de tecnologias pedagógicas como Datashow e notebook, 24% mostraram o uso do quadro, pincel, 21% livro didático como o mais utilizado, 2% assinalaram mais de uma opção de recursos utilizadas pelos professores nas aulas de Filosofia. Nenhum participante respondeu que os professores utilizavam o celular em suas aulas, interessante notar que antes da pandemia o cenário era outro em relação ao uso dos *smartphones*, pois, segundo o decreto do Estado, com a portaria nº 1474 de 20 de agosto de 2019, o celular só podia ser utilizado caso estivesse no planejamento e seu uso restrito na sala de aula. Segundo Lemos (2005) “a cibercultura desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que se desloque até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada” (LEMOS, 2005, p.2). Fazemos parte dessa sociedade em rede e a educação não

tem como desviar o olhar e deixar o mundo dos nativos digitais sem uma inter-relação crítica desse contexto.

Para Lévy (2015), vive-se um novo nomadismo sem localizações fixas diante de uma tela que rapidamente muda e se transforma, as pessoas poderiam se engajar na inteligência coletiva, concentrando suas forças, descobrindo e multiplicando experiências, buscando, em tempo real, soluções para problemas.

Gráfico 05: Quanto ao uso do celular como recurso didático pedagógico.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nesta questão a disciplina de História foi bem citada, Matemática, Biologia, Artes, do total de alunos participantes somente um (01) aluno assinalou o uso do celular como ferramenta pedagógica no ensino de Filosofia. Isso reflete como a disciplina Filosofia antes da pandemia pelo menos era ainda vinculada a uma concepção tradicional²⁰ e a compreensão de uma aprendizagem móvel (mobile learning) ainda tímida, mas que segundo Bulcão (2009) tem como característica, ser uma aprendizagem colaborativa na qual o aluno torna-se o centro do processo e considera a aprendizagem um processo contínuo. Desse modo, conciliar a

²⁰ A aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica, para o que se recorre frequentemente à coação. A retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria. A transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dada sem situações anteriores (LUCKESI, 1994, p.57).

mobilidade de aprender em outro local que não seja apenas na sala de aula é tornar o aluno mais ativo e participativo no seu processo de conhecimento.

Tal proposta coaduna com o pensamento de Gallo (2003) e a transversalidade e sua similaridade com a proposta rizomática critica a compartimentalização e disciplinarização dos saberes e os currículos escolares. Segundo Gallo, a disciplinarização tem relação com o controle e domínio do professor em sala de aula como esclarece:

Por sua vez, a educação sempre esteve também permeada pelos mecanismos de controle. E a disciplinarização possibilita esse controle sobre o aprendiz (o quê, quando, quanto e como o aluno aprende) e também um controle sobre o próprio aluno. A disciplina também está relacionada ao comportamento, não- apenas, à aprendizagem. Disciplinar o aluno é também fazer com que ele perceba seu lugar social. A disposição cartográfica de uma sala de aula, seja ela qual for, é sempre uma disposição estratégica para que o professor possa dominar os alunos, pois nesta concepção de escola o aprendiz só pode acontecer sob. Domínio (GALLO, 2003, p.24).

No processo histórico de construção de saber, não cabe apenas ao professor e aluno a responsabilidade, mas todo um sistema burocrático que impõe sua ordem e vontade, tendo como resultado um ensino fragmentado, desarticulado que não consegue retratar a vida, na sua multiplicidade. Daí ele se utiliza da metáfora da árvore para representar justamente o conhecimento e seu processo compartimentalizado, ultrapassados, pois o paradigma arbóreo trata justamente da hierarquização do saber:

A frondosa árvore que representa os saberes apresenta-os de forma disciplinar: fragmentados (os galhos) e hierarquizados (os galhos ramificam-se e não se comunicam entre si, a não ser que passem pelo tronco) (GALLO, 2003, p.29).

Para pensar uma nova dimensão na qual o pensamento e o conhecimento não seguem essa estrutura, tal como se vive atualmente com a explosão da era digital e a necessidade de lidarmos com este mundo virtual e seus *smartphones*, a visão de nômades que Lévy (2015) destaca e faz referência quando trata do virtual. Gallo (2003) apresenta a alternativa de Deleuze e Guattari da metáfora do rizoma,

subvertendo a metáfora da árvore, pois é um caule formado por pequenas raízes emaranhadas. Um dos seus princípios é:

PRINCÍPIO DE CONEXÃO - Qualquer ponto de um rizoma pode ser/estar conectado a qualquer outro; no paradigma arbóreo, as relações entre pontos precisam ser sempre mediatizadas obedecendo a uma determinada hierarquia e seguindo uma ordem intrínseca (GALLO, 2003, p.30).

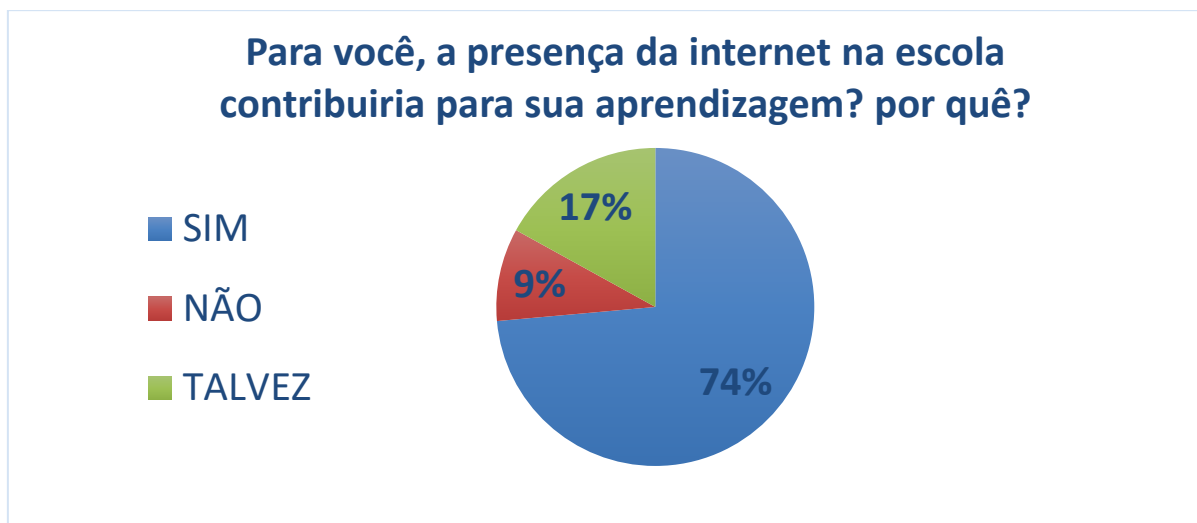
Logo, o rizoma consegue novas relações, conexões, quebra as ligações com a hierarquia imóvel e estabelece uma nova forma de se conectar por entre seus inúmeros saberes, estendido ao conhecimento de transversalidade: saberes transversais atravessam diferentes áreas de conhecimento, sem identificar-se com nenhum deles.

Gallo afirma que, mesmo sendo uma alternativa a compartimentalização, o rizoma está na própria forma como os professores são educados, nos impedindo-os de colocá-la em ação, reproduzindo nos alunos a fragmentação dos conhecimentos. E esta produz uma abstração da realidade já que a mesma é complexa e múltipla, o aluno a vê assim compreendendo ou não, com as compartimentalizações oferecidas pela escola, o professor pode fazer pouco, mas adverte:

[...] e, no lugar de partirmos de racionalizações abstratas de um saber previamente produzido, começarmos o processo educacional na realidade que o aluno vivencia em seu cotidiano, poderemos chegar a uma educação muito mais integrada, sem dissociações abstratas (GALLO, 2003, p.26).

Destacando as mídias digitais e os *smartphones*, busca-se na vivência dos alunos, no mundo virtual, essa relação com a educação, já que esta é a realidade vigente e a forma de se estudar, ler e aprender se transformou. A leitura dos hiperdocumentos agora é muito mais presente, fluida e dinâmica. Claro que não se pode desprezar os materiais didáticos e sim aglutinar com essa nova realidade.

Gráfico 06: Quanto à presença da internet na escola.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O gráfico 05 demonstra que 74% dos participantes afirmam positivamente que a presença da internet na escola contribuiria com sua aprendizagem; por outro lado, 17% demonstram suas dúvidas acerca da relação entre internet na escola e aprendizagem considerando que, talvez, a presença da internet distrairia, uma vez que são vastas as informações ofertadas pelo espaço virtual. Sendo assim, o foco na aprendizagem seria comprometido. Considerando-se um número significativo no tocante à inclusão da internet na escola, 9% dos alunos afirmam que a internet não contribuiria para sua aprendizagem, fato que pode ser explicado pelo não uso como ferramenta de ensino, aprendizagem e construção de conhecimento, como algo incorporado ao cotidiano da Instituição escolar. Sobre a importância da internet e seu uso não ser reduzido somente às questões técnicas, Lévy (2010) esclarece:

Não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa (LÉVY, 2010, p.246).

O autor contextualiza a importância de a internet ser vista como um espaço de enriquecimento cultural e educativo, que deve ser ressaltado pela escola tornando visível a sua relevância social.

Conforme a pesquisa realizada por Valente (2020): no *Brasil, há 134 milhões de usuários de internet*. A maioria acessa internet pelo celular e houve um aumento de usuários brasileiros que acessam a rede. Os dados mostrados na referida pesquisa demonstram o aumento de 92% do uso do *WhatsApp* no período pandêmico, o que aumentou também o acesso no campo da educação no qual taxa é de 41%, o que envolve pesquisas escolares e estudos *online*.

Observa-se que o uso da internet direcionado à diversão e interação social é predominante em detrimento ao seu uso no âmbito educacional. Nesta pesquisa, pode-se constatar isso nas falas dos participantes, como mostra o gráfico 03, que, apesar do uso do *WhatsApp* ter uma significativa porcentagem, essa mesma rede social não era utilizada como recurso didático, sendo essa experiência educativa na disciplina de Filosofia, afirmada apenas por um dos participantes.

Os 9% que não acreditam na internet na escola e sua contribuição na própria aprendizagem estão incluídos nessa porcentagem que utiliza a internet apenas para entretenimento, velando as reais contribuições desse espaço de saber virtual. A formação deverá ser fundamentada em futuros cidadãos que, ao se envolver na sociedade, sejam capazes de navegar virtualmente numa troca de conhecimentos, que entendam sua atuação neste espaço e seu alcance na sociedade.

Braga (2013) afirma que as ferramentas das TDIC não só servem para o veículo de informações como a produção de conhecimentos no âmbito educacional, ocasionando uma reflexão sobre um currículo conteudista e um processo que descentraliza o professor, apostando na participação do aluno através de práticas autônomas e trocas seletivas no meio virtual. Argumento que corrobora o gráfico acima e contextualiza como a internet na escola pode contribuir para uma inteligência coletiva.

4.4 Desenvolvimento da aprendizagem filosófica via *WhatsApp*

As atividades através do *WhatsApp* iniciaram a partir do dia 15 de março de 2020, tendo duas turmas do 2º Ano do ensino médio, turno matutino, como foco da pesquisa. Nesta etapa da pesquisa 53 alunos totalizaram os sujeitos participantes.

As atividades desenvolvidas durante este período obedeceram à sequência didática (ver apêndice) pré-elaborada. As aulas foram planejadas para serem devolvidas, inicialmente, de modo híbrido, envolvendo encontros presenciais na escola e via *WhatsApp*, o objetivo era ter momentos de discussões dos conteúdos trabalhados no *WhatsApp*, mas, diante do cenário global pandêmico, as aulas foram submetidas às exigências escolares de trabalhar com plano remoto de ensino, que significa aulas totalmente a distância.

Nesse contexto, o acesso, permanência e participação dos alunos nas aulas de Filosofia e nas atividades solicitadas passaram por momentos oscilantes, o que afetou o desenvolvimento da pesquisa. Nesse momento, foram constatadas algumas dificuldades de ordem técnica envolvendo conexão com a internet, uso de celular para interagir nas aulas, o aspecto econômico (falta de crédito no celular) dos alunos também foi um dos fatores que implicou na participação assídua dos mesmos, além do avanço da pandemia no Maranhão que modificaram a sociedade nos seus aspectos ético, político, social e humano, como mostra o gráfico 01.

Pelo *WhatsApp*, as aulas procederam de forma lenta considerando a adaptação dos alunos com o sistema. Durante a pesquisa, evidenciou-se suas dificuldades em interagir no espaço virtual como meio de aprendizagem, tão estranho para alguns até o momento.

Dando início à sequência didática, conforme o programa da disciplina de Filosofia adotado pelo campo escola, organizaram-se os conteúdos que iriam ser trabalhados ao longo da pesquisa.

O grupo foi aberto no *WhatsApp* dia 15 de março, dadas as boas-vindas aos alunos, deu-se início às atividades no campo virtual. O conteúdo ancorou sobre a problemática que envolve a Filosofia desde seus primórdios, Conhecimento, Conceito, Gnosiologia, Relação sujeito x objeto, Processos e possibilidades do conhecimento; Representacionismo e Idealismo; Racionalismo e Empirismo e seus representantes.

No primeiro momento, considerou-se a adaptação do aluno, visto sua posição silenciosa, indiferente, omissa e com diferentes causas que transmitiam timidez em participar, expressar-se, gravar áudio. Houve a tentativa de resgatar a Filosofia socrática com o exercício do diálogo como um dos critérios de defesa de argumentos provenientes das discussões.

Diante do aumento de números de pessoas morrendo recorreu-se à leitura e reflexão dos alunos sobre a Filosofia e as questões existenciais frente à pandemia. A atividade solicitada foi fundamentada a partir do artigo *A importância da Filosofia em meio à COVID-19*, de Igor Ferreira Fontes (2020) no qual o autor traz uma reflexão panorâmica a partir de várias lives que tratam de temáticas que envolvem as mudanças ocasionadas pela pandemia e que acabaram por trazer à tona a importância da Filosofia para refletir sobre tais mudanças. Dentre as temáticas abordadas no texto, o autor destacou ética, política, felicidade, tempo, vida/morte, angústia, presença e ausência do outro, a partir disso, os alunos puderam refletir sobre o passado, o presente e o futuro, retratando o que mudou em suas vidas, bem como, o que não repetiriam se pudessem voltar atrás e o que almejam para o futuro para si e para os outros.

Diante dessa pandemia as pessoas sentiram necessidade de refletir sobre suas vidas, como era antes e como é durante do isolamento. Começaram a pensar como algumas coisas que faziam antes eram completamente inúteis e não acrescentavam nem um valor a suas vidas, mas também tinha as que eram muito importantes. Com essas reflexões elas vão pensar melhor qual a melhor maneira de levar a vida, e uma forma melhor de ser feliz. Mas também aquelas pessoas que se sentem sozinhas e tão passando por dificuldades tanto financeira quanto mental, por isso elas tendem a piorar mesmo quando o isolamento acabar. Por esse motivo as pessoas refletem sobre os conceitos de “o que é viver?” e “o que é ser feliz?”

A quarentena mudou a forma de estudar que as vezes é bom e outras que é ruim, porque aprender no conforto da minha casa é bom, mas quando eu esqueço de fazer as tarefas é ruim, essa experiência vai me ajudar se eu for fazer uma faculdade com aulas EAD; mudou a minha maneira de gostar das pessoas, e se eu continuar desse jeito receio viver sozinha pro resto da vida; mudou minhas opções de profissões, devo escolher uma que seja essencial e que eu goste de exercer; mudou a forma de ver a família, porque não é o sangue que define uma família; mudou a forma de apreciar a arte do entretenimento, isso de certo modo é bom pra aprender inglês, o que me proporciona um bom emprego (Aluna C, turma 2, 2020).

A partir da análise do texto, a aluna C turma 2, conseguiu construir um texto sobre a temática ressaltando os pontos sobre as questões existenciais e principalmente sobre a vida dela nessas condições e o que mudou na sua compreensão da família, de assistir uma série ou filme com uma perspectiva de

aprender uma língua, a escolha da profissão, questões cruciais sobre a vida, permearam esses momentos de reflexão filosófica. Ensinar Filosofia no sentido de produzir reflexões acerca da própria existência é o desafio presente na profissão do professor:

Filosofar, então, é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que se atrever a pensar, porque isto supõe uma maneira nova de se relacionar com o mundo e com os conhecimentos e não meramente reproduzi-los. E isso implica incerteza. Pensar supõe que há algo novo que se põe em jogo. É uma atitude produtora e criadora, não é meramente uma reprodução ou repetição do que há (CERLETTI, 2008, p. 30).

Neste contexto pandêmico, em que as incertezas assolaram o cotidiano, foi possível refletir nos grupos sobre as questões existenciais de autoconhecimento, implicações econômicas, sociais, políticas, éticas, valores, solidariedade, consumismo. Provocou-se o processo do filosofar resgatando o *thaumatzein*²¹. Diante da realidade virtual fluida do ciberespaço, foi compartilhando no grupo do *WhatsApp* a aprendizagem filosófica na forma interativa da inteligência coletiva.

Para isso, um planejamento didático promoverá maior autonomia aos alunos e a descentralização do papel do professor, que deve orientá-los através de materiais audiovisuais, imagéticos, textuais, hiperlinks, inserindo-os nas grandes questões existenciais.

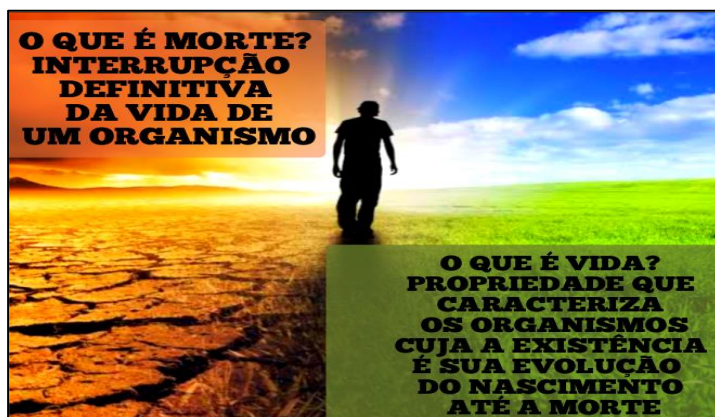
A aluna B, Turma 1, ao invés de um texto produziu imagens com frases que expressavam suas reflexões sobre o contexto pandêmico e a importância da Filosofia, destaca-se o hipertexto neste processo de criação e recriação, no qual Lévy (1993) caracteriza seis princípios: 1. Princípio de metamorfose: fundamenta-se na completa mudança; 2. Princípio da heterogeneidade: são nós e as conexões numa variedade de grupos; 3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: composto por uma rede de outros textos; 4. Princípio de exterioridade: caminhos diferentes e conexões com outras redes; 5. Princípio de topologia: funciona por proximidade; 6. Princípio da mobilidade dos centros: não tem centro e ramificações infinitas (LÉVY, 1993, p.25).

O hipertexto deixa o aluno no centro do processo de aprendizagem, provocando suas mudanças e reflexões, pois cada sujeito da aprendizagem

²¹ Termo grego que significa admiração, a perplexidade e o assombro que o mundo causa. É o impulso inicial ao filosofar.

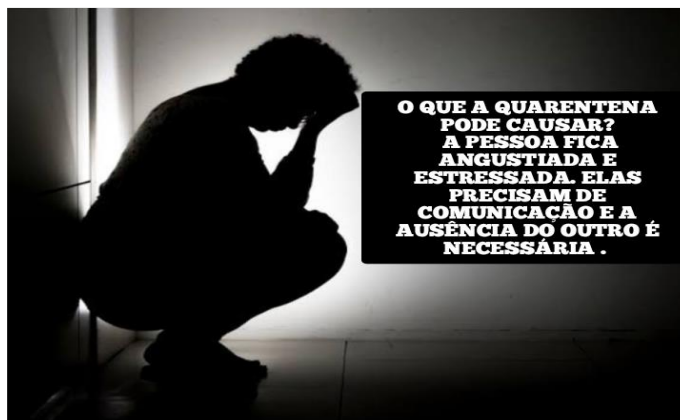
reconstrói seu caminho ou caminhos, produzindo multiplicidades. Devido a este caráter, o hipertexto é capaz de promover dialogicamente oportunidades para o crescimento intelectual dos alunos, através de seus links podem seguir caminhos para chegar aos nós - o foco da atividade, o que se quer pesquisar. E, a partir deste outro e mais outro.

Figura 01: Atividade sobre Filosofia e Pandemia.



Fonte: Elaborado pela Aluna B, Turma 1.

Figura 02: Atividade sobre Filosofia e Pandemia



Fonte: Elaborado pela Aluna B, Turma 1.

Desse modo, ainda no texto da Aluna B, turma 1, observa-se suas reflexões sobre a pandemia e as questões existenciais decorrentes dela, presentes com as imagens refletindo seu olhar diante dos acontecimentos. Considerou-se os conhecimentos da aluna sobre as tecnologias e a criatividade em dar sua interpretação, elaborando seu próprio texto, o que pode ser segundo Cunha (2009):

[...] a composição de significados por meio de entrelaçamento físico de sinais apropriados. Um conjunto de palavras formando uma frase escrita, por exemplo, constitui um texto, pois há composição de significados, formando nomes, verbos, artigos, etc., e entrelaçamento de sinais, letras, traços fisicamente construídos sobre o papel ou sobre a rocha, o mármore, enfim, qualquer outro suporte de escrita ou de inscrições. Mas também consideraremos texto todo objeto portador de mensagem. Assim existem os textos orais, visuais, auditivos (CUNHA, 2009, p. 52).

No início do processo, os alunos, como Serres (2013) aponta em *Polegarzinha*, são habitantes do virtual, não tiveram dificuldades em produzir memes para estabelecerem as regras da turma 2. Iniciou-se solicitando à turma que se organizasse em grupos de 3 componentes, sugeriu-se os aplicativos e o modo de fazer, o objetivo era despertar a criatividade e interação entre eles de uma forma bem-humorada. A turma 2 estava com vinte e um (21) componentes dos quais onze (11) elaboraram a atividade. Contudo, mesmo diante da resistência inicial em criar os memes, por desconhecer o modo de fazer, houve o esforço em fazer, bem como, contribuir com os companheiros com dificuldades, expressando um envolvimento atitudinal e já indícios de uma inteligência coletiva quando há respeito à posição do colega que não sabe e contribuição com o que se sabe, atendendo ao solicitado na questão e a solidariedade no grupo de quem já tinha feito com o aplicativo *meme generator* indicando como fez aos colegas.

Figura 03: Atividade: elaboração de memes



Fonte: Elaborado pelos Alunos B, C e D turma 2 (2020).

Figura 04: Atividade: elaboração de memes

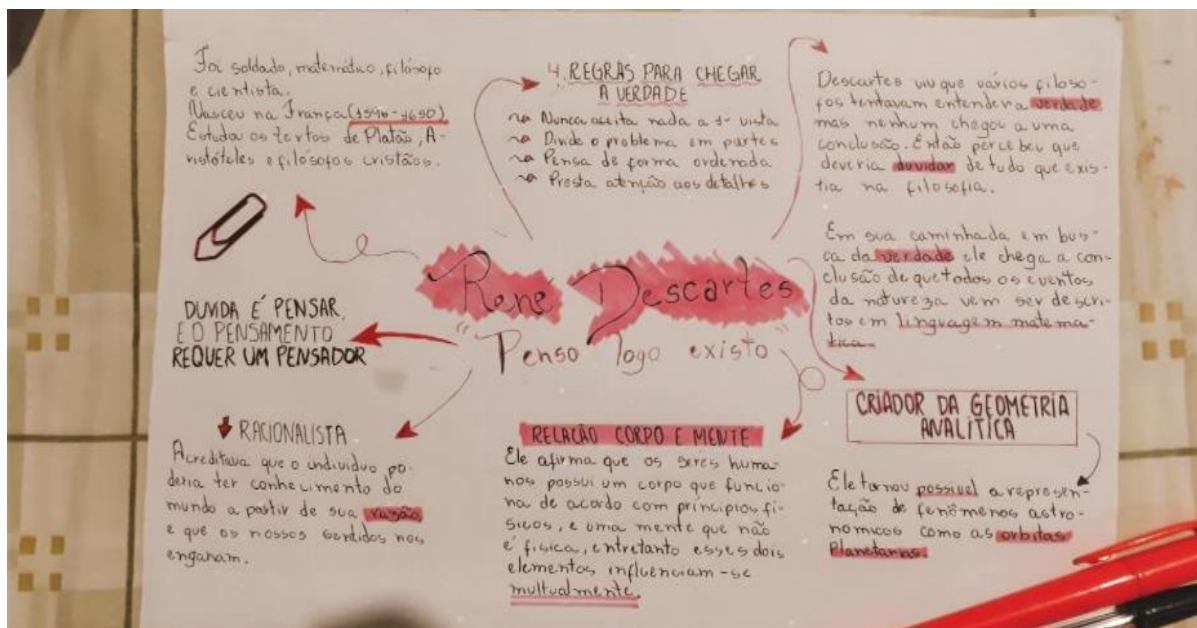


Fonte: Elaborado pelos alunos E, F e G turma 2 (2020).

As imagens dos memes acima retratam o resultado da atividade sobre as regras pré-estabelecidas na turma. Ressaltando as ferramentas tecnológicas disponíveis com a familiaridade que possuem com a linguagem do mundo virtual. Os memes sintetizam a linguagem escrita, visual e sonora como meio de ironizar uma cena transformando-a em algo cômico, divertido, curto e direto.

Na atividade do mapa mental foram disponibilizados no grupo dois vídeos sobre vida e filosofia de Descartes através de slides sobre o tema da dúvida, intitulado: Filosofar: Capítulo 2, *A dúvida*. Com o objetivo de introduzir a filosofia cartesiana e resumir: biografia, influências, pensamento filosófico dele. Em que ele se preocupava? Qual a importância disso hoje? Suas obras, por que ele era racionalista? O que o pensamento dele contribuiu para a ciência? A relação corpo-mente, o que era dúvida para ele?

Figura 05: Atividade mapa mental

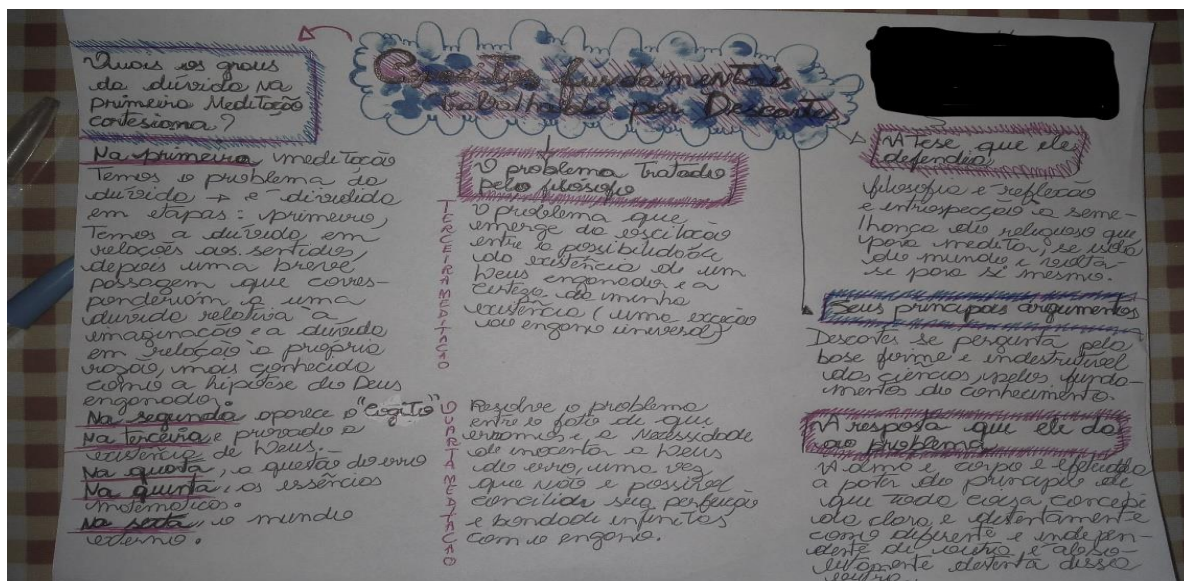


Fonte: Elaborado pela Aluna C, turma 2 (2020).

Nesta atividade obteve-se a resposta de 17 alunos das turmas sendo que a maioria conseguiu o objetivo de resumir os tópicos principais. Neste foi destacado os aspectos gerais assim como as regras do método e da criatividade da aluna. Esta atividade é para aproximá-los da filosofia cartesiana para que no próximo mapa conceitual com a leitura do excerto eles já tenham a noção do contexto histórico e seus principais conceitos.

No mapa conceitual foi solicitada a leitura dos parágrafos 1º ao 9º da *Primeira Meditação* de Descartes para seleção de dez conceitos fundamentais trabalhados pelo filósofo. Depois da seleção dos conceitos, que produzissem um mapa conceitual respondendo a seguinte pergunta: Quais os graus da dúvida na Primeira Meditação cartesiana? A partir da leitura e montagem do mapa, localize no texto: O problema tratado pelo filósofo, a tese que defende, seus principais argumentos, a resposta que dá ao problema. Abaixo uma das atividades elaboradas pelos alunos:

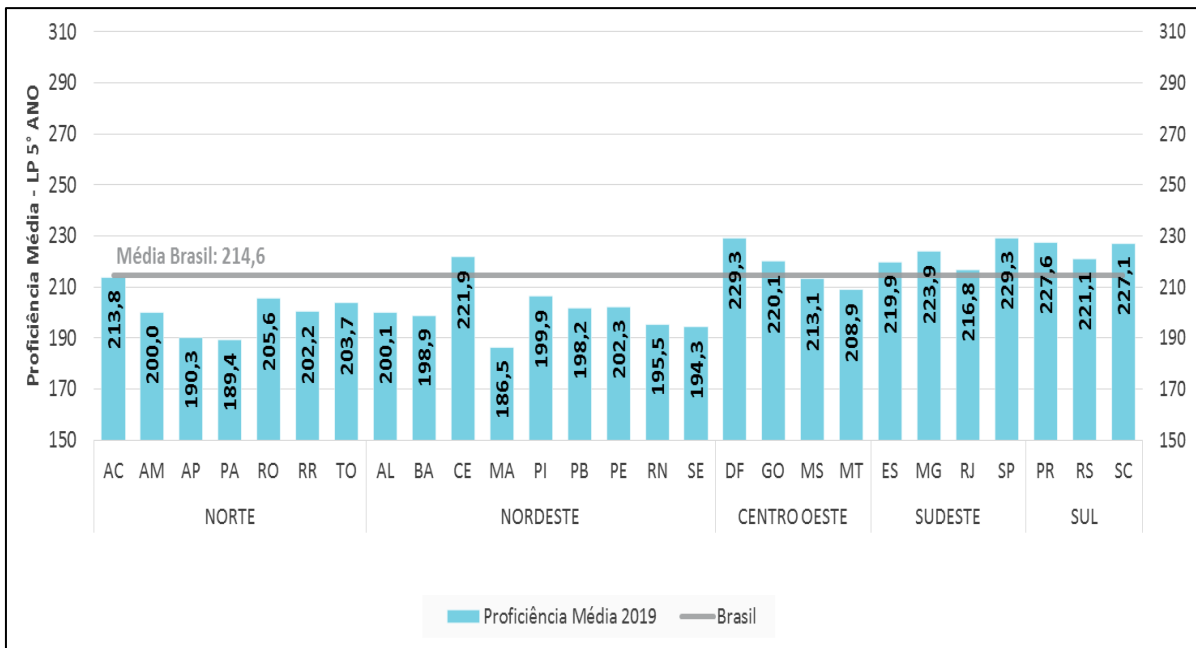
Figura 06: Atividade mapa conceitual



Fonte: Elaborado pela Aluna B, turma 1 (2020).

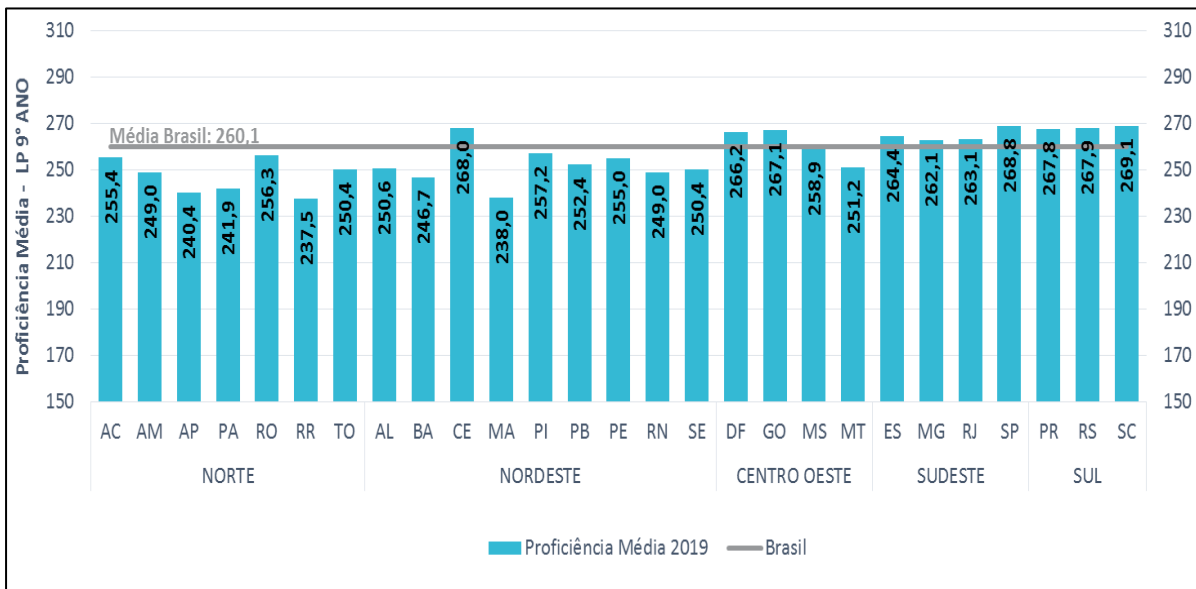
No tocante à leitura de textos filosóficos, somente dois alunos fizeram uma atividade de mapa conceitual sobre Descartes e quando se perguntou: O que acharam da atividade? eles responderam “muito chato ler aquele negócio” (Aluna B, turma 2) e outro “também achei chato kkkkkkk, até tentei, mas não consegui produzir nada” (Aluna A turma 1). Como criar um hábito de leitura se os alunos do ensino médio não possuem esse costume? Saem do ensino fundamental com uma dificuldade na aprendizagem de leitura e interpretação, assim também na de cálculos como aponta o relatório do último Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) ocorrido em 2019. Através deste, percebe-se a dimensão do problema, por exemplo, em disciplinas como língua portuguesa dos 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio por estados da Federação como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 07: Proficiência média em língua portuguesa no 5º ano do ensino fundamental



Fonte: Relatório SEAE (2019).

Gráfico 08: Proficiência média em língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental

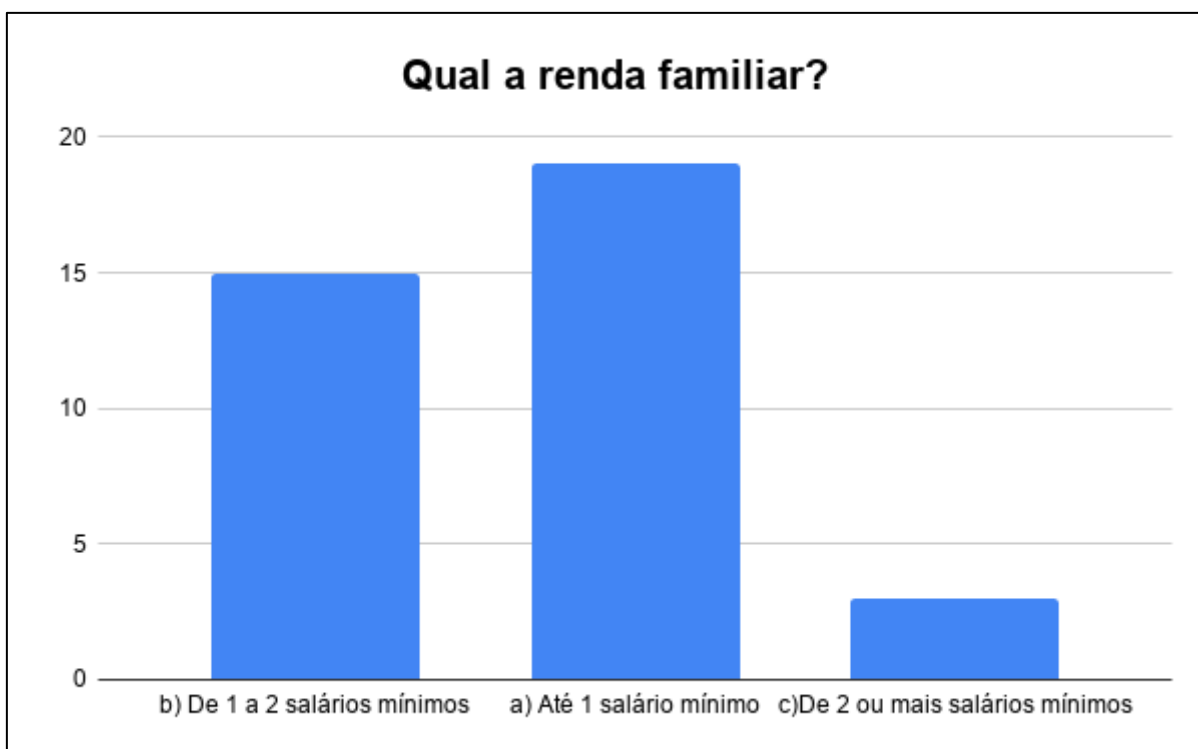


Fonte: Relatório SEAE (2019).

Observa-se nos gráficos acima que o Estado do Maranhão se encontra com o menor índice nesta categoria, reflexo percebido no ensino médio com a dificuldade dos alunos no desenvolvimento de leituras e não só nas interpretações da disciplina

de Filosofia. Contudo, é todo um contexto social e econômico que permeia esta condição, principalmente com a renda familiar de um salário mínimo, o que pode contribuir para esse insucesso no âmbito escolar. Demonstrado através da pesquisa socioeconômica, a maioria do público da pesquisa está neste panorama, o que impede o acesso de uma diversidade cultural e um hábito de leitura.

Gráfico 09: Sobre a renda familiar



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Ao tratar de conhecimento, esta condição é gradativa, no contexto pandêmico foi mais intenso e problemático, pois a adaptação dos alunos e professores ao ensino remoto exigiu a aprendizagem de se relacionar no espaço virtual da educação, visto que, visualizar a internet e o celular como única via de acesso à educação formal não fazia parte do cotidiano escolar para muitos alunos e professores, foi um acontecimento novo e desafiador que demandou a exigência de continuar aprendendo e ensinando em salas virtualmente organizadas para esse fim.

Em resumo, algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais como unidades, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e

de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de informação e de comunicação emerge gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta. (LÉVY, 2010, p.170).

Diante da necessidade de continuar educando ainda que, na modalidade remota, a escola precisou se organizar para permanecer com o estatuto legítimo de transmissão do conhecimento. Novas posturas, horários e meios de garantir o acesso à educação foram pensadas, porém, a sobrecarga de aulas, trabalhos e atividades com prazos definidos, além da escassez de condições materiais de acesso dos alunos trouxeram alguns impasses que revelaram as dificuldades em continuar a participar ativamente do processo educativo, o que pode ser observado no relato do aluno:

Boa tarde professora, tenho uma dúvida, a senhora tem como falar com os outros professores, pra tipo aumentarem os prazos das atividades, ou pelo menos não passarem já mesma data, por que talvez tenha gente que não consegue realizar devido a sobrecarga, muitos ficam aérios (sic) quanto a isso. Tipo ontem recebemos 6 atividades, e praticamente pro mesmo dia. Obrigado (Aluno H, turma 2).

A coordenação da escola informou que as atividades deveriam ser enviadas sempre na segunda-feira e quinta-feira dando um prazo de uma semana para entregarem, fato que mesmo assim os alunos não conseguiram acompanhar o ritmo. Bom, neste andamento os alunos foram se dispersando, sobrecarregando-se e foi solicitada uma avaliação de recuperação para aqueles que não haviam feito as atividades e prova. Foi elaborada uma atividade com hiperlinks, um problema para resolverem a partir do método cartesiano. Das duas turmas inscritas, tem-se (10) dez alunos participantes dentre estes somente 5 fizeram a atividade sendo que somente uma dupla produziu o Podcast. A aluna E, turma 2 respondeu:

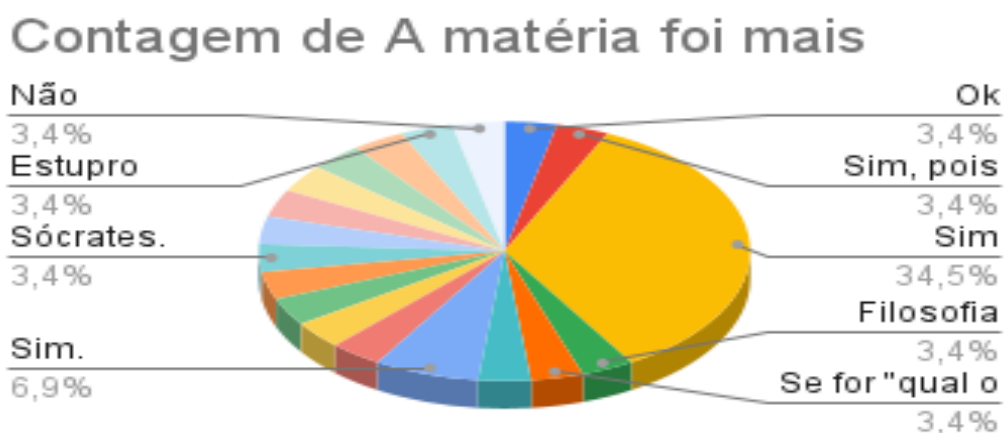
Apesar dos chineses se alimentarem de uma variedade de animais, o filho do presidente não mostrou nenhuma evidência que mostrava seu argumento, apesar de falar com tanta certeza e só estragar as relações do Brasil com a China.

Respondendo a segunda questão há um método chamado midiático formando assim um cidadão com um senso crítico que o leva a verificar se aquilo que está lendo é certo, se é verdade. Assim como o método de Descartes, ele usa quatro regras: evidência, análise, ordem e enumeração assim é possível achar a verdade. Assim as notícias que recebemos no celular poder estar meio incertas, mas usando o método de Descartes e o de midiática podemos fazer com que essa notícia falsa (Fake News) não se espalhe. Na terceira questão: como Descartes mesmo disse se tomarmos a liberdade de duvidar dos princípios que aceitamos e desviar do caminho comum. Devemos usar a razão fazendo pesquisas para ver se aquilo é verdade ou não, procurar o verdadeiro modo de enxergar a verdade, o método que ensina a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza através de suas regras. Com elas podemos chegar à verdade dos fatos (Aluna E turma 2, 2020).

A aluna atendeu ao solicitado na questão, conseguindo os objetivos de relacionar o método cartesiano com a atualidade das *Fake News*. Nessa ágora virtual que se tornou o ciberespaço, pode-se destacar nesta atividade como a inteligência coletiva contribui não só para um compartilhamento de saberes, mas para despertar uma atitude filosófica destacando-se assim com a aprendizagem filosófica pelo *WhatsApp* nesta pesquisa, quando consegue unir a aprendizagem de conteúdos e o desenvolvimento de capacidades de reflexão, análise e síntese.

No gráfico abaixo perguntou-se: A matéria de Filosofia foi mais aprofundada com os debates no *WhatsApp*?

Gráfico 10: Sobre os debates



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Das 30 respostas somente dois alunos disseram que não, sendo que a maioria respondeu “porque facilitou a aprendizagem” (ALUNO J turma 1), “pois também conseguimos entender o ponto de vista dos colegas” (ALUNA K turma 2) outro destacou os assuntos: “Filosofia, Debates sobre o impacto da pandemia sobre nós, Debates sobre o presidente, Debates sobre o que a pandemia veio a afetar nos estudos. Debates sobre políticas e questões sociais” (ALUNA L turma 2).

Ressalta-se a importância do celular e do *WhatsApp* como recurso didático proporcionando aprendizagem filosófica ao despertar a atitude filosófica, dando condições de debater sobre a realidade e questioná-la ao mesmo tempo. Quando perguntados se o uso do *WhatsApp* facilitou a aprendizagem de Filosofia, responderam:

Na leitura, diálogo e escrita, O *Whatsapp* ajuda muito na aprendizagem da Filosofia porque o *Whatsapp* faz parte do nosso dia a dia e isso facilita muito na aprendizagem e não só da Filosofia (ALUNO M turma 1).

Não somente a Filosofia em si. Mas, o recurso *Whatsapp* colaborou muito com a aprendizagem de maneira fácil, com professores disponíveis, debates entre colegas de classe e facilidade em assuntos à respeito (Aluna N, turma 2, 2020).

A aprendizagem filosófica proporciona novos olhares sobre a nossa realidade e conseqüentemente a criticidade, a autonomia. O uso dos hiperlinks usando o celular ajudou no momento que foi lançada a notícia, vídeos, pelo professor no grupo do *WhatsApp* e na busca pela solução do problema.

Lévy (2010) explica a educação no ciberespaço defendendo a ideia de uma regulamentação pública da economia do conhecimento.

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim, de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente e as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e aluno.

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso de todos à educação não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à multimídia. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da

sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVY, 2010, p. 174).

A preocupação de Lévy (2010) não se restringe a uma educação institucionalizada. No ciberespaço a abrangência está para além dos muros e legalidades das escolas e das universidades, pois o saber como troca permanente nesse espaço, produz o autogerenciamento, alimentando o desenvolvimento de competências a partir do reconhecimento do outro como alguém que sempre traz consigo uma gama de saberes, independentemente de onde esteja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a educação é navegar por novos horizontes, descobrir novas situações, questionar novos caminhos, é ir atrás de novos desafios e incertezas, despertando sonhos. A educação contemporânea fundamenta-se nas conquistas históricas da humanidade, dialogando com as transformações sociais e culturais de hoje para construir o futuro. Um tempo que não se pode mais ignorar um mundo virtual que faz parte da nossa vida diária, o ambiente transfronteiriço que Lévy (2015) denomina ciberespaço.

Esta pesquisa perpassa por esse mundo virtual, mais precisamente pelo mundo dos alunos, muitas vezes desprezado pelos professores no que tange sua relação com as mídias, a internet e o aplicativo *WhatsApp*, usados em horário de aula, sendo motivo de reclamação por parte dos professores e um preconceito quanto ao uso dos *smartphones* durante as aulas, algo que chamou atenção, pois havia uma escassez de práticas pedagógicas na escola Centro de Ensino Vicente Maia e também na disciplina Filosofia com o celular e o *WhatsApp*. Essas situações suscitaram o pensar sobre o uso do celular e do *WhatsApp* como uma alternativa educacional e aglutinadora para uma aprendizagem filosófica que se relacione com a inteligência coletiva de Lévy.

A pesquisa procurou ir em direção de uma aprendizagem filosófica, uma interação conjunta no ciberespaço como um ambiente de construção e valorização de uma inteligência coletiva, utilizando as contribuições teóricas de Lévy, e o aplicativo *WhatsApp* como recurso didático. Empreitada desafiante desde a construção do projeto, passando até mesmo pelos alunos, por enxergarem com dúvidas e preconceitos o uso do celular e da internet na escola como um viés de aprendizagem.

Como diz a frase do poeta espanhol Antonio Machado “caminhante, não há caminho... o caminho se faz ao caminhar” (PINA, 2020) e foi assim que se deu a motivação para se fazer uma intervenção, havendo a necessidade refazer e retocar sonhos, numa pandemia se alastrou pelo mundo todo. E de uma hora para outra a educação se tornou virtual, a internet essencial e um repensar sobre a vida urgente.

A pandemia trouxe dores, lágrimas e momentos que houve necessidade de parar. A partir do que ocorreu incluiu-se na sequência reflexões e debate sobre

questões existenciais, sociais e políticas, surgidas e trocadas no grupo, um modo de contextualizar a ágora virtual na qual a sociedade se encontra. Foi um percurso de adaptação nada fácil, pois mesmo a internet fazendo parte da vida deles, agora o contexto era outro e precisaram adaptar-se.

Nas turmas 201 e 202 não havia professor titular das mesmas e foi sinalizado que poderia ser chamada via seletivo do Estado, que aguardasse o sinal da SEDUC. Assim, fui apresentar documentos na SEDUC, mas veio a pandemia e me disseram para esperar. Como iniciei o projeto de pesquisa com os alunos não quis interromper, nem muito menos deixá-los sem professor de Filosofia. Assim seguiu-se a pesquisa e as aulas com as turmas, até que os alunos não estavam entendendo porque suas notas não apareciam no sistema, houve uma reunião com a diretoria justamente pela defasagem dos alunos e aproveitei para esclarecer minha situação e no final do ano, chegou o professor para ambas as turmas e aproveitou as atividades e as notas deles.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa pode-se destacar que no início os alunos, ainda muito acostumados com o método tradicional, reclamaram por não serem passadas atividades iguais aos outros professores, só pergunta e resposta. Sendo que no grupo houve tentativa de dinamizar com vídeos, áudios explicativos, pedidos de participação e interação e não somente cópia e resposta automáticas. Foi um desafio, pois a pesquisa não era somente pelo *WhatsApp*, então eram enviados áudios, vídeos, *links* de textos dos assuntos no horário matutino (o horário das aulas deles) e, no decorrer do dia, era o momento de resposta às mensagens e dúvidas. Como as mensagens no aplicativo se dispersam rapidamente, toda semana dois alunos auxiliavam com o que era enviado, ajudando quem perguntava pelas atividades ou *links*.

Pode-se destacar como pontos positivos que, mesmo em meio a uma pandemia nunca antes vivida por nenhum de nós, os alunos puderam desenvolver uma postura crítica diante das situações vividas, e é uma das competências que se destacam nos referenciais curriculares do Estado do Maranhão. A própria participação dos alunos durante a pandemia foi boa, 50%, considerando tudo o que se passava e no decorrer foi escasseando por questões financeiras, psicológicas, falta de aparelhos de celular, problemas com pouca memória, dificultando a interação.

Com o aplicativo *WhatsApp* ressalta-se sua facilidade de compartilhamento, comunicação. Contudo, há dificuldade de acompanhar as conversas, necessitando de um resumo sempre que alguém não entendia, entre seus desafios, o alto custo dos aparelhos, a possibilidade de dispersão e perda de foco.

Como todos também fui afetada durante a pandemia, tendo que inicialmente cuidar de meu pai que teve síndrome do pânico e depressão, depois eu e minha mãe tivemos sintomas leves do COVID 19. Foi quando fui obrigada a parar e retomar depois de duas semanas, assim, foram dias difíceis e de muito aprendizado.

A intenção de buscar uma aprendizagem filosófica que se relacione com a inteligência coletiva, está na possibilidade de o aluno problematizar questões cotidianas, culturais, científicas, aceitando a palavra, o direito do outro se expressar, mesmo que não seja de um especialista, mas de alguém que vive aquela situação. Quem tem uma aprendizagem filosófica é alguém com uma atitude filosófica de visão crítica do mundo, que pode reconstruir conceitos filosóficos a partir de sua realidade e reconhecer o outro, um ser humano independente de sua posição social, econômica e de diferentes saberes, através de um mundo virtual, no caso desta pesquisa com a ajuda do *WhatsApp*.

Até mesmo porque o sonho dessa aprendizagem filosófica que culmine numa inteligência coletiva, ainda que esteja distante nas suas condições materiais, como o acesso a todos da internet e dos celulares (*smartphones*), é algo que não se pode isentar de lutar. Para que a internet não se restrinja somente nesses momentos de emergência, é importante que haja políticas públicas efetivas e uma preocupação maior com a educação no nosso país.

A Pandemia afetou a educação em caráter mundial, mas aqui no Brasil infelizmente a resposta dada foi insuficiente e piorou seu impacto sobre a população, por isso enfatizam-se políticas públicas que realmente garantam a oportunidade de continuidade de aprender com qualidade, contribuindo com uma visão menos pessimista das TDIC, dando condições para que tanto professores e alunos possam ensinar e aprender.

Como sugestões, destaca-se que a ideia de marcar horário no grupo do *WhatsApp* como alternativa para desenvolver uma atividade, funciona; em relação às atividades, é recomendada a sala de aula do Google, mais prático e os alunos ficam menos intimidados de enviar. Na hora de tirar dúvidas é indicado o *meet*, caso eles não cooperem no grupo.

E o mais importante, a escola ser um ambiente que disponibiliza a internet para todos, não só para professores e administrativos, numa compreensão educativa para todas as disciplinas e de uma aprendizagem coletiva, pensar no engajamento dos alunos, pois mesmo eles sendo da geração Polegarzinha, não quer dizer que seja uma tarefa fácil envolver os alunos nesse processo de transformação tecnológica na educação.

Cabe aos professores estabelecerem limites, despertar a autonomia neste processo ensino e aprendizagem. Principalmente, quando nesta pesquisa percebeu-se que os alunos tinham uma resistência por considerar a internet somente fonte de distração, jogos e uma carga negativa dos seus aspectos como ansiedade, vícios e um ambiente de pesquisas rápidas e sem critérios, reconhece-se que as TDIC podem provocar tais efeitos, principalmente quando não há uma compreensão e orientação de como usá-las.

E, o que faltou na pesquisa, talvez por tudo o que aconteceu, pois o objetivo era de um ensino híbrido e não remoto, foi a participação quanto às dúvidas dos alunos no grupo. Poucos enviavam, eles preferiam enviar no privado, mesmo ressaltando a importância dessa ação para todos.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, A.; SILVA, Heliana da. O desenvolvimento histórico das novas tecnologias e seu emprego na educação. *In: Educação e Novas Tecnologias*. Maringá: Eduem, 2005.

ALMEMARA, Igor. BlackBerry confirma retorno e vai lançar celular 5G em 2021. **Canal tech**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/smartphone/blackberry-confirma-retorno-e-vai-lancar-celular-5g-em-2021-178919/>> Acesso: 05 mar 2021.

ALECRIM, Emerson. Como o Yahoo foi do céu ao inferno. **Tecnoblog**. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/205860/yahoo-marissa-mayer-declinio/>> Acesso: 05 mar 2021

ALTENFELDER, Ana Helena et al. Fundamentos para a prática pedagógica na cultura digital. **Coleção Ensinar e aprender na cultura digital**. São Paulo: Cenpec, nº1, 2011, p. 11.

ARAÚJO, Ediel dos Santos. **O ensino de Filosofia e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação**: um estudo com alunos do Ensino Médio sobre o desenvolvimento da autonomia a partir do pensamento kantiano Dissertação (Dissertação em Filosofia) Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p.60. 2019.

ARAÚJO, Ediel dos Santos; BIANCHINI, Ângelo Rodrigo. O uso do Whatsapp como um recurso pedagógico para o desenvolvimento do sujeito autônomo. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**. São Luís - Vol. 4 - Número Especial -Jul./dez.2018. Disponível em:<[www.periodicoeletronicos.ufma.br/article >download](http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/article/download)> Acesso: 30 abr 2019

ARAÚJO, P. C.; BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia. **Temática**.v.1, n.2, 2015, p.13-23. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/22939>>Acesso: 05 mai 2019.

ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção Os Pensadores. Volume II, São Paulo; Ed. Nova Cultural, 1987.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BACICH, Lilian. **Ensino Híbrido: esclarecendo o conceito**. Disponível em: <https://lilianbacich.com/2020/09/13/ensino-hibrido-esclarecendo-o-conceito/> Acesso em: 28 abr 2021.

BOETTCHER, Dulci. A virtualidade como reencantamento da aprendizagem. **Revista Famecos**, n.19. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/>> Acesso: 09 jun 2020.

BOTTENTUIT JÚNIOR, J.B. Do Computador ao Tablet: Vantagens Pedagógicas na utilização de Dispositivos Móveis na Educação. **Revista Educa Online**, Vol. 6, nº 1, Jan/abril 2012.

BUSARELLO, R. I.; BIEGING, P.; ULBRICHT, V. R. (Org.). **Mídia e educação: novos olhares para aprendizagem sem fronteiras**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2013.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. Ciberespaço e educação: navegando na construção da inteligência coletiva. **Informação & Sociedade: Estudos** v. 11, n.1, 2001, p.1-9. Disponível em: <[www.brapci.inf.br › index.php › article › view](http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view)>. Acesso em: 17 dez. 2019

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 2/2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 31 jan. 2012. Seção 1, p. 20.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 11.684, 2 de junho de 2008.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei nº 13.145, 16 de fevereiro de 2017. Altera a Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em :<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 17 fev.2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei nº 5.692, 11 de agosto de 1971. Sobre os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádios, televisão, correspondência e outros meios de comunicação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm> Acesso em: 26 out 2020.

BRASIL, Secretaria da Educação do Estado do Maranhão. **Portaria nº 474, de 17 de março de 2020**, Maranhão, 2020.

_____. Secretaria da Educação do Estado do Maranhão. **Portaria nº 506, de 30 de março de 2020**, Maranhão, 2020.

CAFARDO, Renata. 8 em cada 10 professores não se sentem aptos a aulas on line. / **Estadão**. São Paulo, 16 maio 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/8-em-cada-10-professores-nao-se-sentem-aptos-a-aulas-online>> Acesso: 05 jun 2020.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARVALHO, A. A. A. Apps para Dispositivos Móveis: manual para professores, formadores e bibliotecários. Ministério da Educação. Portugal. 2015. Disponível em: <[Http://hdl.handle.net/10316/31202](http://hdl.handle.net/10316/31202)>. Acesso em: 25 ago.2020

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERLETTI, Alejandro; KOHAN, Walter Omar (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

CIPULLO, Rodrigo. **Comunicação Síncrona e Assíncrona: comunique-se melhor!** Disponível em: <<https://www.impacta.com.br/blog/2018/01/24/>> Acesso em: 28 dez.2019.

COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva; PINHEIRO, Márcio Luiz Oliveira. As contribuições do WhatsApp no ensino do espanhol: uma perspectiva de aprendizagem significativa e colaborativa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1287-1312, ago 2017.

COSSETI, Melissa Cruz. Quem criou o *Whatsapp*? **Tecnoblog**. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/318493/quem-criou-o-whatsapp/>> Acesso: 05 mar 2021.

COLL, César; MONEREO, Charles. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias de informação e comunicação**. Tradução: Naila Freitas. UFRGS: Editora: Artmed, 2010.

COLL, C.; MARTI, E. La educación escolar ante las nuevas tecnologías de la información y la comunicación. Em: C. Coll, J.Palacion e A. Marchesi (comps). **Desarroll o psicológico y educación escolar** (p.623-651). Madrid: Editora Alianza, 2001.

CUNHA, J. A. **Iniciação à investigação filosófica: um convite ao filosofar**. Campinas: Alínea, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução: Roberto Machado, Luiz Orlandi. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. **Filosofia: uma experiência do pensamento**. Volume único. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2017.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. **Lite-Unicamp**, 2003. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/transversalidade_e_educacao.htm> Acesso em: 18 jun 2021.

GALIMBERTI, Umberto. O Ser Humano na Era da Técnica: **Cadernos IHU ideias** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos- ano 1 v. Quinzenal (durante o ano letivo), n. 218, 2015 p.3-18.

GOMES, Miguel Ângelo Castelo. **Filozapeando: uma experiência filosófica de mediação à distância com o uso do aplicativo de celular WhatsApp**. Dissertação (Dissertação em Filosofia). CEFET/RJ. Rio de Janeiro.

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o século 21**. Tradução: Paulo Geiger. Companhia das Letras, 2018.

HORN, Michael; STAKER, Heather; CHRISTENSEN, Clayton. **Blended usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Penso Editora, 2015.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2017**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: set. 2019.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valério Rohden e Uno Baldur Moosburger.2. Ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador, Edufba, 2012; Bauru, São Paulo, Edusc, 2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet.10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu Costa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora: 34,1993.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,2005, Rio de Janeiro. Intercom. Rio de Janeiro. Uerj.2005, p. 1 a 17. Disponível em: <<https://www.intercom.org.br> > papers > nacionais > resumos> Acesso em: 15 Set 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Editora: Cortez, 1994.

MAGRINI, Eduardo. **Política e internet: internet como ferramenta político-democrática em dois vetores**. Disponível em:< www.publicadireito.com.br > artigos. Acesso em: 20 julh 2020.

MEDEIROS, Josemi Teixeira. **A Aplicação do Blog no Ensino da Filosofia**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9, 2009. Anais...Curitiba: EDUCERE, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Simone Becher Araújo. Leitura e escrita colaborativa na aula de Filosofia utilizando grupos do Facebook e Google Docs. **Refilo** v.2 n.3 2017 Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/29902> > Acesso em: 20 jun 2020.

MURCHO, Desidério. A natureza da Filosofia e seu ensino. **Educação e Filosofia**. Uberlândia.v.22, N.44 p.79-99.jul-dez 2008.Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5397/1/ARTIGO_NaturezaFilosofiaEnsino.pdf >Acesso em: 21 julh 2020

NIZA, C. Como usar o WhatsApp na escola. **Blog Tecnologia na Educação**, 2016.Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/4688/como-usar-o-whatsappna-escola>> Acesso em: 03 jun.2020

PELLISSOLI, Luciano; LOYOLLA, Waldomiro. **Aprendizado móvel (m learning): dispositivos e cenários**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - ABED, 11, Salvador: 2004.

PINA, Maria Teresa. Da poesia (Antonio Machado): Cantares. 20 nov.2020. Disponível em: <<https://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>> Acesso em:25 nov.2020.Blogs utopia.org.br

REDAÇÃO LINK. WhatsApp chega a 120 milhões de usuários no Brasil. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 29 mai 2017. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/empresas,whatsapp-chega-a-120-milhoes-de-usuarios-no>> Acesso em: 20 jun 2019

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSSA, Juliana. A leitura do hipertexto sob a perspectiva da Teoria da Enunciação. **Letrônica. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre. V.9 N. especial p.155 a 166.Nov 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22395>> Acesso em: 28 abr 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Desafios da ubiquidade para a educação**. Revista Ensino Superior Unicamp (Novas mídias e o Ensino Superior Especial). Campinas. 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>

SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. **MATRIZES, [S. l.]**, v. 9, n. 1, p. 167-185, 2015. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v9i1p167-185. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/100679>>. Acesso em: 21 maio. 2021.

SÃO LUÍS (Estado) PORTARIA N.º 1474, DE 20 DE AGOSTO DE 2019. **Sobre a proibição do uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos nas unidades de ensino da rede estadual de educação, no Estado do Maranhão.** São Luís, Ma, ago. 2019. Disponível em: <<https://www.educacao.ma.gov.br/files/2019/08/PORTARIA-1474-CONSTRIC3%87%C3%83O-DE-APARELHO-CELULAR.pdf>> Acesso: 30 ago 2020.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro. Editora: Bertrand Brasil, 2013.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, nº81, dez., 2002, pp. 143160.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2014.

VALENTE, C. de M. Computadores e Educação: momentos iniciais desta relação no Brasil. *In*: **Revista Brasileira de Sistemas de Informação**. Rio de Janeiro: Isys, 2017.

VENTURA, Felipe. WhatsApp chega a 99% dos celulares no Brasil; Telegram cresce 93% dos brasileiros usam WhatsApp todo dia; Telegram chega a 27% dos celulares no país, dobrando presença no último ano. **Tecnoblog**, 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/326932/whatsapp-chega-a-99-por-cento-celulares-brasil-telegram-cresce/>> Acesso em: 25 jul. 2020.

VIEIRA, Wilson José. O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. **Refilo**. v. 1 n.2 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/23828>> Acesso: 07/05/2020.

APÉNDICE

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Identificação Pessoal: Qual seu nome e turma?

1. Você gosta de Filosofia? justifique sua resposta

2. Como eram as aulas de Filosofia no 1º Ano do Ensino Médio?

3. Quais os recursos mais utilizados pelos professores nas aulas de Filosofia?

a) Datashow, notebook

b) Quadro e pincel

c) Livro didático

d) Celular

4. Você já teve alguma aula proposta pelo professor fazendo uso do celular? Se sim, qual disciplina?

5. Para você, a presença da internet na escola contribuiria para sua aprendizagem? Por quê?

6. Dê algumas sugestões sobre como as aulas de Filosofia poderiam ser trabalhadas fazendo uso do WhatsApp, como recurso didático no celular:

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Nome:

Turma:

Idade:

1. Quantas pessoas moram na sua casa?

2. Quantas pessoas trabalham na sua casa?

3. Qual a renda familiar?

a) Até 1 salário mínimo

b) De 1 a 2 salários mínimos

c) De 2 ou mais salários mínimos

4. Na sua família vocês conseguiram o auxílio emergencial?

5. Como você tem acesso à informação?

a) Jornais, revistas, livros impressos

b) Rádio

c) Internet, computador, SmartTV e celular

d) Televisão

6. Na sua casa tem internet? Se sim. Qual o tipo?

- a) via rádio
- b) Oi
- c) TVN
- d) Claro
- e) outros

7. Quantas horas por dia você costuma ficar na internet?

8. Quantas pessoas possui celular na sua casa contando com você? Se sim, o que mais usa nele?

9. Antes da pandemia você usava o aplicativo WhatsApp? Quanto tempo você costuma ficar conectado?

- a) 1 hora
- b) 2 horas
- c) 3 horas
- d) 4 horas
- e) 5 ou mais

10. Como você acessa a internet no seu celular?

- a) Dados móveis (créditos)
- b) Wifi de casa
- c) Amigos e parentes
- d) Escola

QUESTIONÁRIO PÓS-INTERVENÇÃO

WhatsApp e a Filosofia

Qual o seu nome e turma?

1. Você lê com frequência?

- a) sim, um livro por mês
- b) não

2. A matéria foi mais aprofundada com os debates no WhatsApp?

3. Em que sentido o uso do WhatsApp facilitou a aprendizagem da Filosofia?

4.O grupo do WhatsApp favoreceu a realização de trabalhos e exercícios com mais criticidade?

5.Quais foram as dificuldades encontrados em estudar filosofia utilizando o WhatsApp como recurso didático?

6.Como você avalia seu desempenho ao longo do desenvolvimento do projeto?

7.Fiquei satisfeito em relação à metodologia utilizada?

a) SIM

b) NÃO

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA
ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - PERÍODO PRÉ PANDEMIA

Período	Conteúdo	Atividade
16/03/2020 a 31/05/2020	<p>Conhecimento: O que é conhecimento? Gnosiologia; Relação sujeito x objeto; Processos e possibilidades do conhecimento.</p>	<p>Abertura do projeto na sala de aula da escola com a dinâmica: presente, passado e futuro.</p> <p>Visualização de aplicativos de elaboração de memes e criação de memes com o tema das regras que foram adotadas coletivamente pela turma.</p> <p>Leitura e discussão da Fábula dos cegos (1 - Quais os elementos da Fábula que se refere à percepção? 2 - Poderíamos chamar as conclusões de cada cego de realidade? Por quê? 3 - O que você conclui a partir dessa fábula? 4- Levando em conta a fábula e sua experiência pessoal, conceitue o que se pede: a) percepção é: b) realidade é: .</p>

REFERÊNCIAS

COTRIM; FERNANDES; Gilberto; Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2 ed.: Volume único. São Paulo. Editora: Saraiva, 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia: volume único, ensino médio*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA
ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - PERÍODO PANDÊMICO

Período	Conteúdo	Atividade
Desde 15/03/2020 A 06/06/2020	Realismo e Idealismo Racionalismo: Conceito; Características; Representantes. Empirismo: Conceito; Características; Representantes;	<p>Questão: Qual a diferença entre realismo e Idealismo?</p> <p>Introdução ao Racionalismo a partir do vídeo: o Ilusionista (Kevin Parry-instagram). Será que a realidade pode nos enganar? O que é a dúvida?</p> <p>Debate sobre a percepção do presidente sobre voltarmos a trabalhar no começo da pandemia;</p> <p>Leitura e análise do artigo: A importância da Filosofia em meio à crise da COVID 19;</p> <p>Análise de dois vídeos sobre René Descartes;</p> <p>Mapa mental sobre a biografia de Descartes;</p> <p>Mapa conceitual sobre excertos da obra: As meditações de René Descartes.</p> <p>Análise de dois vídeos sobre Locke</p> <p>Elaboração de um quadro comparativo sobre Racionalismo e Empirismo.</p> <p>Atividade: análise sobre uma notícia que trata da culpa da China segundo Eduardo Bolsonaro, em espalhar a corona vírus. Reflexão sobre o problema das fake News a partir do pensamento de Descartes tentar responder o questionamento: Como incentivar a criticidade diante dessa realidade?</p>

REFERÊNCIAS

COTRIM; FERNANDES; Gilberto; Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2 ed.: Volume único. São Paulo. Editora: Saraiva, 2013.

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf in: Primeiras meditações de Descartes.

MATOSO.K; KRÜGER. A. 'Culpa é da China', diz Eduardo Bolsonaro; embaixador chinês repudia e exige desculpas. **Política. G1.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/18/culpa-e-da-china-diz-eduardo-bolsonaro-embaixador-chines-repudia-e-exige-desculpas.ghtml>> Acesso em: 25 ago 2020

FONTES, Igor Ferreira. **A importância da Filosofia em meio à crise da COVID-19.** Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-importancia-da-filosofia-em-meio-a-crise-da-covid-19/>>. Acesso em: 20 abr 2020.

(VIDEOS SOBRE RACIONALISMO- DESCARTES)

Vídeo: René Descartes: Penso logo existo, período renascentista. Disponível em:<<https://youtu.be/8UGdAipS4II>> Acesso em: 17 ago 2020.

Vídeo: René Descartes: Relação mente-corpo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Z2dpE4E6Zoo>>Acesso em: 17 ago 2020

(SLIDE SOBRE A DÚVIDA)

Filosofar- capítulo 2: A dúvida. Disponível em: <div style="width:728px"> <strong style="display:block;margin:12px 0 4px">FILOSOFAR Capítulo 2 A dúvida.<iframe src="https://player.slideplayer.com.br/97/16780888/" width="728" height="595" frameborder="0" marginwidth="0" marginheight="0" scrolling="no" style="border:1px solid #CCC;border-width:1px 1px 0" allowfullscreen></iframe><div style="padding:5px 0 12px"></div></div>. Acesso em: 17 ago. 2020.

(VIDEOS SOBRE EMPIRISMO)

Vídeo sobre John Locke (SENSAÇÃO, REFLEXÃO E EMOÇÕES | EMPIRISMO BRITÂNICO). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyAWuHgyqr0&ab_channel=didatics>. Acesso em: 20 set 2020

Vídeo sobre John Locke (ASSOCIACIONISMO, EDUCAÇÃO E GOVERNO | EMPIRISMO BRITÂNICO). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoQIbAXKsaM&t=69s&ab_channel=didatics> Acesso em: 20 set 2020

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA

ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

PLANEJAMENTO

DATA	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	POSSIBILIDADES DIDÁTICAS	AVALIAÇÃO	RECURSOS
Dia 15.03	Interagir com os colegas; Discutir as regras do grupo;	Regras do grupo;	Visualização de aplicativos de elaboração de memes e criação de memes com o tema das regras que foram adotadas coletivamente pela turma	Memes enviados no grupo	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
Dia 06.04	Pesquisar sobre Realismo, Idealismo; compartilhar a pesquisa em áudio. Comentar o áudio do colega	Texto sobre a relação sujeito e objeto;	Envio de texto e interpretação.	Participação através de áudios sobre as pesquisas e troca de ideias com os colegas;	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
Dia 13.04	Será que a realidade pode nos enganar? O que é a dúvida? Discutir o vídeo; Pesquisar sobre a dúvida;	O que é a dúvida?	Vídeo de ilusão de ótica	Debate sobre o vídeo;	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>

Dia 27.04	Compreender a relação da dúvida na filosofia de Descartes; Reconhecer a relevância de Descartes e de suas contribuições	A dúvida; Contexto histórico; Características do racionalismo;	Debate do vídeo sobre a dúvida; Slides e vídeos sobre a dúvida e a filosofia de Descartes	Participação individual através de mapa mental e discussões	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
Dia 04.05	Compreender os conceitos dos graus da dúvida de Descartes;	Realização de leitura de excerto: A Primeira meditação (parágrafos de 1 a 9)	Realização de atividade de mapa conceitual sobre os graus da dúvida;	Participação individual através de mapa conceitual e discussões	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
Dia 11.05	Contextualizar o empirismo na filosofia de Locke	Vídeo sobre a filosofia e biografia de Locke	Discussão e quadro comparativo do empirismo e racionalismo	Participação com quadro comparativo sobre empirismo e racionalismo	Resolução enviada por meio do grupo da sala, pelo <i>WhatsApp</i>
Dia 18.05	Refletir sobre a Filosofia durante a pandemia; Redigir sobre o que mudou na sua vida com a pandemia;	Texto: a importância da filosofia no período do COVID 19	Produção escrita sobre a Filosofia	Participação com produção escrita;	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
Dia 25.05	Debater sobre a percepção do presidente quanto pandemia;	Pronunciamento do presidente sobre a pandemia (vídeo)	Vídeo do pronunciamento do presidente	Participação	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>

Dia 02.06	Revisar a relação entre empirismo e racionalismo	Vídeo sobre Descartes e Locke	Discussões sobre o vídeo	Participação	Resolução enviada por meio do grupo da sala, ferramenta de <i>WhatsApp</i>
-----------	--	-------------------------------	--------------------------	--------------	--

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA

ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA

SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Período pandêmico

TEMPO ESTIMADO	2 AULAS (45 min)
HABILIDADES (BNCC)	Problematizar, assumindo uma atitude de investigação e de reflexão sobre as ideias/ afirmações dos textos analisados.
CONTEÚDOS	A importância da Filosofia no período do COVID 19
OBJETIVOS	Estabelecer relação da inutilidade da Filosofia, da Arte com a pandemia; Refletir sobre as questões existenciais, a mudança da vida depois da pandemia;

	Redigir um texto sobre o que mudou na sua vida com a pandemia;
RECURSOS	Texto em pdf, celular (<i>WhatsApp</i>) ou notebook (o aluno precisará usar, tendo em vista que aulas estão acontecendo de forma remota, sem ainda previsão de retorno).

1ª aula

Levantamento das ideias

Neste momento o professor questionará os alunos se existe alguma relação da pandemia com a Filosofia, se eles já se perguntaram sobre o sentido da vida, o que é a vida? Para onde vamos quando morremos? O que é felicidade? Abrindo a conversa no grupo do *WhatsApp*.

2ª aula

Leitura filosófica

Sugere-se a leitura da matéria intitulada: A importância da Filosofia em meio à crise do COVID 19 de Igor Ferreira Fontes. Destacando os pontos de como vivemos durante a pandemia e como viveremos, o existencialismo, a Arte e a Filosofia. E como resultado da análise do texto, a produção escrita de duas laudas, disponibilizadas depois no e-mail do professor.

TEXTO PARA 2ª AULA

Importância da Filosofia em meio à crise da Covid-19

Acervo Online por **Igor Ferreira Fontes**
20 de abril de 2020

Há algum tempo vem-se dizendo no Brasil que a Filosofia e as artes não servem para nada e deveriam ser negligenciadas; contudo, se prestarmos atenção, é justamente a esses saberes que estamos recorrendo nesse período. Não me interessa aqui a visão exposta por Aristóteles na *Metafísica* segundo a qual as coisas inúteis são superiores porque são um fim em si mesmo e por isso a Filosofia é superior a todos os saberes, afinal a Filosofia não seria serva para servir a algo, mas soberana.

A quarentena por causa da pandemia do novo coronavírus tem levado as pessoas a buscarem formas de lidar com esta situação singular. Isso levou alguns filósofos italianos a criarem o projeto *Prendiamola com Filosofia: stafetta di filosofi – strumenti pratici per affrontare la quarentena*, que conta com duas lives realizadas (a primeira em 21/03/2020 e a segunda em 04/04/2020) e cujo objetivo é fornecer instrumentos práticos, oriundos da Filosofia, para enfrentar a quarentena. Iniciativa que precisa receber atenção, especialmente, em tempos nos quais se usa a pandemia para tentar sufocar a Filosofia.

Quando se trata de recorrer à história da Filosofia para buscar algum filósofo ou escola filosófica que nos ajude a lidarmos com esta situação gerada pela pandemia talvez a escola estoica seja a que venha de imediato à mente. De forma bastante resumida, o estoicismo é uma escola helênica cuja noção de felicidade consiste num estado de tranquilidade da alma, isto é, ausência de perturbação¹; os estoicos partiam de uma importante visão da natureza: nós, humanos, não temos controle sobre a natureza, isto é, não controlamos tudo o que acontece no mundo ou em nossas vidas. Precisamos reconhecer esta nossa limitação e deixarmos nossa felicidade apenas para aquelas coisas sobre as quais temos controle, porque assim a nossa felicidade dependeria apenas de nós mesmos e não de coisas que não podemos controlar; disso advém a figura estoica do sábio enquanto aquela pessoa que reconhece sua própria impotência e conduz sua vida em conformidade com os acontecimentos, ou seja, ao invés de tentar se opor aos eventos cósmicos, o sábio se adequa a eles e a partir de então conduziria a sua vida².

O estoicismo ensina a lidar com as circunstâncias com tranquilidade, de modo que o reconhecimento da limitação de nosso poder de ação não deve nos perturbar. No contexto de isolamento social, a determinação do isolamento é feita pelos governos, isto é, escapa ao controle dos indivíduos; o que nos cabe é reconhecermos que não podemos decidir no lugar do governante e nos adequarmos, sem angústias, à nova

situação de quarentena. Contudo, nós somos livres para decidirmos o que iremos fazer com o tempo disponível. Assim, mesmo que nem todos possam escolher o isolamento, cabe a nós decidirmos se passaremos os dias espionando as redes sociais de pessoas que não fazem a menor diferença na nossa vida ou se usaremos esse tempo para fazermos algo que nos faça bem.

Existencialismo

A situação de quarentena nos põe questões existenciais, como atentou Richard Tarnas em sua participação no Prendiamola com Filosofia do dia 04/04/2020, e é uma oportunidade para fazermos uma investigação filosófica sobre nossas vidas. Em sua fala Tarnas observou que a quarentena nos faz refletir sobre a vida que conduzíamos antes e como agiremos depois. Alain de Botton, em sua fala na live, entende ainda que a quarentena mudará nosso modo de ver o tempo, pois ao passarmos o dia inteiro em casa dificilmente continuaremos pensando que a vida é curta, mas perceberíamos que somos nós que a encurtamos ao levarmos uma vida corrida e, após a quarentena, ele espera que reduzamos a velocidade para aproveitar melhor a vida. Assim, a quarentena é uma oportunidade para nos colocarmos questões importantes a respeito de nossas próprias vidas, como por exemplo: eu tenho vivido a minha vida ou tentado viver a vida de outrem? Eu tenho aproveitado o meu tempo disponível para fazer coisas que me agradam e me fazem bem ou passo o meu tempo me lamentando e destruindo minha saúde? Eu tenho levado uma vida prazerosa ou estou sempre sob estresse e angústia? Ao que e a quem eu tenho dado maior prioridade no meu tempo? Quem são as pessoas que eu quero perto de mim e por que? A vida que eu tinha antes da quarentena é a mesma que eu quero ter depois?

Outra reflexão que surge a partir da questão do uso do tempo é a da suposta utilidade ou inutilidade das coisas. Há algum tempo vem-se dizendo no Brasil que a Filosofia e as artes não servem para nada e deveriam ser negligenciadas; contudo, se prestarmos atenção, é justamente a esses saberes que estamos recorrendo nesse período. Não me interessa aqui a visão exposta por Aristóteles na Metafísica segundo a qual as coisas inúteis são superiores porque são um fim em si mesmo e por isso a Filosofia é superior a todos os saberes, afinal a Filosofia não seria serva para servir a algo, mas soberana. Me interessa observar que, em meio ao discurso de “valorizar o que é útil”, nem todos ainda perceberam que 98% ou 99% do que fazemos em nossas vidas é “inútil”. Observemos o critério para as medidas de isolamento: o que determina quais coisas são essenciais é a subsistência. As únicas coisas “necessárias” à vida são água e alimentos, TODO o resto é “inútil” e nós passamos quase todo o nosso tempo fazendo “coisas inúteis”; mas nós as fazemos porque nos dão prazer e alegam a vida, por isto que muitas pessoas estão desesperadas ou entediadas: porque não podem fazer essas “coisas inúteis” que lhes dão prazer e uma vida conduzida apenas com base no que é “necessário” é uma vida que ninguém quer. Essa situação nos mostra que precisamos de certas coisas para vivermos que não são necessárias à sobrevivência: e, como desafiou o escritor Stephen King, se você acha que artistas são inúteis, tente passar a quarentena sem filmes, séries, músicas, poemas, livros e pinturas – e aqui eu incluiria também videogames e qualquer tipo de entretenimento.

O isolamento e o distanciamento social também têm nos mostrado uma coisa que a Filosofia e a Psicologia já sabiam: nós precisamos do contato com os outros. É conhecida a afirmação de Aristóteles de que nós humanos somos animais políticos porque dependemos dos outros para vivermos; mas, como destacou Lucrezia Ercoli na live, antes de Aristóteles a filósofa Diotima de Mantinea já argumentava que para vivermos e até para amarmos nós precisamos do contato carnal com os outros, porque tudo partiria do corpo. Isso pode ser observado num belíssimo vídeo do canal Casa Surace, no qual perguntam aos italianos qual será a primeira coisa que farão quando saírem da quarentena e a quase totalidade das respostas seria abraçar alguém que amam, ou mesmo um desconhecido, porque sentiam uma necessidade enorme de dar um abraço e, dessa forma, terem contato (corporal) com os outros. E, atualmente, todos os estudos sérios sobre felicidade mostram que relações de qualidade são fundamentais, ou seja, que precisamos de outras pessoas para sermos felizes.

A pandemia também foi responsável por mudanças no mundo do trabalho e da educação. Na live Maura Guancitano, ao discutir o pensamento de Hannah Arendt, questiona em que medida as noções de trabalho desenvolvidas por Marx e Adam Smith teriam contribuído para o modo de vida que levamos e, conseqüentemente, em que medida eles seriam responsáveis por estarmos vivendo isolados. Ademais, viu-se uma rápida transferência do trabalho para o mundo virtual, mas alguns problemas surgem: em que medida esse processo acentuará as desigualdades socioeconômicas? Quais as conseqüências para a saúde? Como ficaria a socialização das pessoas se retirarmos o ambiente comum de trabalho? Poderia aumentar o número de empregadores que não respeitam os horários de trabalho e obrigam os funcionários a trabalharem fora do expediente sem pagarem horas extras?

Quanto à educação, em sua fala na live Yuval Noah Harari menciona que as universidades, que vinham levando 20 anos para transferirem suas atividades para a internet, em uma semana se viram obrigadas a transferirem tudo para a internet. O mesmo ocorreu nas escolas, mas alguns problemas do contexto brasileiro surgem: considerando que apenas 67,5% da população utiliza internet, as que não possuem ficariam excluídas do processo educativo? Como seria possível adotar o EaD se as operadoras brasileiras conseguirem limitar a franquia de dados? Para as aulas online precisaríamos abandonar as metodologias ativas que dão mais autonomia aos alunos e tornam as aulas mais dinâmicas para voltarmos ao tipo de aula em que só o professor fala? Quanto à estrutura das aulas, o professor gravaria uma aula que ficaria disponível para os alunos assistirem quando quisessem ou seria feita uma transmissão no horário da aula? Se fosse adotado o primeiro caso, como o professor poderia acompanhar o desenvolvimento da turma e tirar dúvidas dos alunos? Se fosse adotado o segundo caso, as famílias que possuem mais de um filho, mas apenas um computador, teriam que escolher qual filho assistiria à aula? Como assegurar que os alunos de fato assistam às aulas, especialmente para as famílias que não podem deixar um adulto em casa para fiscalizar as crianças/adolescentes? E os problemas de visão causados por se passar tanto tempo na frente de uma tela? Onde as crianças desenvolveriam suas habilidades sociais?

Outro problema que a Filosofia nos convida a refletir é sobre como será o mundo em termos políticos pós-pandemia. Alguns dizem que essa situação é uma oportunidade, afinal depois da Peste Negra veio o Renascimento; contudo, o que não está sendo dito é que a Peste Negra foi responsável pela redução da liberdade política e econômica. Tomemos como exemplo o caso de Florença, o berço do Renascimento: antes da Peste Negra em 1348 a cidade enfrentou três crises alimentares, a primeira de 1328 a 1330, a segunda de 1339 a 1341 e a terceira de 1346 a 1347. Antes o governo quase não interferia no comércio e se restringia a reunir alimentos para os períodos de carestia; mas como consequência de todas essas crises o governo florentino se viu obrigado a aumentar sua política de manutenção de alimentos, o que resultou em maiores interferências no comércio. Estas interferências também se fizeram necessárias por causa da falência de inúmeros comerciantes, causada pela drástica redução populacional. Ademais, durante a segunda metade do século XIV o governo foi ocupado pela oligarquia que aproveitou a ocasião para adotar políticas que beneficiassem suas atividades e restringissem a participação do povo nos cargos públicos³. Em suma, a consequência direta da Peste Negra em Florença foi a concentração do poder pela oligarquia e o enfraquecimento da participação popular nas decisões da república, o que resultou na perda das liberdades política e econômica.

As mudanças políticas são outras preocupações dos filósofos porque medidas que estão sendo tomadas agora para conter o novo coronavírus podem beneficiar regimes autoritários. Na Coreia do Sul, por exemplo, o governo criou um aplicativo que tem acesso à localização da pessoa e permite acompanhar os movimentos dela para saber se ela está ou não onde deveria estar; na China, além desses dados, monitora-se também os fluxos aéreo e rodoviário dos cidadãos. Na Hungria, a fim de combater a pandemia, o Parlamento permitiu ao primeiro-ministro governar por decreto por tempo indeterminado, sem precisar do aval do Legislativo, podendo suspender leis e sessões do Parlamento e cabendo ao primeiro-ministro o poder de decidir quando acabará o período de emergência; No Brasil o governo vai ter acesso aos dados das operadoras de celulares para identificar onde há aglomerações de pessoas. Na Rússia, apesar de poucos casos confirmados, Lia Quartapelle conta em sua participação na live que o governo determinou quarentena e as pessoas só poderiam sair de casa se possuírem um código QR em seu celular que as autorize a sair. Mesmo que algumas dessas medidas sejam importantes para se tentar conter o novo coronavírus, Yuval Noah Harari, em sua participação na live, destaca que esse pode ser o começo de um aumento do totalitarismo no mundo, no qual os governos controlariam a movimentação dos cidadãos e teriam acesso a inúmeros dados deles, inclusive a dados de seus organismos (do controle da temperatura a outros dados que poderiam ser obtidos por aplicativos que monitoram a saúde dos usuários). Teme-se que todo este controle seja prorrogado por regimes já autoritários e usado para seguirem rumo ao totalitarismo.

Para concluir, em tempos de isolamento a Filosofia é, como observa Moreno Montanari na live, uma forma de se buscar uma via para lidar com a quarentena e uma nova forma de se pôr ao mundo, permitindo que, como disse Richard Tarnas na live, reflitamos sobre nossas vidas, como as temos conduzido e como as conduziremos quando sairmos da quarentena. A Filosofia, portanto, assume

diversos papéis neste momento, atuando como um instrumento para que possamos enfrentar melhor a pandemia; ou para que possamos fazer bom uso do tempo disponível e façamos uma investigação cujo objeto a ser investigado é o nosso próprio eu; ou que nos permita pensarmos de que modo a pandemia afetará o mundo, avaliando as mudanças, os benefícios e problemas e como poderíamos nos preparar para tal; ou ainda para avaliarmos como os governos agiram no combate ao vírus, onde acertaram e erraram e quais os desafios políticos que toda essa situação nos lança. Essas são apenas algumas possibilidades, e de uma esfera particular a uma coletiva, a Filosofia torna-se importante para pensarmos como enfrentaremos, no presente e no futuro, as consequências da pandemia.

1 Cf. MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

2 Cf. TOGNI, P. Stoicismo. In: ECO, U.; FEDRIGA, R. (a cura di). Storia della Filosofia vol.1: Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza & Figli; Milano: EM Publishers, 2014, p.1107-1157. Edizione digitale.

3 Cf. FRANCESCHI, F. Intervento del potere centrale e ruolo delle arti nel governo dell'economia fiorentina del trecento e del primo quattrocento. Linee generali. Archivio Storico Italiano, Firenze, v.151, n.558, Disp.IV (ottobre-dicembre), p.863-909, 1993; e FIUMI, E. Fioritura e decadenza dell'economia fiorentina. Archivio Storico Italiano, Firenze, v.117, n.4 (424), p.427-502, 1959.

Igor Ferreira Fontes é mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e graduado em Filosofia – Licenciatura pela mesma universidade.

REFERÊNCIAS

FONTES, Igor Ferreira. A importância da Filosofia em meio a crise do COVID 19. **Le Monde diplomatique Brasil**. 20 de abr 2020. Disponível em:

<<https://diplomatique.org.br/a-importancia-da-filosofia-em-meio-a-crise-da-covid-19/>> Acesso: 24 abr 2020.

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA
ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA
SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PERÍODO PANDÊMICO

TEMPO ESTIMADO	04 aulas	45 h/a
HABILIDADES (BNCC)	Problematizar, assumindo uma atitude de investigação e de reflexão sobre as ideias/ afirmações dos textos analisados.	
CONTEÚDOS	Graus da dúvida; Teoria do conhecimento; racionalismo; (itens 22 e 26 das Orientações curriculares para Ensino Médio/MEC); (Orientações curriculares para o ensino médio: Caderno de filosofia- SEDUC/MA)	
OBJETIVOS	Estabelecer relação da dúvida com o método para busca racional do conhecimento; Conhecer os conceitos do argumento do erro dos sentidos, do sonho e do Deus enganador para entender o problema da dúvida; Analisar as ideias do filósofo Moderno René Descartes a respeito da dúvida a partir dos fragmentos da obra <i>Meditações</i> .	
RECURSOS	Texto em pdf, celular (<i>WhatsApp</i>) ou notebook (Conforme exigências do ensino remoto).	

1ª aula	Levantamento das ideias	Neste primeiro momento, houve a sensibilização através da visualização do vídeo sobre René Descartes. Posteriormente, pergunta-se aos alunos qual era o problema de Descartes? Qual era a relação entre os sentidos e a realidade? A importância da razão, da dúvida no processo de sua filosofia, qual sua contribuição no contexto Moderno? Propõe-se que a discussão se realize via <i>WhatsApp</i> .
----------------	--------------------------------	--

2ª aula	Leitura filosófica	Sugere-se a leitura dos fragmentos da obra <i>As Meditações Metafísicas</i> de Descartes para conhecerem suas ideias, solicitando-se que compartilhem suas contribuições sobre o filósofo e possíveis dúvidas no grupo, através de mensagens escritas e orais. No início do texto destaca-se o nome do autor e sua biografia, contexto histórico que o mesmo viveu e escreveu o texto, contida no excerto e hiperlinks. Após a leitura, os alunos participaram seguindo o roteiro de questionamentos enviado ao grupo. Após responderem o roteiro, seguiram para a seleção de conceitos com a finalidade de produzirem uma atividade (mapa conceitual que responda à seguinte pergunta focal: <i>Quais os graus da dúvida na Primeira Meditação Cartesiana?</i>) e, a partir da leitura e montagem do mapa, orientou-se que deveriam localizar no texto: a) O problema tratado pelo filósofo, b) A tese que defende; c) Seus principais argumentos; d) A resposta que dá ao problema.
3ª aula	Reflexão filosófica	Nesta aula, discutiu-se sobre as questões do excerto levantando reflexões para responderem: Descartes chegou a duvidar de tudo. E você, duvida de quê?
4ª aula	Sistematização e socialização das ideias	Solicitou-se a culminação dos trabalhos através da exposição dos mapas elaborados utilizando o grupo do <i>WhatsApp</i> . Foi proposto, para a exposição, os recursos do próprio <i>WhatsApp</i> escolhidos por eles.

1ª AULA

MATERIAL (VÍDEO)

Vídeo: René Descartes: Penso logo existo, período renascentista. Disponível em:< <https://youtu.be/8UGdAipS4II>>. Acesso em: 17 ago 2020.

2ª AULA

MATERIAL (TEXTO)

René Descartes (1596 - 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Autor da frase: "Penso, logo existo". É considerado o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna.

Sua preocupação era com a ordem e a clareza. Propôs fazer uma filosofia que nunca acreditasse no falso, que fosse fundamentada única e exclusivamente na verdade.

René du Perron Descartes nasceu em La Hayne, antiga província de Touraine, hoje Descartes, na França, no dia 31 de março de 1596. Filho de Joachim Descartes, advogado e juiz, proprietário de terras, com o título de escudeiro, primeiro grau de nobreza. Era também conselheiro no Parlamento de Rennes na vizinha cidade de Bretanha.

EXCERTO: DESCARTES “**Meditações**” 1ª parte (p.13 a 16) DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Coleção. Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: abril Cultural, 1983. p. 33-80.

Primeira Meditação

Das coisas que podem ser postas em dúvida

Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências.

(...). Tudo o que recebi até o presente como o mais verdadeiro e seguro, eu o aprendi dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência jamais se fiar inteiramente em quem nos enganou uma vez.

Devo, contudo, aqui considerar que sou homem e que, por isso, tenho o costume de dormir e de representar em meus sonhos as mesmas coisas, ou outras por vezes menos verossímeis, que esses insensatos quando acordados. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava perto do fogo, embora estivesse inteiramente nu em minha cama?

É por isso que, talvez, daí não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas, mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências dessa natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais sem muito se inquietarem sobre se elas existem na natureza ou não existem, contêm alguma coisa de certo e indubitável.

Há muito tempo, entretanto, que tenho em meu espírito certa opinião de que há um Deus que pode tudo e por quem fui criado e produzido tal como sou.

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador que poderoso, que empregou toda a sua destreza em enganar-me.

ROTEIRO:

1. Qual o problema de Descartes?

2. Por que ele queria estabelecer algo firme nas ciências?
3. Quais foram seus argumentos?
4. Qual a resposta ele deu ao problema?

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Coleção. Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: abril Cultural, 1983

Antologia. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf> acesso: 15 abr 2020

Vídeo: René Descartes: Penso logo existo, período renascentista. Disponível em:<<https://youtu.be/8UGdAipS4II>>. Acesso em: 17 ago 2020.

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA
ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA
SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PRÉ PANDEMIA

TEMPO ESTIMADO	04 aulas	45 h/a
HABILIDADES (BNCC)	Problematizar, assumindo uma atitude de investigação e de reflexão sobre as ideias/ afirmações dos textos analisados.	
CONTEÚDOS	Graus da dúvida; Teoria do conhecimento; racionalismo; (Orientações curriculares para Ensino Médio/MEC); Analisar as ideias de René Descartes a respeito da dúvida a partir dos fragmentos da obra <i>Meditações</i> , no contexto da Idade Moderna; (Orientações curriculares para o ensino médio: Caderno de filosofia-SEDUC/MA)	
OBJETIVOS	Estabelecer relação da dúvida com o método para busca racional do conhecimento; Conhecer os conceitos do argumento do erro dos sentidos, do sonho e do Deus enganador para entender o problema da dúvida.	
RECURSOS	Texto em pdf, celular (<i>WhatsApp</i>) ou notebook, pincel, quadro branco, Datashow.	

1ª aula	Levantamento das ideias	Neste primeiro momento da aula o professor irá contextualizar a filosofia cartesiana com o auxílio do Datashow, dialogando com os alunos e o que eles conheciam sobre o filósofo e suas ideias. No segundo momento, postar no grupo do <i>WhatsApp</i> o vídeo para discutir os principais pontos. Perguntando qual era o problema de Descartes? Qual era a relação entre os sentidos e a realidade? A importância da razão, da
----------------	--------------------------------	---

	dúvida no processo de sua filosofia, e sua influência.
--	--

2ª aula	Leitura filosófica	Sugere-se a leitura em sala de aula dos fragmentos do texto da obra de Descartes para conhecerem suas ideias, dividindo em duplas e fazendo inicialmente a leitura juntos. Destaca-se o nome do autor do texto e sua biografia, contexto histórico que o mesmo viveu e escreveu o texto contido no excerto e hiperlinks via <i>WhatsApp</i> . Após a leitura os alunos deverão produzir um mapa conceitual respondendo à seguinte pergunta focal: <i>Quais os graus da dúvida na Primeira Meditação Cartesiana?</i> e a partir da leitura e montagem do mapa, orientar para localizarem no texto. Sendo que as dúvidas serão debatidas no grupo. a) O problema tratado pelo filósofo; b) A tese que defende; c) Seus principais argumentos; d) A resposta que dá ao problema.
3ª aula	Reflexão filosófica	Nesta aula o professor irá discutir sobre as questões do excerto e levantar a reflexão para responderem: Descartes chegou a duvidar de tudo. E você acredita em quê?
4ª aula	Sistematização e socialização das ideias	O professor apresentará a proposta de exposição dos mapas elaborados pelos alunos através do grupo do <i>WhatsApp</i> . E, depois da data acertada, exposição e apresentação através de áudios, mensagens dos mapas no grupo, o professor comentará cada um deles com os alunos.

1ª AULA

MATERIAL (VÍDEO)

Vídeo: René Descartes: Penso logo existo, período renascentista. Disponível em:< <https://youtu.be/8UGdAipS4II>>. Acesso em: 17 ago 2020.

2ª AULA

MATERIAL (TEXTO)

René Descartes (1596 - 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Autor da frase: "Penso, logo existo". É considerado o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna.

Sua preocupação era com a ordem e a clareza. Propôs fazer uma filosofia que nunca acreditasse no falso, que fosse fundamentada única e exclusivamente na verdade.

René du Perron Descartes nasceu em La Hayne, antiga província de Touraine, hoje Descartes, na França, no dia 31 de março de 1596. Filho de Joachim Descartes, advogado e juiz, proprietário de terras, com o título de escudeiro, primeiro grau de nobreza. Era também conselheiro no Parlamento de Rennes na vizinha cidade de Bretanha.

EXCERTO: DESCARTES “**Meditações**” 1ª parte (p.13 a 16) DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Coleção. Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: abril Cultural, 1983. p. 33-80.

Primeira Meditação

Das coisas que podem ser postas em dúvida

1. Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências.

(...) Tudo o que recebi até o presente como o mais verdadeiro e seguro, eu o aprendi dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência jamais se fiar inteiramente em quem nos enganou uma vez.

Devo, contudo, aqui considerar que sou homem e que, por isso, tenho o costume de dormir e de representar em meus sonhos as mesmas coisas, ou outras por vezes menos verossímeis, que esses insensatos quando acordados. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava perto do fogo, embora estivesse inteiramente nu em minha cama?

É por isso que, talvez, daí não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas, mas que a Aritmética, a

Geometria e as outras ciências dessa natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais sem muito se inquietarem sobre se elas existem na natureza ou não existem, contêm alguma coisa de certo e indubitável.

Há muito tempo, entretanto, que tenho em meu espírito certa opinião de que há um Deus que pode tudo e por quem fui criado e produzido tal como sou.

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador que poderoso, que empregou toda a sua destreza em enganar-me

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Coleção. Os pensadores, vol. XV.

Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: abril Cultural, 1983.

Antologia.

Disponível

em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf> Acesso em: 15 abr 2020.

Vídeo: René Descartes: Penso logo existo, período renascentista. Disponível em:<<https://youtu.be/8UGdAipS4II>> Acesso em: 17 ago 2020.

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA
ANO/ SÉRIE: 2020/ 2º ano

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA
SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PANDEMIA

TEMPO ESTIMADO	01 aula	45 h/a
HABILIDADES (BNCC)	Problematizar, assumindo uma atitude de investigação e de reflexão sobre as ideias/ afirmações dos textos analisados.	
CONTEÚDOS	Graus da dúvida; Teoria do conhecimento; racionalismo; (Orientações curriculares para Ensino Médio/MEC); Analisar as ideias de René Descartes a respeito da dúvida a partir dos fragmentos da obra <i>O Discurso do Método</i> , no contexto da Idade Moderna; (Orientações curriculares para o ensino médio: Caderno de filosofia- SEDUC/MA)	
OBJETIVOS	Estabelecer relação da dúvida com o método para busca racional do conhecimento; Relacionar o método com a atualidade através da análise das fake News;	
RECURSOS	Texto em pdf, celular (<i>WhatsApp</i>) ou notebook.	

1ª aula	Levantamento das ideias	No primeiro momento da aula o professor irá revisar a filosofia cartesiana com áudios através do <i>WhatsApp</i> . Pedindo que coloquem suas dúvidas no grupo. Depois encaminha em pdf o arquivo da atividade com o excerto e as questões a serem respondidas.
----------------	--------------------------------	--

2ª aula	Leitura filosófica	Sugere-se a troca de informações no grupo, o compartilhamento das dúvidas e o desenvolvimento da tarefa assim como a relação filosófica do método como possibilidade de identificar as fake News.
------------	--------------------	---

CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA

DISCIPLINA: FILOSOFIA

ALUNO (A): _____

1. Leia abaixo o trecho da obra de Descartes sobre o método. Relacionando com as fake News em que vivemos atualmente, através das regras de Descartes podemos **ser mais conscientes** diante dessa realidade? Você pode responder ser num formato de **Podcast**. Aplicativos gratuitos para fazer um Podcast: **google podcasts, Podcast e radio addict, Podcast go**. Aproveitem os **hiperlinks** (são as frases de outras cores que levam aos links);

Objetivo dessa atividade é fazê-los pensar a partir do método cartesiano e como usá-lo no nosso dia a dia. Debatendo o percurso no grupo, sua participação e colaboração entre os colegas está sendo avaliado

Avaliação:

10 % pesquisar nos hiperlinks;
 25% relacionar o método com as fake News dando exemplos de como solucionar o problema;
 50% produzir um Podcast de como incentivar a criticidade na sociedade a partir do método e compartilhar no grupo sobre
 15% debater o desenvolvimento da tarefa

EXCERTO: DESCARTES “**O Discurso do Método**” 3ª parte (p.13 a 16)
 DESCARTES, René. Discurso do método. Coleção. Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: abril Cultural, 1973. p. 33-80.

A saber, daqueles que, julgando-se mais hábeis do que realmente são, não podem impedir-se de precipitar seus juízos, nem ter suficiente paciência para conduzir ordenadamente todos os seus pensamentos: disso decorre que, se tivessem tomado uma vez a liberdade de duvidar dos princípios que aceitaram e de se desviar do caminho comum, jamais poderiam ater-se à trilha que é necessário tomar para ir mais direito, e permaneceriam perdidos ao longo de toda a existência;

O primeiro era o de nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção, e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele.

O segundo, o de repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las.

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, o de efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir.

Essas longas séries de razões, todas simples e fáceis, que os geômetras costumam utilizar para chegar às suas mais difíceis demonstrações, tinham-me dado a oportunidade de imaginar que todas as coisas com a possibilidade de serem conhecidas pelos homens seguem-se umas às outras do mesmo modo e que, uma vez que nos abstenhamos apenas de aceitar por verdadeira qualquer uma que não o seja, e que observemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode existir nenhuma delas tão afastada a que não se chegue no final, nem tão escondida que não se descubra.

Hiperlinks:

Vídeo de Descartes: Penso, logo existo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8UGdAipS4II&feature=youtu.be&ab_channel=didatics> Acesso: 25 abr 2020

Quatro regras do método. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2017/06/14/quatro-regras-do-metodo-de-descartes/> Acesso: 20 abr 2020

Filosofia. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/ericafrau/3-descartes>> Acesso: 10 mai 2020

Dicas de sites de pesquisa:

Sites e blogs de Filosofia. Disponível em: <https://petfilosofiaunicentro.webnode.com.br/products/sites-e-blogs-filosoficos1/> Acesso: 20 mai 2020.

ANEXOS

REFERENCIAIS CURRICULARES DO ESTADO DO MARANHÃO (2010, p. 200).

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
<p>Articular conhecimentos da Filosofia com diferentes conteúdos e métodos presentes nas ciências naturais e humanas, possibilitando desenvolvimento do pensamento e da linguagem lógica.</p> <p>Analisar, refletir e interpretar textos referentes à realidade que contribuam com a (re) elaboração da visão de mundo.</p> <p>Desenvolver postura crítica de cidadão frente às situações cotidianas considerando os fundamentos éticos, estéticos e políticos necessários a formação de valores.</p> <p>Compreender questões da Filosofia na contemporaneidade, considerando o contexto histórico social.</p>	<p>Analisar textos filosóficos de diferentes correntes, autores, tendências e ideologias, considerando o contexto em que foram produzidos.</p> <p>Estudar e discutir diversos sentidos de ideologias, enfatizando os problemas decorrentes, tanto da generalização</p> <p>Problematizar questões cotidianas, culturais e científicas.</p> <p>Expressar ideias desenvolvendo uma prática analítica, investigativa, questionadora e reflexiva.</p> <p>Reconhecer o real como uma totalidade inter-relacionada.</p> <p>Compreender o significado de moral e ética.</p> <p>Desenvolver estudos relativos à linguagem para viabilizar a comunicação efetiva, o entendimento do mundo e a realidade cultural.</p> <p>Tornar compreensível o juízo, o raciocínio e a reflexão, como elementos indispensáveis ao desenvolvimento da capacidade de argumentação e a logicidade de ideias.</p> <p>Utilizar categorias filosóficas para fundamentar a leitura e produção de textos.</p> <p>Problematizar, assumindo uma atitude de investigação e de reflexão sobre as ideias/afirmações/dos textos analisando.</p> <p>Desenvolver a autocrítica, possibilitando revisão de ideias e valores previamente estabelecidos.</p> <p>Expressar-se oralmente e por meio da escrita sobre as temáticas da Filosofia, de forma analítica, investigativa, questionadora e</p>

	<p>reflexiva.</p> <p>Produzir textos sobre as temáticas da Filosofia.</p> <p>Compreender normas e princípios da cidadania.</p> <p>Desenvolver uma postura crítica e investigativa em relação à construção e ao exercício da cidadania (Patrício, 2002).</p> <p>Analisar situações-problema, indicando possíveis soluções.</p> <p>Compreender o significado de moral e ética e sua importância social na vida dos homens.</p> <p>Promover uma reflexão sistemática sobre os valores que devem orientar as relações na coexistência humana.</p> <p>Possibilitar uma discussão sobre ética, valores, estética, política, linguagem, ciência e tecnologia.</p> <p>Compreender a relação existente entre as categorias: ética, valor, moral, política e estética.</p> <p>Compreender as relações de poder e suas implicações sociais no tempo e no espaço.</p> <p>Refletir sobre a fundamentação filosófica das relações econômicas, políticas, sociais e culturais na pós-modernidade.</p> <p>Refletir sobre o conhecimento produzido pelas diversas ciências, sua utilização e seus efeitos na natureza e na sociedade.</p> <p>Analisar de forma crítica e reflexiva fatos bem diversificados para o alcance de uma compreensão e de uma ação mais efetiva e transformadora.</p>
--	---

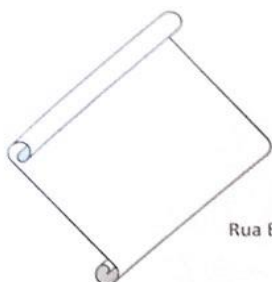
2ª SÉRIE - EM

EIXOS TEMÁTICOS: CONHECIMENTO, RACIONALISMO, EMPIRISMO; CIÊNCIA E IDEOLOGIA; BELEZA E ARTE; ESTÉTICA, LIBERDADE PESSOAL E DE EXPRESSÃO; ÉTICA, POLÍTICA, PODER E CIDADANIA.

PER	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
1º	<p>Compreender as definições de Epistemologia, conhecimento e suas implicações imediatas.</p> <p>Identificar diferenças entre definição de opinião (doxa) e conhecimento (episteme).</p> <p>Analisar as ideias do racionalismo, empirismo e criticismo.</p> <p>Distinguir teorias do conhecimento (racionalismo, empirismo e criticismo kantiano).</p>	<p>Definição de Epistemologia/Teoria do Conhecimento;</p> <p>Definição de conhecimento;</p> <p>Racionalismo (Descartes e Leibniz);</p> <p>Empirismo (Lock e Hume);</p> <p>Criticismo (Kant);</p> <p>A busca da verdade.</p>
2º	<p>Identificar aspectos relevantes que provocaram o rompimento entre conhecimento religioso e científico.</p> <p>Perceber as diferenças entre visão cristã medieval e mentalidade mecanicista da ciência moderna.</p> <p>Analisar os métodos científicos.</p> <p>Discutir aspectos éticos da ciência.</p> <p>Debater implicações políticas da tecnologia.</p> <p>Sublinhar as questões ideológicas na linguagem e prática da ciência e tecnologia.</p>	<p>Renascimento;</p> <p>Revolução científica;</p> <p>As bases da ciência moderna em Bacon, Galileu e Newton;</p> <p>Métodos da ciência (indução, dedução, hipotético-dedutivo, falsificacionismo, etc.);</p> <p>Ciência, ética e política;</p> <p>Ideologia;</p> <p>A metafísica da modernidade;</p> <p>A crise da razão.</p>
3º	<p>Refletir sobre a ideia de beleza como conceito.</p> <p>Ampliar conceitos de Arte e sua natureza.</p> <p>Perceber a vinculação entre filosofia e arte como expressão estética do pensamento reflexivo.</p> <p>Apreciar as categorias estéticas presentes na arte e na natureza.</p>	<p>Conceito de beleza e sua evolução na tradição filosófica;</p> <p>Conceito e Natureza da Arte;</p> <p>Relação entre filosofia e arte;</p> <p>Estética:</p>

	<p>Argumentar filosoficamente sobre cultura de massa, popular e erudita.</p> <p>Tecer argumentação lógica sobre o conceito de indústria cultural como problema da cultura.</p>	<p>introdução conceitual;</p> <p>Categorias estéticas;</p> <p>Cultura: definições e problemas.</p>
4º	<p>Compreender conceitos de liberdade e livre-arbítrio, como faculdades da razão e da vontade humana.</p> <p>Discorrer de modo argumentativo sobre as noções de liberdade e livre-arbítrio em Agostinho, Tomás de Aquino, Sartre e outros.</p> <p>Distinguir concepções de liberdade de expressão e liberdade de pensamento.</p> <p>Compreender os princípios legais da democracia, no Estado democrático de direito.</p> <p>Relacionar os conceitos de democracia e liberdade na contemporaneidade, e suas respectivas fundamentações no campo da Ética.</p>	<p>Liberdade e livre-arbítrio (Agostinho, Tomás de Aquino, Sartre e outros);</p> <p>Determinismo;</p> <p>Liberdade de expressão e de pensamento;</p> <p>Democracia;</p> <p>A liberdade como exercício da democracia;</p> <p>Teorias éticas.</p>

Material segundo as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2017) do Estado do Maranhão.



ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UNIDADE REGIONAL DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE ENSINO VICENTE MAIA
Rua Estados Unidos, S/N no bairro Anjo da Guarda TEL (98) 9832282664

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Bernardeth de Lourdes Nogueira Castro, gestora geral do Centro de Ensino Vicente Maia, venho por meio deste, **autorizar** a mestranda **Edna Cristina Leite Teixeira**, portadora de Rg.:72451597-6, CPF: 49416693391, a realizar a pesquisa de intervenção nas turmas de nossa escola, sob orientação da prof^a Dr.^a Franciele Monique Scopect . Conforme projeto apresentado pela mestranda, a pesquisa de intervenção faz parte do trabalho acadêmico do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PROF-FILO) -Mestrado Profissional em Filosofia, cujo o título: **O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência no Centro de Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o WhatsApp**, tem por objetivo geral: analisar uma investigação acerca do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC como recurso didático para o ensino de Filosofia no ensino médio, numa perspectiva sobre o desenvolvimento da inteligência coletiva e possui as seguintes etapas: 1) Aplicação de questionário socioeconômico e de pré-intervenção; 2)Aplicação de sequência didática; 3) Aplicação de questionário pós-intervenção, que serão realizadas nas aulas de Filosofia.

Conforme informado pela mestranda, a referida pesquisa não comprometerá o andamento das atividades pedagógicas e não irá gerar nenhum custo para a instituição de ensino.

Bernardeth de Lourdes Nogueira Castro

Bernardeth de Lourdes Nogueira Castro
Bernardeth de Lourdes Nogueira Castro

Gestora geral do Centro de Ensino Vicente Maia

"Nossa Missão é promover um ensino de qualidade para nossos alunos, visando desenvolver habilidades, valores éticos e morais, num ambiente participativo, transparente e inovador, respeitando todos os indivíduos tornando-os cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres na sociedade".

São Luís, 28 de Outubro de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
PROF-FILO MESTRADO PROFISSIONAL



(Aprovado pela Resolução 1476/2009 – CONSEPE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário (a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação EDNA CRISTINA LEITE TEIXEIRA, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail ednafilosofia@gmail.com e pelos telefones (98) 98848-9104. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do (a) Prof (a), Dr(a), Franciele Monique Scopetc, que poderá ser contatado (a) pelo e- mail franmonique@gmail.com.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes, entrevistas, grupos focais, observação participante etc.) com alunos(as), professores(as), dirigentes e comunidade escolar vinculados à Escola (nome da escola), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "O ENSINO DE FILOSOFIA NA PALMA DA MÃO: uma experiência no Centro de Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o WhatsApp". Minha participação consistirá em (responder questionário para coletar dados socioeconômicos e étnico-cultural, questionário prévio à pesquisa e pós intervenção metodológica a ser aplicado com os sujeitos da pesquisa). Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Miriam Oliveira Silva

Assinatura do (a) responsável

São Luís, de _____ de 2020